

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PAULO SOARES RODRIGUES

**O encaixe de Construções de Discurso Reportado na Prótase de Condicionais:
uma abordagem Sociocognitiva.**

Juiz de Fora/MG

2011

PAULO SOARES RODRIGUES

**O encaixe de Construções de Discurso Reportado na Prótase de Condicionais:
uma abordagem Sociocognitiva.**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha. Doutor em Linguística.

Juiz de Fora/MG

2011

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família, a meus pais, Paulo José e Geraldina, a meu irmão, Guilherme, a meus companheiros de mestrado e meus amigos. Não como prova ou justificativa pelas ausências em determinados momentos, mas como gratidão pela confiança e pela espera por este dia.

Agradecimentos

Ao fechar os olhos na tentativa de buscar na memória os grandes momentos, sejam positivos ou negativos, que compõem todo o processo de elaboração desse trabalho, deparei-me com a influência e a presença daqueles que participaram, indireta ou incisivamente nesta caminhada. Por isso, por fazerem parte e serem também responsáveis pelos resultados que apresentamos, citamos alguns deles, na certeza de que será eterna a gratidão pela ajuda, pelos conselhos, ou pelas broncas sempre necessários. Com o perdão da redundância e do uso excessivo de possessivos, sou grato:

Ao Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha, meu grande orientador, amigo e motivador. Agradeço por me mostrar como a ciência pode ser minha aliada. Por saber me ensinar e exigir de mim aquilo que acreditava ser meu potencial; obrigado pelos incentivos, pelos questionamentos e pela permanente paciência;

Ao Programa de Pós Graduação em Linguística da UFJF, personificado nas figuras de Rosângela Monteiro, sempre disposta a ajudar em todos os momentos e na Profa. Dra Cristina Name, pelo apoio e crença no trabalho desenvolvido;

Aos professores do PPG linguística e companheiros de sala no mestrado, responsáveis pela base de tudo que pudemos desdobrar nesta dissertação;

A toda minha família e, em especial a meus amados pais, Paulo José Rodrigues e Geraldina Lucia Soares Rodrigues, eternos professores, mestres e doutores da vida, que me incentivam, me cobram e me apoiam, mas nunca duvidam, nunca deixam de crer. Adiciono um agradecimento especial a meu irmão Guilherme Soares Rodrigues, meu parceiro, meu psicólogo, meu ombro, meu espelho. Eles são minha casa, meu alicerce, minha força e meus amores.

A meus amigos mais íntimos, os quais nomearei, já que não são muitos. Com cada um deles me sinto pleno e verdadeiro, o respeito e o amor mútuo da amizade convergem para um sentimento fraterno e sincero: obrigado Natália Zampieri, Ricardo Domingos, Mariana Barata, Lívia Arcanjo, Ana Emília Tozzo, Leonardo Garbois, Carlos Magno Pacheco, Pedro Rick Brock, Rafael Borges, Willian Schuenck, Henrique Beranger e Dhébora Miranda.

A Deus, por ser a fé que me guia, por ser minhas mãos enquanto levo a pena, por ser meus olhos e meu coração enquanto respiro. Por ser inspiração e fonte de vida.

"It may be that the gulfs will wash us down;
It may be we shall touch the Happy Isles,
And though we are not now that strength which in old days
Moved earth and heaven, that which we are, we are.
Made weak by time and fate, but strong in will;
To strive, to seek, to find, and not to yield."

Alfred Tennyson (retirado do poema Ulysses, 1833)

Resumo

A intenção de contribuir com a descrição e análise de construções do Português do Brasil, construções, até então, não estudadas é um dos propósitos da Linguística Cognitiva, à qual nos ancoramos. O padrão construcional investigado nesta dissertação é um tipo de condicional com discurso reportado encaixado em sua prótase – trata-se do modelo **Se X *dicendi* Y, Z**. A condicionalidade, objeto de estudo de Sweetser e Dancygier (2005) e Ferrari (1999, 2001, 2002, 2005, 2007, 2008 e 2009), é vista, neste trabalho, a partir dos modelos de uso da Gramática das Construções de Goldberg (1995, 2006), Croft (2004) e Salomão (2009) e dos pressupostos da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER 1994, 1997). Propomos, aqui, uma abordagem cognitivista voltada para a condicionalidade, colocando em relevo o elo entre construções gramaticais e espaços mentais, contemplando as contribuições da fala reportada, nos termos de Rocha (1999, 2004), Sanders e Redeker (1996) e Cutrer (1994).

Assim, em conjunto com a Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004), fizemos uso de *corpora* que permite visualizar o comportamento de nossas construções, mais especificamente no *corpus* CETEM-Folha. As análises que serão apresentadas no decorrer da pesquisa põem à vista um padrão semi-aberto que não se mostrou muito produtivo no ambiente pesquisado. A escassez de ocorrências se justifica devido a fatores como o caráter hipotético determinado pela condicionalidade, em comunhão com a propriedade argumentativa da construção. Isso provoca o atenuamento da força ilocucionária do discurso reportado e faz com que, em meio jornalístico, característico por reportar factivamente a voz do outro, não encontremos muitos usos de **Se X *dicendi* Y, Z**. Em relação à configuração de espaços mentais das instâncias, notamos que, em todas elas, há certa similaridade. O que nos chama atenção é o variado posicionamento do Ponto de Vista dentro da diagramação dos EM, que nos leva a pensar em não-uniformidade de postura epistêmica nas condicionais que estudamos, além das posturas uniformes neutra e negativa. Focalizamos, ainda, o jogo argumentativo característico desse padrão, visto que a prótase, por trazer consigo a marca da hipótese, configura-se como preparação de terreno para que o falante defenda seu ponto de vista subsequentemente, na apódose. Por fim, discutiremos o enriquecimento do conceito de construção. Através dos postulados de Fillmore, Dancygier, Sweetser e Ferrari, teorias, como a dos espaços mentais, agregaram-se ao conceito de construção proposto por Goldberg e deram maior dinamicidade ao modelo de análise de construções de estrutura argumental desenvolvido pela autora.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva, Gramática das Construções, Espaços Mentais, Discurso Reportado.

Abstract

The intention of contributing with the description and analysis of constructions of Brazilian Portuguese, constructions, hitherto, not studied is one of the purposes of Cognitive Linguistics, in which we are anchored. The pattern under investigation in this dissertation is a type of conditional with reported speech embedded in its protasis – it is the **Se X *dicendi* Y, Z** model. The conditionality, object of study of Sweetser & Dancygier (2005) and Ferrari (1999, 2001, 2002, 2005, 2007, 2008 and 2009), is seen, in this essay, from the used based model of Goldberg's Construction Grammar (1995, 2006), Croft (2004) and Salomão (2009) and the presuppositions of Mental Spaces Theory (FAUCONNIER 1994, 1997). We propose, here, a cognitive approach focused on conditionality, putting in relief the link between grammatical construction and mental spaces, contemplating the contributions of reported speech, in terms of Rocha (1999, 2004), Sanders & Redeker (1996) and Cutrer (1994).

Thereby, together with the Linguistic of *Corpus* (SARDINHA, 2004), we make use of *corpora* that shows the behavior of our construction, specifically in the *corpus* CETEM-Folha. The analysis that will be presented during the study puts to view a half-opened pattern that was not very productive in the investigated sites. The lack of occurrences is justified due to factors such as the hypothetical character determined by the conditionality, in communion with the argumentative property of the construction. That reduces the illocutionary force of the reported speech and cause, in journalistic media, characteristic for reporting the other's voice, we do not find many uses of **Se X *dicendi* Y, Z**. Regarding the configuration of mental spaces of the instances, we note that in all of them, there is a certain similarity. What caught our attention is the varied positioning of the viewpoint in the diagramming of the mental spaces, which leads us to think in non-uniformity of the conditional epistemic posture in the constructions that we studied, besides the uniform neutral and negative stances. We focus, though, the typical argumentative game of this pattern, seeing that the protasis, to bear the mark of the hypothesis, appears as preparing the ground for which the speaker defends his point of view subsequently, in apodosis. Finally, we discuss the enrichment of the concept of construction. By the postulates of Fillmore, Dancygier, Sweetser and Ferrari, theories, such as mental spaces, were added to the concept of constructions proposed by Goldberg and gave more dynamic to the analysis model of argument structure constructions developed by the author.

Key-words: Cognitive Linguistics, Construction Grammar, Mental Spaces, Reported Speech.

Listas

- Diagrama (1): representação em espaços mentais de “Max acredita que Susan odeia Harry”. (11)
- Diagrama (2): representação em espaços mentais de “*In that movie, Max believes that the flowers are yellow*”.(14)
- Diagrama (3): camadas de espaços hierarquicamente dispostos.(15)
- Diagrama (4): representação em espaços mentais de “Max tem 23 anos”.(18)
- Diagrama (5): representação em espaços mentais de “Ele tem morado no exterior”.(19)
- Diagrama (6): representação em espaços mentais de “Em 1990, ele morou em Roma”.(19)
- Diagrama (7): representação em espaços mentais de “Em 1991, ele se mudaria para Veneza”.(20)
- Diagrama (8): representação em espaços mentais de “Ele teria, então, morado um ano em Roma”.
.....(20)
- Diagrama (9): representação em espaços mentais de “Se eu fosse um milionário, meu VW seria um Rolls”.(22)
- Diagrama (10): mapeamento parcial entre os domínios-fonte.(24)
- Diagrama (11): espaço genérico.(24)
- Diagrama (12): mescla.(25)
- Diagrama (13): estrutura emergente.(25)
- Diagrama (14): mesclagem.(26)
- Diagrama (15): representação em espaços mentais de “Ela disse que se terminar o trabalho cedo, faria compras”.(43)
- Diagrama (16): representação em espaços mentais de “O homem estava claramente correndo da polícia”, disse o porta-voz”.(48)
- Diagrama (17): representação em espaços mentais de “De acordo com o porta voz, o homem estava “claramente fugindo da polícia”.(49)
- Diagrama (18): representação em espaços mentais de “Eles também tinham ouvido tiros, mas não sabiam de nada, disseram”.(50)
- Diagrama (19): representação em espaços mentais de “Ele ouviu alguma coisa e olhou em volta. Lá estavam os três ingleses de novo. Agora, poderiam ser eles realmente turistas? Não, de jeito algum! Eles pareciam tão esfarrapados.”.(52)
- Diagrama (20): representação em espaços mentais de “A polícia perdeu o rastro do carro com a garota sequestrada”; “Na mata próxima a Apeeldorn, um policial viu um homem que estava com uma garota” e “O sequestrador a libertou numa rua próxima”.(54)
- Diagrama (21): representação em espaços mentais de “John disse que estava doente”.(57)

Diagrama (22): representação em espaços mentais de “John anunciará à meia noite que ele queimou os documentos duas horas atrás”.	(59)
Diagrama (23): representação em espaços mentais de “John disse que estará doente”.	(60)
Diagrama (24): representação em espaços mentais de “John anunciou ontem que tinha se demitido no dia anterior”.	(61)
Diagrama (25): representação em espaços mentais de “Sou amigo de muitos políticos brasileiros, mas se você me perguntar se existe um grande estadista no Brasil, direi que não”.	(87)
Diagrama (26): representação em espaços mentais de “... táticos e a disciplina em campo, se me disserem que qualquer seleção do mundo não terá receio de perder, não acredito”.	(89)
Diagrama (27): representação em espaços mentais de “Aliás, se ele dissesse adeus, agradaria aos paulistas e a Deus”.	(91)
Diagrama (28): representação em espaços mentais de “A redução dos prazos de desincompatibilização, se eu disser que estou alheio, seria hipocrisia”.	(95)
Esquema (1): Princípio da Identificação	(12)
Esquema (2): construção de movimento causado.	(30)
Esquema (3): geração da construção com discurso reportado encaixado na prótase da condicional.	(98)
Quadro (1): os diferentes tipos de discurso reportado.	(46)
Quadro (2): relação de verbos <i>dicendi</i> presentes nas prótases das instanciações de Se X <i>dicendi</i> Y, Z e seus respectivos percentuais de ocorrência.	(76)
Quadro (3): classificação dos textos das instâncias de Se X <i>dicendi</i> Y, Z e seus percentuais de aparecimento.	(78)
Quadro (4): relação de ocorrências de verbos <i>dicendi</i> encontrados no corpus da Folha de São Paulo, através de busca no site VISL.	(80)
Quadro (5): percentual de ocorrências com discurso direto e indireto.	(82)
Figura (1): página inicial do <i>corpuseye</i>	(65)
Figura (2): forma de acesso ao <i>corpus</i> da Folha de São Paulo no projeto <i>corpuseye</i>	(67)
Figura (3): a primeira coluna de busca – preenchimento com “se” no espaço <i>WORD</i>	(69)
Figura (4): adição da segunda coluna de busca – contemplação de todas as categorias de <i>part of speech</i>	(70)
Figura (5): conclusão do processo de busca – na terceira coluna, preenchimento com o verbo <i>dicendi</i> , dizer, nesse exemplo, em <i>BASE</i>	(71)

Sumário

1 Introdução

2 Pressupostos Teóricos

2.1 Teoria dos Espaços Mentais

2.1.1 *Frame*, Contrapartes, Função Pragmática e Construtores de Espaços

2.1.1.1 *Frame* ou MCI

2.1.1.2 Construtores de Espaços Mentais, Contrapartes e Função Pragmática

2.1.2 O Princípio da Identificação

2.1.3 Base, Foco, Evento e Ponto de Vista

2.1.4 Hipótese e/ou Contrafactualidade

2.1.5 Mesclagem

2.2 A Gramática das Construções

2.2.1 Organização, nível de esquematicidade e relações de herança entre construções

2.2.2 Noção Construcional para Condicionais

2.2.3 Condicionais e Domínios Cognitivos

2.2.3.1 Condicionais de Conteúdo ou Preditivas

2.2.3.2 Condicionais Epistêmicas

2.2.3.3 Condicionais Pragmáticas

2.2.4 O Construtor de Espaços *SE*

2.2.5 A postura epistêmica em condicionais

2.3 Espaços Mentais e Discurso Reportado

2.3.1 O trabalho de Sanders e Redeker

2.3.1.1 O Discurso Direto

2.3.1.2 O Discurso Indireto

2.3.1.3 O Discurso Indireto Livre

2.3.1.4 A Perspectiva Implícita

2.3.2 A Tese de Cutrer

3. Metodologia

3.1 As ferramentas de trabalho e o *Corpus*

3.2 Os processos de busca

3.2.1 A busca sob ponto de vista quantitativo

3.2.2 A busca sob ponto de vista qualitativo

3.3 Objetivos

3.3.1 Objetivos quantitativos

3.3.2 Objetivos qualitativos

3.4 Perguntas

3.4.1 Perguntas de ordem quantitativa

3.4.2 Perguntas de ordem qualitativa

4. Análise

4.1 Análise quantitativa dos dados

4.2 Análise qualitativa dos dados

4.2.1 Se X *dicendi* Y, Z - uniformidade de postura epistêmica

4.2.1.1 Subpadrão com Postura Epistêmica Neutra

4.2.1.2 Subpadrão com Postura Epistêmica Negativa

4.2.2 Se X *dicendi* Y, Z - subpadrão com não-uniformidade de postura epistêmica

4.2.3 Se X *dicendi* Y, Z - enriquecimento do conceito de construção com o advento da teoria dos espaços mentais

5. Conclusão

6. Referências

1 Introdução

O pensamento condicional é inerente à mente humana, e o uso desse tipo de construção, apesar de automático para qualquer falante, revela-se um fenômeno altamente complexo e multifacetado. Por meio da condicionalidade, podemos imaginar situações, criar outras, voltar a um passado que não tenha existido e mudá-lo, arquitetar ações futuras que permitem ao falante projetar situações e angariar o seu interlocutor, lançando mão de artifícios persuasivos que se tornam plausíveis em meio ao amplo sistema baseado em hipóteses que a expressão do raciocínio condicional sinaliza. Agregado a isso, neste trabalho, juntam-se as premissas da reportação da fala do outro, sob a ótica do sociocognitivismo, dando novo enquadre ao discurso reportado tratado, pela Gramática Normativa, como estritamente estanque e preso a classes como o discurso direto, indireto e indireto livre.

Mais do que análises baseadas em valores de verdade como nas premissas do raciocínio lógico, as condicionais serão vistas, no presente estudo, como construções. Segundo definição do modelo de Goldberg (1995, 2006), tratam-se de unidades simbólicas que emergem a partir de um pareamento entre forma e significado. As Construções Condicionais vêm sendo amplamente discutidas no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), tendo em vista os trabalhos de Sweetser e Dancygier (2005) e Ferrari (1999, 2001, 2002, 2005, 2007, 2008 e 2009), que propõe uma abordagem cognitivista para tais *construals*. Tal abordagem dinamiza o conceito de construção ao lançar mão da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) para desvendar os aspectos cognitivos subjacentes a esses padrões. Por outro lado, o discurso reportado (DR) é o objeto de estudo de toda sorte de teóricos, inclusive os de LC, como Rocha (1999, 2004), Sanders e Redeker (1996) e Cutrer (1994). A proposta desta pesquisa é unir tais abordagens por conta de uma construção em PB que mescla Condicionalidade e Discurso Reportado: trata-se da construção “**Se X dicendi Y, Z**”.

Ao observarmos os estudos de Ferrari supracitados, notamos que em suas exposições a

respeito de condicionais reportadas, a autora lança mão de um padrão de construções como exemplos em seus trabalhos. Tal modelo apresenta, sequencialmente, a fala reportada posicionada antes da prótase da condicional e, em seguida, a apódose, respeitando a seguinte configuração: “X *DIZER QUE SE Y, Z*”, veja um exemplo: “Jesus **disse** que se não nos tornarmos como crianças, não entraremos no reino dos céus.” (FERRARI, 2007, p. 103) Com isso, pensou-se em uma representação diferente, em que o discurso reportado aparecesse não antes da prótase, mas sim em seu interior, com o propósito de checar sua armação cognitiva, sua representatividade nos *corpora*. Como resultado, a construção “**Se X *dicendi* Y, Z**” emerge, exibindo, em sua ordenação, o Discurso Reportado encaixado na prótase, seguida da apódose, como em “Mas cuidado, **se você disser** que é do Brasil, ele **pode perguntar** como vai o governo.” (Folha de São Paulo, Caderno Economia).

A escolha por um aporte teórico da Linguística Cognitiva deveu-se a um cenário sofisticado criado por essa linha de pesquisa que, entre outras premissas, enxerga a experiência humana como central para o desvelamento dos processos linguísticos, deixando de tentar ver o funcionamento da mente de acordo com padrões lógicos matemáticos, ou ainda, como um conjunto de faculdades independentes. A LC contemporânea crê na mente essencialmente ligada ao corpo, sendo que as experiências, tanto particulares quanto sociais são relevantes para a compreensão do pensamento.

Assim, levados por uma tendência metodológica que prima por estudar a linguagem a partir de suas manifestações reais no discurso, levando em consideração as dimensões social e cultural dos processos de significação, afirma-se uma parceria com a Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004), para que seja possível fazer uso de *corpora* que permitam visualizar o comportamento de nossas construções. Dessa maneira, encontramos refúgio metodológico no site VISL (*Visual Interactive Syntax Learning*), projeto envolvido em muitos aspectos da Linguística Cognitiva baseada em *Corpus*, dentre eles, realizar investigação linguística baseada em *corpora* de línguas específicas e fornecer acesso à Internet para pesquisa de *corpora* (por meio da plataforma *CorpusEye*). Através dessa interface, tivemos contato com o corpus do PB CETEM-Folha, sobre o

qual lançamos nossas atenções, uma vez que procurávamos dados da modalidade escrita.

Com isso, fez-se a busca, tendo no verbo *dicendi* que constitui a construção, um ponto de partida. Os resultados foram dispostos ao longo do trabalho e revelaram uma construção complexa, com uso específico e que, inserida no fluxo discursivo, demonstrou interessantes empregos, segundo as intenções argumentativas do falante que faz escolha por esse tipo de padrão.

O segundo capítulo desta dissertação percorre, brevemente, o arcabouço teórico que permeia a análise. Primeiro, uma introdução aos parâmetros da Linguística Cognitiva, seguido da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER 1994, 1997). A Gramática das Construções, Modelo de Goldberg (1995, 2006), com contribuições de Croft (2004) e Salomão (2009) é empregada a fim de confirmar o status de construção de **Se X *dicendi* Y, Z**. Dentro dessa seção apresentamos a noção de construções para condicionais, fazendo a conexão entre construções e Espaços Mentais, uma das principais intenções desse estudo, partindo dos postulados de Sweetser e Dancygier (2005) e Ferrari (1999, 2001, 2002, 2005, 2007, 2008 e 2009). Por fim, alcançamos as contribuições da fala reportada sob perspectiva da Teoria dos Espaços Mentais, segundo contribuições de Rocha (1999, 2004), Sanders e Redeker (1996) e Cutrer (1994).

No terceiro capítulo, apresentamos os processos metodológicos e os caminhos utilizados na confecção dessa dissertação, com os objetivos do trabalho e o alcance que se pretende, reafirmando a parceria com a Linguística baseada em *Corpus*, fazendo uso de Sardinha, (2004).

As análises de dados e as considerações a respeito da construção em estudo estão no quarto capítulo que, basicamente, se divide em dois: 4.1 os aspectos quantitativos, que levam em consideração a contagem de ocorrências, sua produtividade, o gênero textual que a compõe, entre outras circunstâncias e, 4.2, os traços qualitativos do estudo, onde exibiremos a diagramação espacial da construção, seguido de seus aspectos semânticos e sua dinâmica em meio ao fluxo discursivo.

Por fim, no capítulo 5, a conclusão, em que realizamos um balanço do estudo, contemplando os ganhos, os esclarecimentos e os pormenores de um esquema altamente complexo da mente humana.

2 Pressupostos Teóricos

De um modo geral, pode se considerar que o advento da Linguística Cognitiva (LC), na 2ª metade do século XX, constituiu uma dissidência da Teoria Gerativa que, entre outros pressupostos, defende um caráter mentalista e internalista às investigações linguísticas e a autonomia da linguagem como uma faculdade independente, sendo, portanto, o conhecimento linguístico um módulo cognitivo que independe de outros módulos da cognição. Nesse paradigma, o uso e a experiência do indivíduo não são levados em consideração, vigorando como periféricos na aquisição do conhecimento linguístico. A LC inaugura para a linguística a “Era da Imaginação” (FAUCONNIER & TURNER, 2002). Ao contrário da vertente chomskyana, essa nova linha dos estudos linguísticos postula que a linguagem é apenas um dos modos de cognição, fazendo parte de uma grande rede de capacidades cognitivas da mente humana.

Esse enquadre sociocognitivo reivindica uma nova agenda investigativa dos fenômenos da linguagem. Tal agenda envereda-se principalmente nas questões referentes à significação. Segundo Salomão (2009), pode-se afirmar que:

Os dois grandes cortes com o programa chomskyano - a questão da significação e a questão da idiomacidade – levam ao desenvolvimento de um campo investigativo bastante heterogêneo nas suas formulações teóricas e preferências analíticas, mas que encontra unidade fundamental em termos de três grandes asserções:

1. a cognição linguística é contínua aos demais sistemas cognitivos; portanto, a linguagem não é só um sistema autônomo.
2. A gramática é uma grande rede de construções; portanto, postula-se uma continuidade básica entre sintaxe e léxico, calcada no uso linguístico.
3. Todo processo de significação procede pela projeção entre domínios cognitivos; portanto, a semântica cognitivista tem um viés inferencialista, que a diferencia do referencialismo da ortodoxia. (SALOMÃO, 2009, p. 22)

Busca-se, através da LC, explicar os processos de significação, não só de fenômenos centrais da língua, mas também de fenômenos tidos como periféricos. Tendo por base esses postulados, na sequência de nossa análise, passamos a delimitar os principais pressupostos teóricos desta pesquisa, visto que o escopo da LC vem se ampliando cada vez mais.

2.1 A Teoria dos Espaços Mentais (TEM)

Instrumento teórico fundamental para cognitivistas que estudam fluxo discursivo, a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER 1994, 1997), apresenta a noção de espaço mental. Inicialmente postulada para resolver conflitos na instanciação referencial, o espaço mental é visto como domínio epistêmico temporário (uma espécie de memória de trabalho para a referenciação). Posteriormente, essa teoria revela-se um importante sistema de domínios e projeções que pretende, em meio ao modelo cognitivo, ajudar na análise de fenômenos de linguagem natural. De acordo com a visão sociocognitiva, devemos crer na linguagem como um instrumento cognitivo, concebendo a subdeterminação do significado pelo significante, diferentemente de outras linhas teóricas. Assim sendo, postula-se que a linguagem não porta o sentido, mas o guia (FAUCONNIER, 1994). Com isso, acredita-se que a

Linguagem não realiza, por si própria, a construção cognitiva – ela “apenas” nos dá, minimamente, mas suficientes pistas para encontrarmos os domínios e princípios apropriados para elaborar/construir uma determinada situação (FAUCONNIER, 1994, p. xviii).

Como se vê, a linguagem constitui apenas a “ponta do iceberg” da construção cognitiva, nos termos do próprio autor.

A noção de Espaços Mentais diz respeito a pequenos “pacotes” conceituais, construídos enquanto falamos e pensamos. Trata-se de operadores do processamento cognitivo que têm como

propósito alcançar o entendimento. Tais “pacotes” ou domínios são representados como conjuntos matemáticos em que se verificam elementos (a,b,c,d,...) e as relações entre esses elementos (R_{1a} , R_{2ab} , R_{3bcd} ,...). Os espaços mentais são domínios locais e dinâmicos, produzidos como funções da expressão linguística que os suscita e do contexto que os configura, i. e., proliferam-se enquanto falamos e pensamos, sendo, por isso, diferentes e novos a cada semiose. Internamente são estruturados por domínios estáveis (*frames*) e externamente são ligados uns aos outros por conectores (marcas linguísticas e contextuais – *Space Builders*), conceitos que apresentaremos em seguida.

2.1.1 *Frame*, Contrapartes, Função Pragmática e Construtores de Espaços

2.1.1.1 *Frame*

O *frame*, como dito anteriormente, é responsável pela estruturação interna dos espaços mentais. Tratam-se de composições de memória pessoal ou social. *Frames* cognitivos são domínios relativamente estáveis, suscetíveis de alteração ou elaboração durante o processo de concepção das construções no fluxo discursivo. O conceito levado em consideração no presente trabalho atende à definição de MCI (Modelo Cognitivo Idealizado) posta por Miranda 1999:

MCI (esquemas conceptuais) são conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis. Têm esses conhecimentos papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária. (MIRANDA 1999, p. 83)

Miranda faz uso de um exemplo que delimita bem as definições de *frame* ou MCI. O exemplo diz respeito a uma redação de um aluno que teria, como atividade, fazer um texto

argumentando sobre como é ser do sexo oposto, ou seja, uma menina. Assim, disponibilizamos abaixo, uma cópia do texto do aluno – Custódio, presente em MIRANDA, (1999, p.84) :

Texto 1:

Menino e Menina

Se eu fosse menina o meu nome seria Lucia.
Eu seria uma menina muito trabalhadeira eu lavava roupa, fazia o almoço e o jantar, lavar a casa, varrer a casa, varrer terreiro, lavar vasilha etc. E uma coisa que eu não queria ser uma professora.
As coisas de meninas são mais facies que as dos meninos.
As coisas dos meninos e trabalhar o dia entero no sol, prantando e capinando, bater pastos, coer arroz, feijão, milho etc.
Menina são mais deferente de que os meninos por que elas não fica na rua até tarde e também não fica em casa sozinha. Os meninos são bem mas deferente de que as meninas eles ficam na rua até tarde, ficar em casa sozinho, caçar tatu de noite etc.

Custódio

Percebe-se que, em sua produção, Custódio estrutura seu texto de acordo com dois MCIs de que tem conhecimento, um correspondente ao universo feminino e outro que diz respeito ao universo masculino. A partir desses *frames*, surgem as dissimilaridades entre meninas e meninos segundo o ambiente em que o aluno vive, evidenciando uma relação de inferioridade das mulheres em relação aos homens, como vemos na sentença “As coisas de meninas são mais facies que as dos meninos”.

Dessa maneira, Miranda define os *frames* de masculino e feminino, segundo Custódio:

Frame 1 – masculino:

Frame 2 – feminino:

- Trabalhar o dia inteiro no sol;
- Plantar, capinar, bater pasto;
- Ficar na rua até tarde;
- Ficar em casa sozinho;
- Caçar tatu à noite

- Fazer almoço, varrer a casa, lavar vasilha;
- Lavar roupa, varrer terreiro;
- Ser professora;
- Não ficar na rua até tarde;
- Não ficar em casa sozinho.

A definição de *frame*, em outras palavras, também pode ser elaborada como algo interativo (*frame* interacional), que está em construção no momento do discurso, sendo que cabe aos participantes interpretar “o jogo que está sendo jogado” (MIRANDA, 1999, p.82), diferenciando um caráter formal de um informal, por exemplo, a fim de que a interlocução faça sentido. Os MCIs relacionam-se diretamente com os valores culturais aos quais o falante está ligado, sendo que, mudar de contexto ou basear-se em determinada realidade pode acarretar em distinções quanto às definições de certos *frames*. No exemplo acima, o *frame* de “masculino” desenvolvido por Custódio é baseado em sua vivência. Entretanto, uma diferente imersão cultural redundará em uma, talvez, diferente conclusão a respeito das definições dos universos masculino e feminino.

2.1.1.2 Os construtores de espaços, as contrapartes e a função pragmática

Os espaços mentais são construídos no decorrer do discurso, através de operações desencadeadas pelas expressões linguísticas. Na constituição desses domínios, estão entidades que se relacionam, mesmo sendo de naturezas diferentes e estando em espaços referenciais diferentes. A tais entidades, damos o nome de contrapartes. As contrapartes são determinadas por funções pragmáticas, ou seja, conexões cognitivas que permeiam os espaços mentais, estabelecendo ligações

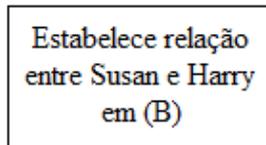
entre entidades de naturezas diferentes por razões culturais, psicológicas ou localmente pragmáticas. Essas ligações, quando estabelecidas, fornecem referência a um objeto em termos de um outro adequadamente ligado a ele.

Os construtores de espaços mentais desempenham um papel importante na elaboração de domínios cognitivos já que apontam para estruturas mentais (*frames*) específicas, autorizando a ligação entre eles. Esses dois domínios relevantes são estabelecidos localmente e tipicamente correspondem a duas categorias de objetos, que são projetados um em outro por uma função pragmática.

Apresentando-se de formas variadas, nossas próximas seções mostrarão que os construtores de espaços podem se apresentar de forma variada, sendo sintagmas adverbiais ou preposicionais (*In that movie* – naquele filme), sentenças (*Ele tem morado no exterior*), conectivos (*if - se*), partículas adverbiais (*Em 1990, Em 1991*), combinações sujeito-verbo (*Max acredita*), dentre outras manifestações. Através deles, vemos as diferenças entre os espaços mentais, com exemplos tirados de Miranda (1999, p. 86) quais sejam: crença (*Eu acho que a Maria casou-se*), imagem (*Na foto, Maria é morena*), hipótese/contrafactualidade (*Se eu fosse você, ia ao ABC*), escala (*Ele é um tipo de herói*), tempo (*A tv anunciou à meia noite a vitória do PMDB em Minas*), drama (*No filme, o ator brasileiro é americano*), lugar (*No Brasil, temos uma bela música*) e modelo cultural (*Em sua religião, Nossa Senhora não existe*). Os construtores estabelecem um novo espaço mental (M) que sempre estará incluído em algum outro espaço, M' ou o B – seu espaço-mãe. Vejamos o exemplo extraído de Fauconnier (1994, p. 17):

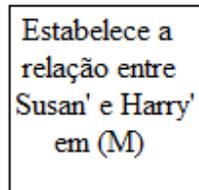
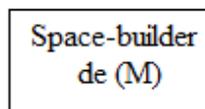
(1) Susan gosta de Harry.

Susan gosta de Harry.



(2) Max acredita que Susan odeia Harry.

Max acredita que Susan odeia Harry.



Veja a representação de (2) em espaços mentais:

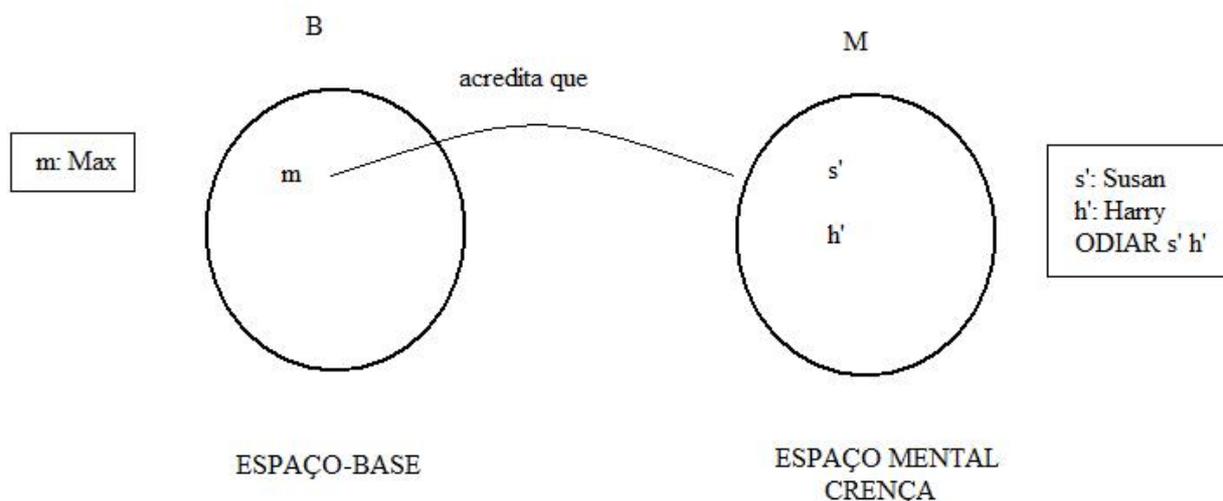


Diagrama 1 – Representação em Espaços Mentais de (2).

Como se vê, Max está em (B), ou seja, encontra-se no espaço correspondente àquele que é conceptualizado como realidade, denominado espaço mental Base, enquanto Susan e Harry encontram-se apenas no espaço mental de crença (M), estabelecido pelo construtor “acredita que”.

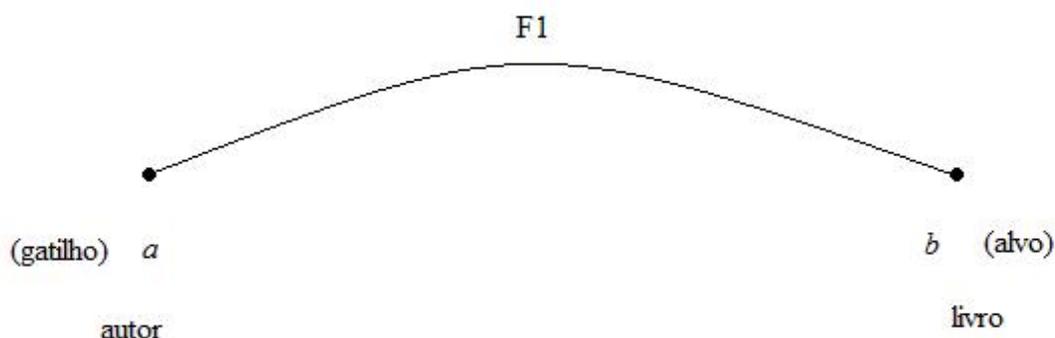
Esse tipo de projeção é de grande relevância em termos da estruturação de nosso conhecimento, uma vez que fornece meios de identificar elementos de um domínio (a) através de sua contraparte no outro (a'). É o que observaremos em nossa próxima seção.

2.1.2 O Princípio da Identificação

O Princípio da Identificação é um dos fundamentos básicos da Teoria dos Espaços Mentais e propõe, segundo Fauconnier (1994, p. 03) que se dois objetos (a) e (b) são ligados por uma função pragmática F ($b=F(a)$). A descrição de (a), d_a , pode ser usada para identificar sua contraparte (b). A respeito de F , Fauconnier afirma que tal função liga dois espaços mentais, sendo um deles o espaço-base, onde estão as entidades (a) e (b), respectivamente, gatilho e alvo. Acompanhe o exemplo:

(3) Platão está na prateleira de cima.

Nesse exemplo de Fauconnier (1994, p.04), a descrição ou o nome da pessoa, d_a (nesse caso Platão), identifica um objeto b , sua coleção de livros, através de uma função (F_1), sendo que a entidade-gatilho a é o autor (Platão) e a entidade-alvo b é a obra do autor, seu livro. Veja o esquema:



Esquema 1: Princípio da Identificação

Em meio às contribuições até agora expostas a respeito da Teoria dos Espaços Mentais, mais um conjunto de premissas que nos ajudará no desvelamento dos fenômenos a serem tratados pelo presente trabalho será apresentado: trata-se das noções de Base, Foco, Evento e Ponto de Vista. Tais conceitos permitirão a análise do fluxo discursivo associada à análise da construção. Isso se dá através da organização de espaços mentais em camadas hierarquicamente estruturadas e impressões pessoais que temos do discurso. Como saber qual o ponto de partida para o desenvolvimento da cena? Para onde se direciona nossa atenção? Sob qual ângulo visualizamos a situação? E em quais

domínios a cena se desenvolve? É o que veremos a seguir por meio dessas categorias básicas importantíssimas que associam Teoria dos Espaços Mentais e Gramática das Construções.

2.1.3 Base, Foco, Evento e Ponto de Vista

Apesar de serem conceitos presentes na obra de Fauconnier (1997), o próprio autor destaca que Cutrer (1994) expõe em detalhes essas noções, propondo um estudo minucioso que será levado em consideração em nosso trabalho, lembrando também que a noção de espaço Foco na TEM foi introduzida primeiramente por Dinsmore (1991).

Espaços são concebidos a partir de construtores e se estabelecem como subordinados a algum espaço Base (como trataremos em nossas exposições) ou “*parent-space*” (CUTRER, 1994, p.50), embora o espaço Base possa não ser explicitamente especificado. A Base deve ser uma situação espaço-temporal, uma situação hipotética, etc, definida por contexto ou por informação pragmática. Como o exemplo de Cutrer a seguir vai nos mostrar, a inclusão de um espaço a partir de uma Base também deve ser indicada sintaticamente. Acompanhe:

(4) Naquele filme, Max acredita que as flores são amarelas.

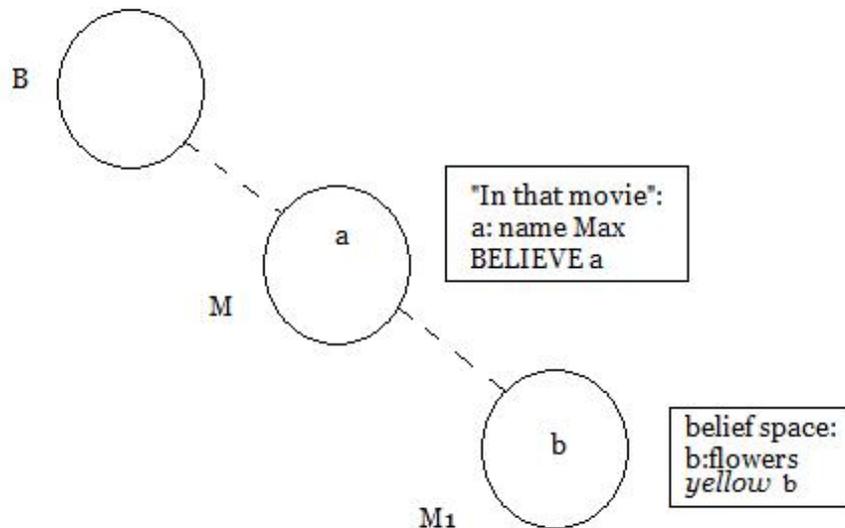


Diagrama 2: representação em espaços mentais de (4).

O espaço B, a realidade do falante é concebida *by default*. O construtor de espaço “naquele filme” aciona a construção do espaço M, estruturado pela expressão “Max acredita”. Desde que nenhum espaço Base seja indicado por sugestões linguísticas ou pragmáticas, a realidade do falante é o espaço Base *default* do espaço M. O construtor “Max acredita” sugere a construção de um espaço-filho (*sun-space* - CUTRER 1994, p.50) M1, a partir do espaço Base M. O encaixe sintático reflete a relação *parent-sun* (relação entre espaço base e espaço-filho), o que indica que M1 é subordinado ao espaço M.

Desde que um espaço seja sempre estabelecido em relação a um espaço Base, a interpretação do discurso resulta em uma configuração de espaços estruturada hierarquicamente como no diagrama seguinte:

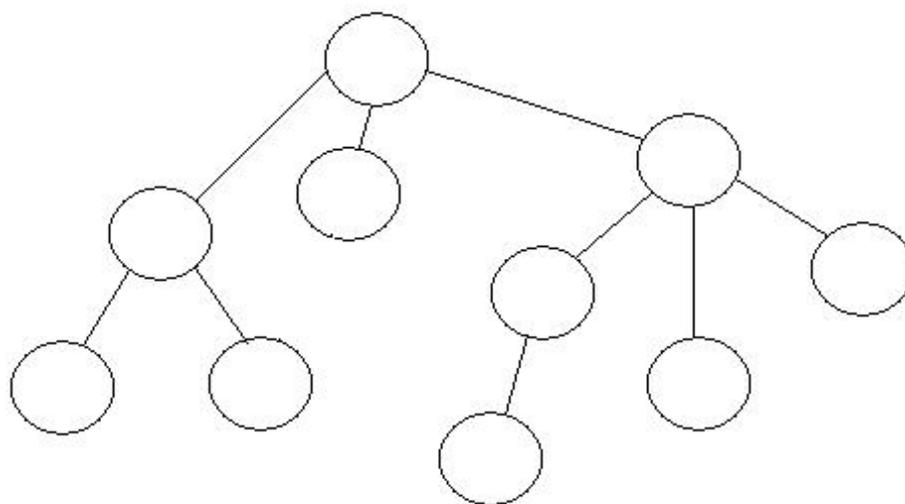


Diagrama 3: Camadas de espaços hierarquicamente dispostos.

A interpretação do discurso resulta na construção de uma ou mais dessas camadas de espaços hierarquicamente ordenados. Desde que a estrutura seja atualizada e pragmaticamente elaborada com cada sequência, a interpretação converte-se em uma sucessão de configurações cognitivas. O espaço que ocupa o mais alto nível em qualquer relação hierárquica é o espaço Base.

Segundo Cutrer (1994), os primitivos teóricos Base, Foco, Evento e Ponto de Vista são noções que operam no nível da construção cognitiva. Eles também correspondem a intuições informais ou noções que temos a respeito do discurso.

O espaço Base é a origem ou espaço inicial em qualquer organização hierárquica de espaços, sendo o ponto de partida, para onde, a qualquer momento, pode-se retornar; trata-se do centro dêitico do discurso. O espaço Base contém, temporariamente e espacialmente falando, um centro zero de referência. Já o espaço Foco é aquele que está sendo internamente construído, é para onde a atenção se volta no fluxo discursivo, é aquele ao qual se acrescenta estrutura, é o espaço mais ativo, o assunto da elocução. O Evento é o espaço temporal em que a situação analisada se passa, é onde a estrutura verbal é construída. Por fim, a noção de Ponto de Vista, que representa o domínio narrativo, avaliativo, etc, de onde outros espaços são acessados, estruturados ou concebidos. Sobre essas definições, em outras palavras, Cutrer (1994) comenta:

Por exemplo, nós sabemos que na produção e interpretação do discurso, precisamos representar situações possíveis e ações dentro de alguns domínios, por isso, a necessidade de uma noção como de EVENTO. Também sabemos que dadas as restrições impostas por nossa atenção e nosso sistema de memória, não podemos dar conta, descrever ou recriar tudo de uma vez, mas devemos focar nossa atenção em uma parte particular da cena, surgindo, assim, a noção de FOCO. É parte de nossa capacidade cognitiva básica que sejamos capazes de enxergar as coisas mentalmente segundo diferentes ângulos, daí o PONTO DE VISTA. Embora vejamos as coisas a partir de diferentes posicionamentos, nós precisamos de uma espécie de âncora permanente, o espaço BASE (CUTRER, 1994, p. 75).

Assim sendo, discutiremos, a seguir, como esses primitivos teóricos se distribuem a partir de um conjunto de espaços e as mudanças dinâmicas, às quais eles devem ser submetidos segundo Princípios de Organização do Discurso, a serem tratados a seguir.

Em qualquer ponto na interpretação do discurso, há um espaço que serve como Base, um no qual está o Foco, um em que o Ponto de Vista está presente e outro que é o Evento. Devemos também ter em mente o fato de que Base, Foco, Ponto de Vista e Evento podem compartilhar o mesmo espaço ou podem ser distribuídos sobre um conjunto de espaços hierarquicamente relacionados de variadas formas. O Foco pode estar na Base, ou pode estar separado; o Evento pode ser o Foco ou podem estar separados; o Ponto de Vista pode estar na Base ou no Foco ou podem estar separados. É importante ressaltar que embora Base, Foco, Evento e Ponto de Vista estejam sempre conceptualmente presentes no discurso, eles não estão sempre gramaticalmente ou lexicalmente marcados.

Com base nas definições anteriormente consideradas, apresentaremos, nos termos de Cutrer (1994), um pequeno grupo de Princípios de Organização do Discurso que governam a locação desses primitivos na conformação dos espaços mentais.

Os Princípios de Organização do Discurso serão divididos em dois grupos principais – os

princípios gerais e os princípios operacionais:

(i) Os princípios gerais:

1. Dado qualquer momento do processo de interpretação do discurso, deve haver apenas um espaço Foco;
2. Deve haver apenas uma Base em cada configuração hierárquica de espaços; em caso de mais do que uma configuração, haverá, por conseguinte, mais que uma base para ser acessada a partir de uma mesma elocução, embora mais que uma configuração e mais do que uma Base possam ser acessadas a partir de uma mesma elocução;
3. A Base é o Ponto de Vista inicial.

(ii) Os princípios operacionais:

4. Se o Foco está na Base, o Ponto de Vista também estará;
5. Um novo espaço é construído a partir da Base ou do Foco;
6. A Base pode mudar para qualquer Ponto de Vista, ou para qualquer Base previamente estabelecida;
7. O Foco pode mudar para um espaço Evento, para a Base, para um espaço Foco prévio ou para um novo espaço;
8. O Ponto de Vista pode mudar para o Foco ou para a Base;
9. O Evento pode estar no Foco ou pode se mudar para o Foco ou para um novo espaço que seja um espaço criado a partir do Ponto de Vista.

Em seguida, exibiremos um exemplo extraído de Fauconnier (1997, p.73) que faz uso desses

princípios anteriormente mencionado para retratar interpretações oportunas partindo de uma sentença. Mostraremos, passo a passo, o desenvolvimento e a conformação dos espaços mentais no desenrolar da cena:

(5) Max tem 23 anos. Ele tem morado no exterior. Em 1990, ele morou em Roma. Em 1991, ele se mudaria para Veneza. Ele teria então morado um ano em Roma.

Neste exemplo, a Base se configura como o excerto “Max tem 23 anos”. É onde também inicialmente se estabelecem Foco, Evento e Ponto de Vista:



Diagrama 4: Max tem 23 anos.

A seguir, o Evento se constitui como espaço, introduzido pela sentença “Ele tem morado no exterior”, situação anterior à Base. Aqui, há também o deslocamento do Foco para o Evento:

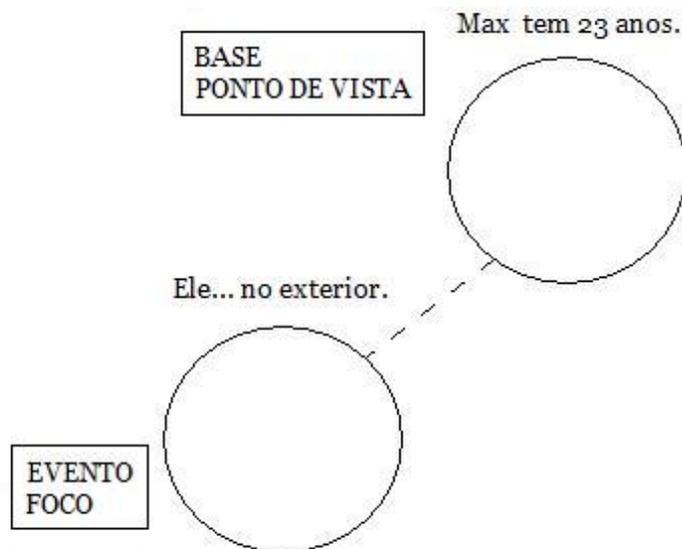


Diagrama 5: Ele tem morado no exterior.

Na elocução “Em 1990, ele morou em Roma”, o construtor de espaço temporal “Em 1990” abre um novo espaço de Evento, levando consigo, o Foco:

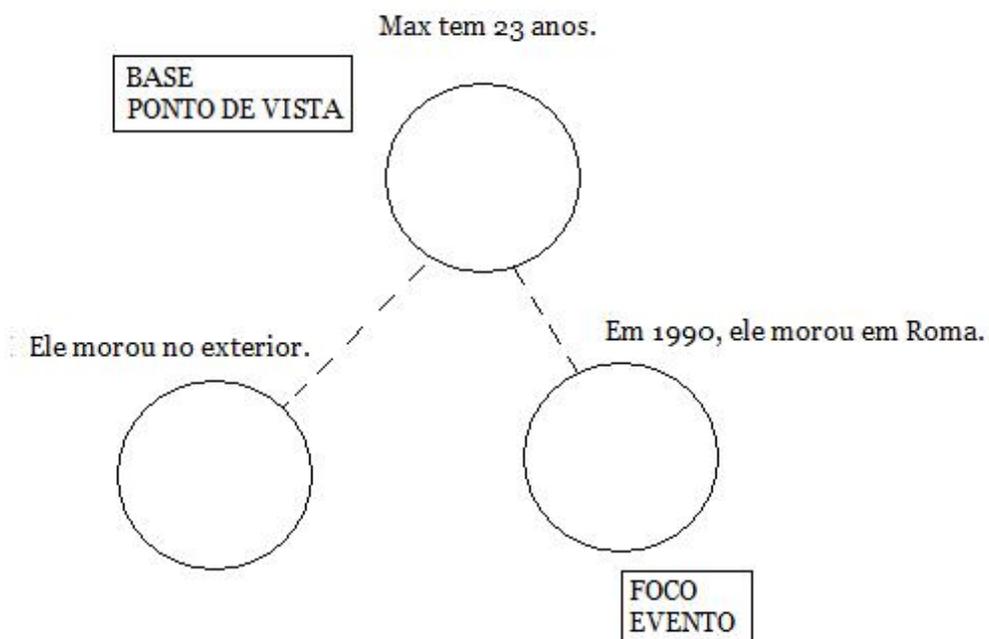


Diagrama 6: Em 1990, ele morou em Roma.

Adiante, o espaço (Evento) criado por “Em 1990, ele morou em Roma” provoca a mudança

do Ponto de Vista também para esse espaço, a fim de que se considere o próximo deslocamento do personagem. O trecho subsequente, “Em 1991, ele se mudaria para Veneza”, acena para uma situação futura em relação a anterior e estabelece um outro espaço Evento, para onde o Foco também aponta. “Em 1990, ele morou em Roma”, mantém o Ponto de Vista devido ao caráter perfectivo do verbo da sentença:

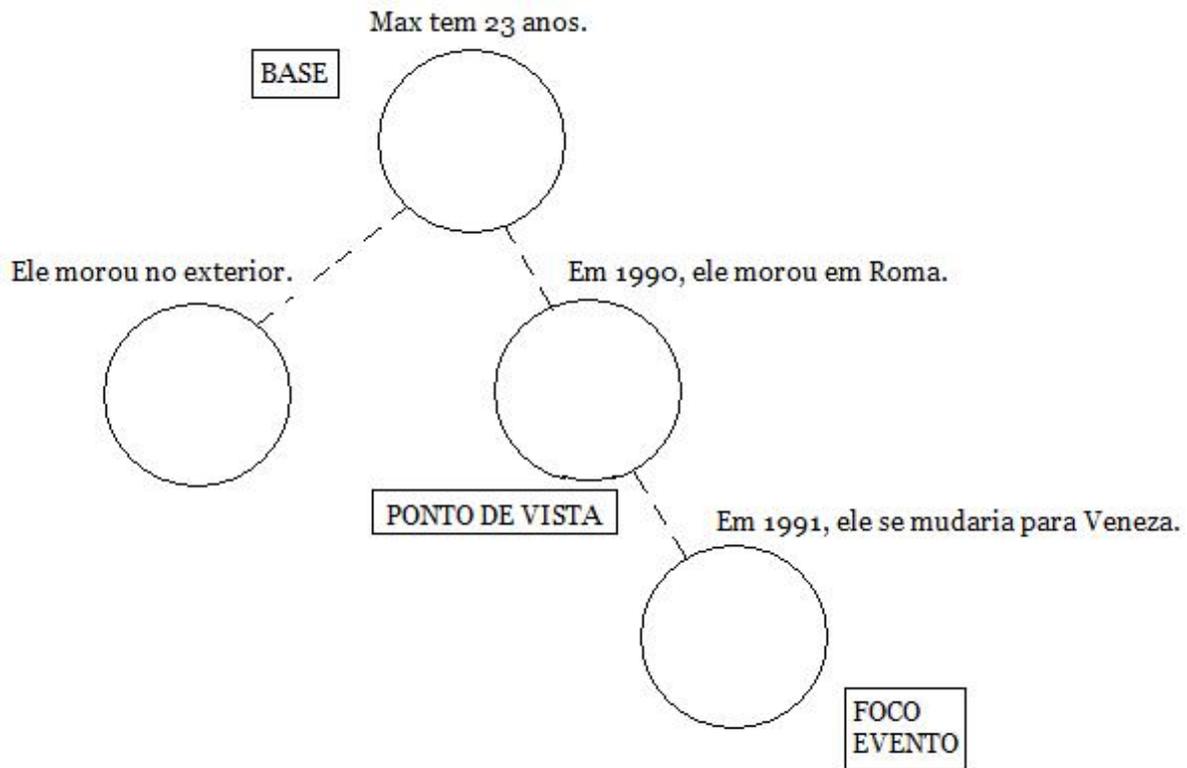


Diagrama 7: Em 1991, ele se mudaria para Veneza.

Por fim, a última sentença, “Ele teria então morado um ano em Roma”, introduz um novo espaço Evento e, na configuração dos espaços, o Ponto de Vista permanece em “Em 1990, ele morou em Roma” e o Foco em “Em 1991, ele se mudaria para Veneza”.

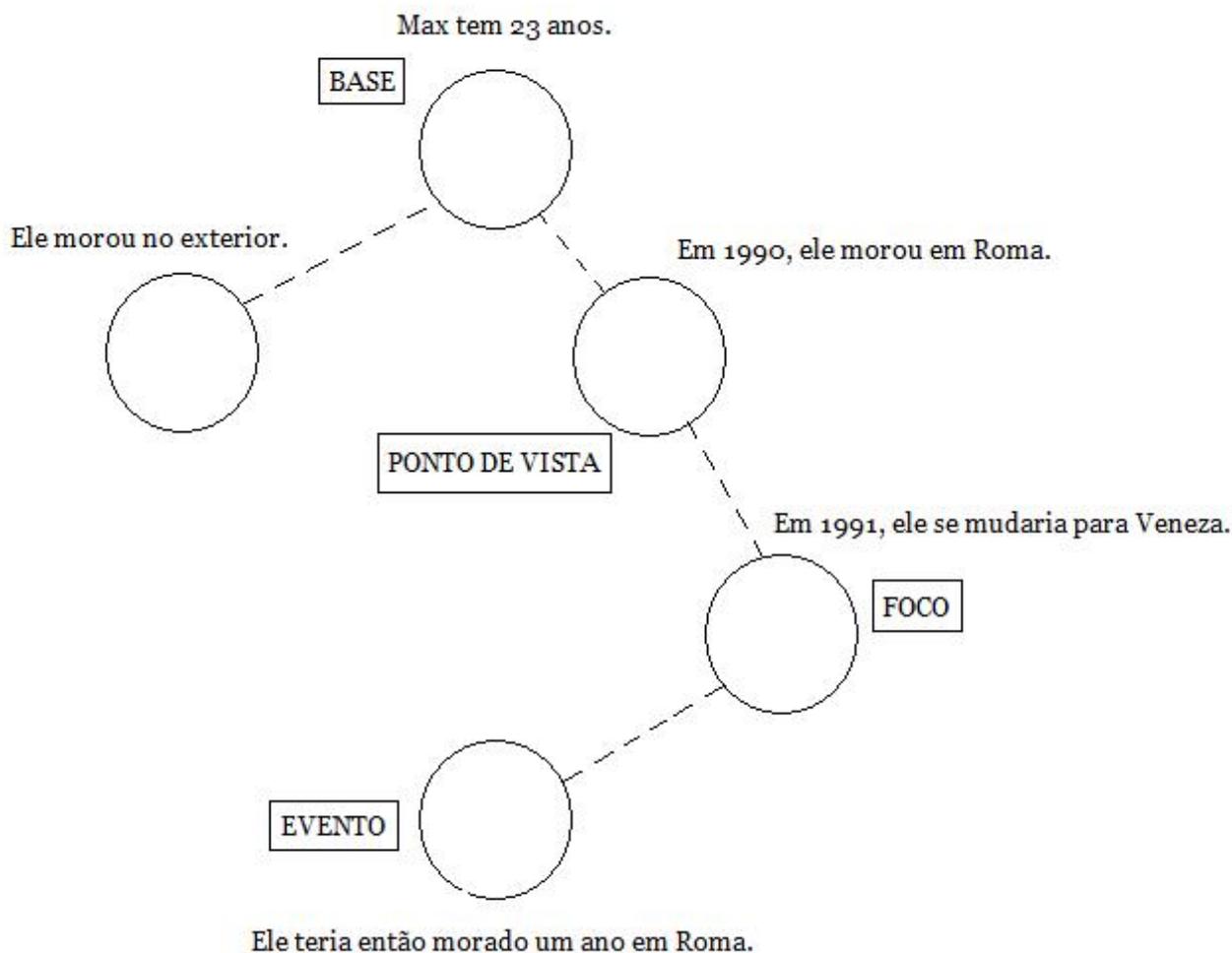


Diagrama 8: Ele teria então morado um ano em Roma.

O Princípio da Identificação, as noções de contrapartes e construtores de espaços, bem como as noções de Foco, Ponto de Vista, Base, e Evento anteriormente descritos são relevantes para formar uma base conceitual para análise das especificidades de algumas das construções que serão examinadas, como por exemplo, “Mas cuidado, **se você disser** que é do Brasil, ele **pode perguntar** como vai o governo.” (Folha de São Paulo, Caderno de Economia). Veremos que as noções supracitadas estão alinhadas com as construções. Na sequência de nosso trabalho, apresentaremos o

tipo de espaço mental em que a construção objeto desta dissertação pode se encaixar – os espaços de hipótese e/ou contrafactualidade.

2.1.4 Hipótese e/ou Contrafactualidade

Dentro do que apresentamos na seção 2.1.1, no que diz respeito aos tipos de Espaços Mentais criados por diferentes construtores, destaca-se a noção de espaço de Hipótese. Segundo Fauconnier, formas linguísticas do tipo “Se p , então q ” levantam um novo espaço H (hipotético), no qual p e q se verificam. De acordo com a construção em análise, o espaço hipótese aberto pode ser contrafactual ou não-contrafactual (que chamaremos de hipotético, a partir de agora). Nesse tipo de construção, em termos de espaços mentais, “se p ” é o construtor. Esquemáticamente:

(6) Se eu fosse um milionário, meu VW seria um Rolls.

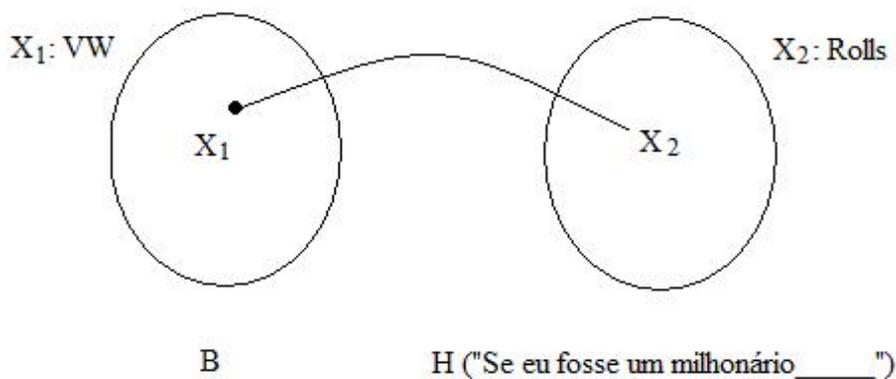


Diagrama 9: Representação em espaços mentais.

Nesse caso, estamos diante de um exemplo de contrafactualidade que, de acordo com o autor,

(...) é um caso de incompatibilidade forçada entre espaços; um espaço M_1 é incompatível com outro espaço M_2 se alguma relação explicitamente especificada em M_1 não é satisfeita pelos correspondentes elementos em M_2 . (FAUCONNIER, 1994, p. 109).

O fato, em (6), é que o falante não é um milionário e tem um VW. Portanto, M_1 o espaço base (B no esquema acima) é construído a partir dessa premissa e, H é incompatível com B, já que em H se trabalha com o contra-fato, ou seja, o falante ser rico.

Já a sentença (7) *Se Boris chegar amanhã, Olga ficará feliz* (FAUCONNIER, 1994, p. 111) se apresenta como não-contrafactual: “Se Boris” abre um espaço hipotético em que a apódose “Olga ficará feliz” é satisfeita no cenário da prótase (“Boris chegar amanhã”). Aqui não há contra-fato, há uma possibilidade de que o conteúdo da prótase se realize.

Fauconnier deixa claro que o foco de seu trabalho é a contrafactualidade, ou seja, casos em que um espaço é estabelecido e é incompatível com sua Base (vai contra o fato). Lançando mão de um exemplo, qual seja (8) *Se Lucky tivesse ganhado, eu estaria rico. Eu teria me mudado para o Taiti* (FAUCONNIER, 1994, p. 110), temos um excerto em que a primeira sentença pode ser entendida como construtor de espaço mental ao estabelecer um espaço de contrafactualidade (incompatível com a origem – Lucky, na verdade não ganhou) e, a segunda, expressa a relação que é satisfeita no espaço de contrafactualidade.

Com a finalidade de atingirmos maior abrangência em nossos estudos de LC, atingiremos, a seguir, a noção de Mesclagem, mecanismo importante na TEM que permeia nossos sistemas de organização cognitiva e tem como base a mescla de domínios, aprofundando as razões conceituais responsáveis pela incompatibilidade forçada no âmbito da contrafactualidade.

2.1.5 Mesclagem

O conceito de Mesclagem se aplica a um mecanismo cognitivo de criação que consiste na

abertura de Espaços Mentais (*Inputs* 1 e 2), os quais emprestam parte da estrutura de seus elementos para que convirjam em direção a uma terceira estrutura, um novo espaço emergente, resultante dessa mesclagem. O domínio-mescla incorpora estruturas parciais dos *Inputs* 1 e 2, mas possui estrutura emergente própria. A fim de mesclar dois domínios, é necessário satisfazer as seguintes condições (FAUCONNIER, 1997, p. 150-51):

(i) Mapeamento parcial entre os domínios-fonte:

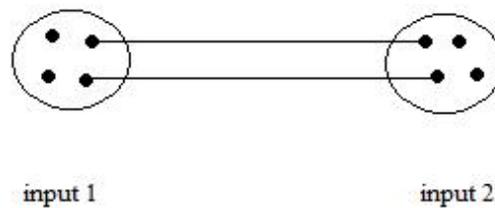


Diagrama 10: mapeamento parcial entre os domínios-fonte.

(ii) Espaço genérico que reflete estruturas e organizações comuns, mais abstratas, compartilhada pelos *inputs*:

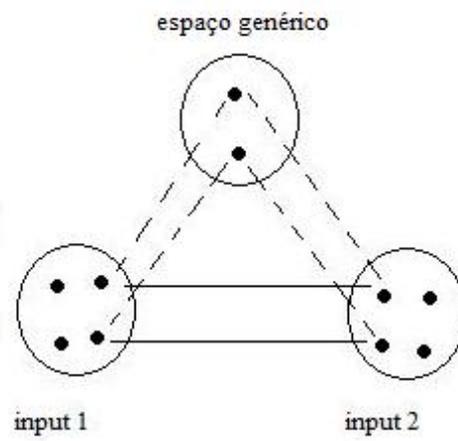


Diagrama 11: espaço genérico.

(iii) Mescla: I1 e I2 são parcialmente projetados em um quarto espaço:

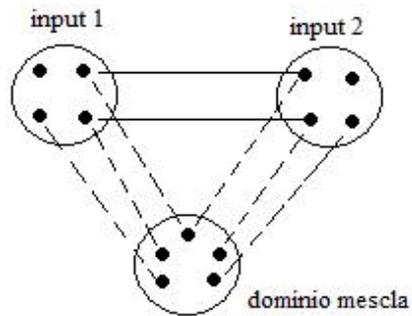


Diagrama 12: mescla.

(iv) Estrutura emergente: a mescla possui uma estrutura emergente própria, gerada pelos inputs; as novas relações não existem nos espaços separados:

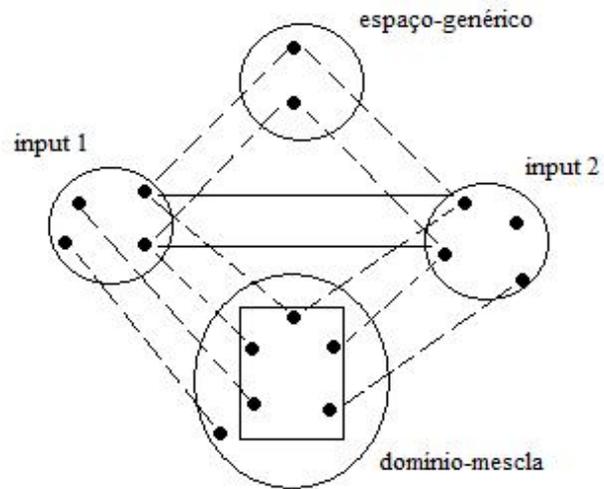


Diagrama 13: estrutura emergente.

A partir de um exemplo de Fauconnier (1997, p. 161-62) representaremos uma estrutura de mescla:

(9) *Se eu fosse você, eu me contrataria.*

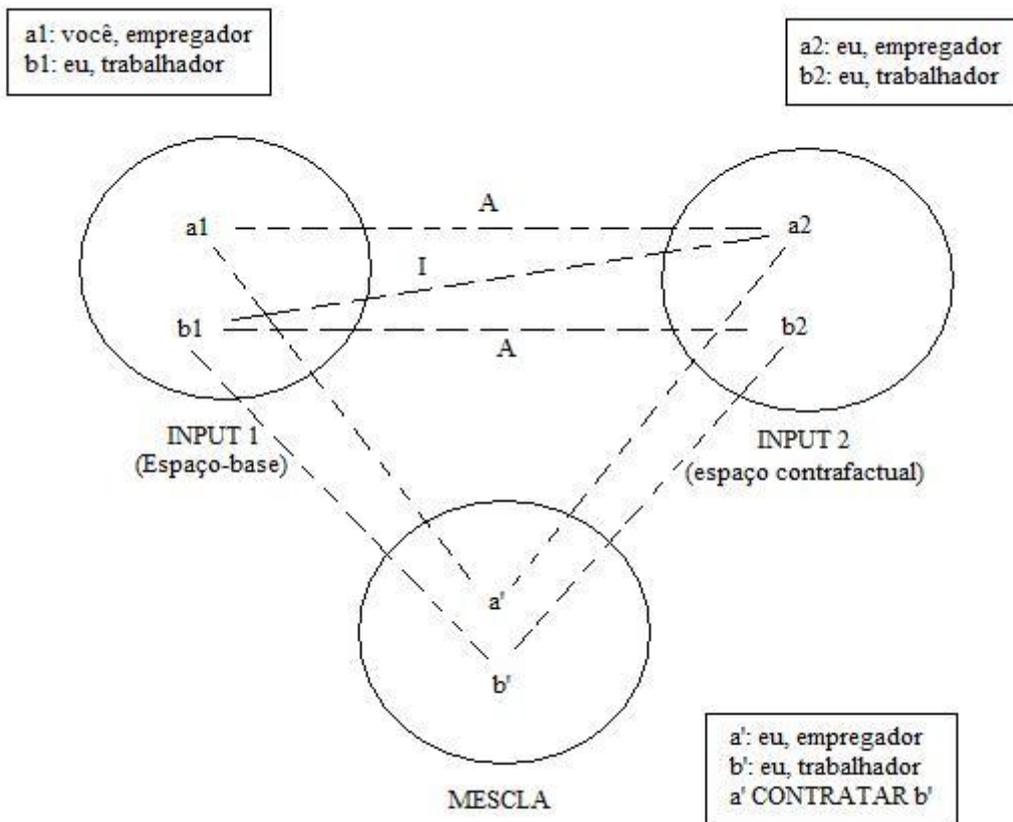


Diagrama 14: Mesclagem

De acordo com o autor, o significado dessas expressões envolvem o mapeamento a partir de um espaço-base, no qual “você” expressa o desejo de contratar alguém, em direção a um espaço de contrafactualidade, em que as disposições do falante, mas não sua situação foram transferidas para o endereçado - “você”. Tomando por base o Princípio de Acesso, o “empregador” contrafactual pode se identificar como “eu” - aquele a ser contratado, configurando-se uma analogia. De acordo com Fauconnier (1997, p. 161), a expressão linguística sinaliza a existência da mescla a partir de um mapeamento analógico de espaços entre essas duas situações.

Ainda no esquema, (A) é o conector analógico e (I) o conector de identidade. Percebemos que na mescla, a expressão *se eu fosse você* permite que *eu* seja empregador e trabalhador, ou seja, *a'* pode contratar *b'*.

Até o momento, lidamos com noções básicas vinculadas aos espaços mentais, operadores do processamento cognitivo que se confirmam como alternativa da LC para a análise de todo um repertório de construções discursivas com o propósito de alcançar o entendimento. A partir de agora, recorreremos à noção de construção gramatical, uma vez que é tomada como item simbólico básico do conhecimento linguístico, configurando-se como um dos pilares sintáticos da Linguística Cognitiva. As construções gramaticais apresentam especificidades de caráter formal e significativo que contribuem para as armações específicas dos espaços mentais. Para tal, fazemos uso do modelo de Gramática das Construções proposto por Goldberg (1995, 2006), bem como noções de Salomão (2009) e Croft (2004).

2.2 A Gramática das Construções

A Gramática das Construções (GC) emerge como uma opção da Linguística Cognitiva acerca de uma teoria geral de representação sintática que vai de encontro à Gramática Gerativa, no que diz respeito à análise fortemente composicional das estruturas linguísticas, a partir da generalização das regras dos componentes gramaticais. De acordo com os modelos clássicos do Gerativismo, tais componentes de uma sentença são organizados em uma sequência de estruturas ligadas por transformações e podem ser analisados a partir de generalizações e cálculos combinatórios. Entretanto, segundo Salomão (2009 p. 25), há inúmeros exemplos linguísticos que não se reduzem a uma análise estritamente composicional, fato esse que, nas palavras da autora, “repôs no debate a necessidade de admitir a existência de unidades linguísticas complexas cuja relação forma/sentido era absolutamente imprevisível a partir de simples cálculos combinatórios” (SALOMÃO, 2009 p. 25). Assim sendo e, ainda nos termos de Salomão (2009), mencionamos duas premissas fundadoras da GC:

a primeira delas é a indistinção entre léxico e sintaxe: a gramática é concebida como grande rede construcional, de tal modo que as unidades construcionais divergem apenas no caráter de sua especificação formal. A segunda premissa fundadora é a concepção do signo linguístico como vetor bipolar indissociável (pelo menos em sua expressão prototípica), pareando forma e condições de construção do sentido, que são sempre pragmático-semânticos. (SALOMÃO, 2009, p.27)

Então, a GC, ancorando-se em uma perspectiva simbólica da gramática, defende como princípio fundamental que a forma básica do conhecimento linguístico é uma **construção**, em outras palavras, um pareamento de forma e sentido, em que como “forma” entende-se um conjunto de condições da expressão sintática e fonológica; e “sentido”, um conjunto de significado e uso. Na dimensão formal, identificamos a expressão fônica, referente ao significante e, no que diz respeito ao elemento morfossintático, informações sintáticas sobre seus componentes. Na dimensão de sentido, há o elemento conceptual e o discursivo, referentes à ativação de espaços mentais, informações sobre os gêneros textuais, as molduras comunicativas, além do registro sociolinguístico.

Deixemos claro aqui que nossa escolha é basicamente, como dito anteriormente, pelo modelo construcional de Goldberg (1995, 2006), já que segundo Salomão (2009) podem-se identificar pelo menos três tendências principais no empreendimento construcionista:

(...) o grupo “unificacionista”, que trabalha com base na esquematização teórica de Fillmore e Kay; o grupo liderado por Adele Goldberg, que dialoga ativamente com Jackendoff, Croft e Tomasello, menos preocupado com a questão da formalização da Gramática e fortemente interessado na questão do uso; o grupo da Gramática das Construções Corporificada”, expressamente engajado em construir uma formalização da Gramática que seja computacionalmente implementável e neurobiologicamente realística. (SALOMÃO, 2009, p.72)

Com isso, lançando mão de nossa guia, dizemos que:

Construções são entendidas como unidades básicas da linguagem. Padrões sintagmáticos são considerados construções se algum aspecto de sua forma ou significado não é estritamente preditível a partir de propriedades de suas partes componentes ou outras construções. (GOLDBERG, 1995, p. 04).

Em outras palavras, afirma-se que uma construção está depositada na gramática¹ se puder ser mostrado que seu significado e/ou sua forma não é/são derivados composicionalmente de outras construções existentes na língua. Dessa forma, ampliando esse conceito, pode-se afirmar, inclusive, que morfemas são claras instâncias de construções, visto que são pares de forma e significado e não são preditíveis a partir de outros lugares. A noção de léxico defendida por Goldberg, portanto, desmistifica a ideia de um conjunto desestruturado de entidades independentes; ao contrário, o léxico constitui uma grade altamente estruturada de informações que se interrelacionam. A partir dessas definições, a seguir, exporemos conceitos e operações possíveis entre construções.

2.2.1 Organização, nível de esquematicidade e relações de herança entre construções

Essas unidades simbólicas, as construções, não são uma lista aleatória, ou seja, as unidades não estão dispostas desordenadamente; pelo contrário, são um levantamento estruturado em cada língua, organizadas em rede, conectadas por relações de herança (que serão tratadas mais adiante), sendo que se rompe com o caráter essencialmente composicional dos processos de significação, sem que ele seja negado, mas sim, relativizado.

Em seu trabalho, Goldberg (1995) também trata dos papéis dos participantes do evento a partir da semântica de *frames*, em que o evento é tratado como a unidade primitiva de representação

¹ De acordo com Salomão, 2009, p. 51, “o conhecimento gramatical de uma língua corresponde à rede das Construções dessa língua, que representa, de forma contínua, tanto suas generalizações como suas idiossincrasias”.

semântica e as definições dos papéis nos eventos são derivadas a partir da construção como um todo. A autora tem como foco as chamadas *construções de estrutura argumental*, um subgrupo especial de sentenças comuns com estrutura argumental verbal em que se aplicam postulados da Semântica Cognitiva, como metáfora ou polissemia. Uma dos principais grupos de construções estudadas por Goldberg são as construções de movimento causado. Veja como se dá sua interpretação segundo seu emparelhamento semântico e suas funções gramaticais:

(9) Joe chutou a bola para o jardim. (GOLDBERG, 1995, p. 88)



Esquema 2: construção de movimento causado.

Legenda:

- CAUSAR-MOVER – semântica diretamente associada com a construção;
- PRED – variável que é preenchida por um verbo integrado à construção;
- <> - instanciação do papel participante;
- ⋮ - componente que pode ou não ser perfilado;
- Sem. – Semântica;
- Sint. – Sintaxe;
- V – verbo;
- SUI – sujeito;
- OBL – obliquo (sintagma direcional);
- OBJ – objeto.

Através desse tipo de esquematização semântica e sintática, percebemos a aquisição do

sentido a partir da construção como um todo, não há soma de componentes lexicais para chegarmos a um todo. Através do encaixe em PRED de um verbo que já carrega em si a noção de movimento, “chutou”, destacam-se três papéis semânticos principais – causa, meta e tema, que, sintaticamente, representam sujeito, sintagma direcional e objeto. Essa é a semântica básica, diretamente associada à construção. São também exemplos de outras construções goldberguianas (1995, p.03 e 04):

1 – Ditransitiva: X causa Y a receber Z - *Pat faxed Bill the letter.*

2 – Movimento Causado, como a que vimos anteriormente: X causa Y mover-se para Z - *Pat sneezed the napkin off the table.*

3 – Resultativas: X causa Y a tornar-se Z - *She kissed him unconscious.*

4 – Movimento Intransitivo: X move para Y - *The fly buzzed into the room.*

5 – Conativa: X direciona ação para Y - *Sam kicked at Bill.*

Na GC, segundo contribuição de Croft (2004, p. 263), as construções formam um inventário estruturado de um conhecimento do falante das convenções de sua língua. Este inventário é representado em termos de uma rede taxonômica de construções, em que cada construção constitui um nóculo dessa rede. Segundo os autores,

(...) cada vez que uma construção aparece ela ativa um nóculo ou padrões de nóculos na cabeça e, a frequência de ativação afeta o armazenamento da informação, permitindo o armazenamento dessa forma como uma unidade gramatical convencional. Uma palavra ou esquema usado frequentemente é descrito como entrincheirado e o entrincheiramento ocorre em graus. (CROFT E CRUSE, 2004, p. 263).

De acordo com os níveis de esquematicidade e generalização envolvidos na constituição de uma dada unidade e ainda sob o ponto de vista de seu grau de idiomaticidade ou necessidade de preenchimento, eligem-se três tipos de construções, quais sejam: (i) construções abertas ou macro-

construções, que se caracterizam por serem altamente abstratas e pelas infinitas possibilidades de preenchimento; (ii) as construções semi-abertas, ou seja, aquelas que permitem várias possibilidades e nível de preenchimento intermediário (caso em que se encaixa **Se X *dicendi* Y, Z**) e (iii) as construções cristalizadas, totalmente preenchidas.

Anteriormente mencionamos que construções organizam-se em redes e suas relações podem ser entendidas a partir de um sistema radial (centro – periferia, LAKOFF, 1987, p. 274), em que uma construção base dá origem a outras construções através de elos semântico-pragmáticos que unificam tais construções em torno de uma rede configurada por meio de relações de herança. Goldberg (1995, p. 75) propõe quatro categorias de herança: a primeira é a herança por polissemia, que ocorre quando uma construção se faz a partir da extensão do sentido da construção base; o segundo caso de herança é a herança por subparte, como o próprio nome diz, ocorre quando uma construção é uma subparte da construção base e existe independentemente dela; o terceiro caso é o de herança por instanciação e se faz presente quando uma dada construção é um caso especial da construção base; e por fim, herança por extensão metafórica, que consiste em uma projeção metafórica da construção base, é a motivação para a constituição de uma nova construção.

Com isso, postula-se, nos termos de Rocha que a gramática, como inventário de construções

(...) é um aparato conceptual por meio do qual apreendemos o mundo e participamos dele. Não se trata de um sistema cognitivo isolado e contido em si próprio. É parte da cognição e, ao mesmo tempo, a chave para o entendimento da cognição. Do ponto de vista da semântica cognitiva, a significação é produto da conceptualização associada com expressão linguística. Conceptualização é um fenômeno mental fundado na realidade física, uma atividade da mente, a qual é parte integral do corpo, que, por sua vez, é parte integral do mundo. A significação linguística é também fundada na interação social, sendo negociada pelos interlocutores que se baseiam no acesso mútuo de seus próprios conhecimentos, seus pensamentos e suas intenções. (ROCHA, 2009 p. 02)

Tendo por base as asserções acima e tomando, então, a construção como unidade linguística

básica para a Gramática das Construções, salienta-se sua propriedade de se estender para além da palavra ou da sentença. As construções não possuem “tamanhos” definidos, são padrões de diferentes extensões. “Não há, pois, entidades linguísticas, no léxico ou na gramática (morfemas, palavras, frases e unidades maiores (gêneros , por exemplo)) que não sejam simbólicas; todas têm significado comunicativo porque derivam diretamente do uso linguístico”. (MIRANDA, 2007, p. 10)

2.2.2 Noção Construcional para Condicionais

Do ponto de vista filosófico, as construções condicionais tem sido compreendidas como manifestações do raciocínio lógico humano, em forma de silogismos, com base em valores de verdade, preservando a enraizada análise pragmática de condicionalidade. Entretanto, a resposta para essa abordagem veio com a não aceitação da modularidade como virtude analítica, não havendo razão para limitar à Lógica, o uso das condicionais. Ainda como resposta, conclui-se que o estudo baseado nas condições de verdade falha em refletir a intuição do falante. A hipótese que afirma que *se p, q é verdade se p e q são ambos verdadeiros* parece *nonsense* para quem analisa a construção em uso. A forma condicional revela mais que coincidência de valores de verdade. Nos termos de Ferrari,

Do ponto de vista da lógica, por exemplo, uma condicional só é falsa, se o antecedente for verdadeiro e o conseqüente for falso. Entretanto, os falantes de línguas naturais requerem mais do que valores-verdade apropriados para considerarem as condicionais como bem-formadas. Nesse sentido, condicionais logicamente bem formadas podem ser julgadas como estranhas no uso linguístico” (FERRARI 2005, p. 02),

como é o caso do exemplo seguinte:

(1) Se Brasília é capital do Brasil, (então) três é um número ímpar (FERRARI, 2005, p. 02).

Diferentemente do que lemos anteriormente, o que se exige em línguas naturais é que os fatos contados na prótase e na apódose se relacionem, viabilizando o uso da condicional.

Nos últimos 25 anos, teóricos especialistas em atos de fala e pragmáticos vem descobrindo os usos de formas condicionais em atos de fala, lançando, assim, uma tradição que se compara com a apresentada na lógica, formulando problemas para ela. Dancygier e Sweetser (2005, p. 04-05) comentam que a sentença *Se você não se importa, por favor, passe o sal* não parece ser explicada através de valores de verdade ou em *Eu acho que vou chorar, ela disse. Eu nem posso imaginar se ela fosse minha filha* (comentário de uma mulher a respeito de uma garota assaltada enquanto dormia), em que o falante vai mais fundo do que apenas fazer inferências lógicas, ele vive as emoções do trágico mundo contrafactual, sendo que o leitor faz o mesmo, ou seja, a compreensão das condicionais ultrapassa a noção de valores de verdade e busca a habilidade humana de raciocinar de uma forma contingente.

Dessa maneira, incorporamos o estudo de condicionais proposto por Dancygier e Sweetser (2005) e Ferrari (1999, 2001, 2002, 2005, 2007, 2008 e 2009), que assumem as tradicionalmente conhecidas orações condicionais como construções, a partir do paradigma cognitivista construcionista de Goldberg (1995, 2006). Assim sendo, entende-se por construção condicional um pareamento forma/significado em que a moldura *se p, (então) q* configura-se, entre outras características, por um tipo específico de introdutor de Espaço Mental, a partícula *se*.

Apesar do significado condicional poder se apresentar de diversas maneiras, nesse caso, toma-se por condicionais estruturas complexas formadas por uma oração subordinada introduzida por conjunção (*se*) – a prótase *p* e uma oração principal – a apódose *q*.

As construções condicionais variam em termos de função, significado e aspectos formais de maneira que um estudo adequado sobre condicionalidade emerge quando levamos em consideração

as correlações entre tais traços. A proposta para a condicionalidade, segundo Ferrari (2001), seria concebê-la como um padrão abstrato superordenado *se p, (então) q*, que é preenchido por valores formais (como verbos, por exemplo) e com elementos contextuais. Dessa maneira, tomamos condicionais como construções, ressaltando que não podem ser totalmente analisadas como produto composicional. Segundo Dancygier e Sweetser (2005), as construções condicionais

(...) ricamente revelam as complexas justaposições entre significados e formas de diferentes construções que relacionam-se e as inferências pragmáticas e contextuais criadas no seu uso em contexto. Elas são um exemplo de maneiras nas quais o mesmo significado pode ser transmitido via complexa construção composicional, com cada subcomponente sugerindo alguma parte ou o significado pretendido, ou via sugestão parcial, uma vez que o significado já está acessível a partir do contexto. (DANCYGIER & SWEETSER, 2005, p. 26).

No que diz respeito à composicionalidade do significado dessas construções, deve-se entender que, assim como pragmática e semântica não possuem separação modular, aspectos de significado tradicionalmente rotulados de pragmáticos serão tratados como tendo as mesmas possibilidades de composicionalidade quanto aspectos semânticos de significado, ou seja, a pragmática tanto quanto a semântica pode ter graus variados de composicionalidade. Nos termos de Dancygier e Sweetser (2005):

(...) faz pouco sentido ver o significado gramatical – ou a cognição – como puramente composicional. Ao contrário, precisamos reconhecer que ambos exploram pistas que são frequentemente mínimas para construir uma estrutura bem maior e mais complexa, a partir dos contextos conhecidos e correlações. (...) a língua e a cognição não devem ser - e não são – usadas por seus usuários cotidianos de uma maneira composicional lógica e livre de contexto para se referir a categorias de um conjunto teórico. (DANCYGIER & SWEETSER, 2005, p.26)

Até agora, tentamos mostrar como a GC emerge como opção de organização sintática para a

LC, afirmando o caráter construcional da gramática, enfraquecendo a hipótese puramente composicional das estruturas. Assim, elegemos a construção condicional como escopo de nosso estudo e, adiante, mostraremos como as construções condicionais são estruturadas em termos da Teoria dos Espaços Mentais.

2.2.3 Condicionais e Domínios Cognitivos

A tarefa de combinar a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1984, 1997) com Construções Condicionais se revelou um de nossos principais objetivos. Para tal, lançamos mão de Ferrari (2009), em que a autora mostra que a teoria supracitada pode permear as operações cognitivas sem que percebamos, devido a sua velocidade e dinamicidade, desde o processo de aquisição de linguagem, passando pelo uso espontâneo de estruturas linguísticas em nossas interações cotidianas, até alcançar usos mais setORIZADOS na prática clínica e na invenção de novas tecnologias.

A investigação a respeito do significado de condicionais se desenvolve em termos da Teoria dos Espaços Mentais, a partir do trabalho de Dancygier e Sweetser (2005). Essa teoria dispõe de mecanismos que permitem uma abordagem a respeito das relações entre estruturas cognitivas e formas linguísticas. Ferrari amarra construções e espaços mentais e define, nos termos de Dancygier e Sweetser (2005), que

(...) as construções condicionais são tipos específicos de **introdutores de espaços mentais** que envolvem a criação de um espaço mental (através da oração com *se*) e a formulação de algo dentro deste novo espaço (oração principal, ou oração com *então*). Muito da diversidade na interpretação das condicionais pode ser atribuída ao fato de que os espaços podem ser, por eles mesmos, tipos diversos de entidades, relacionados à forma linguística de diferentes maneiras. (DANCYGIER & SWEETSER, 2005 *apud* FERRARI 2009, p. 54)

De acordo com Ferrari (2001), o tratamento da estrutura *se p (então) q* como uma moldura

mais ampla permite que se analisem os modos pelos quais outros elementos formais afetam a interpretação da construção como um todo. Ainda de acordo com a autora, essa estrutura estabelece uma relação de causa entre prótase e apódose, afirmando-se exatamente tal causalidade e não os eventos em si mesmos; à luz da investigação cognitivista, não basta considerar a conexão entre a verdade do antecedente e a verdade do conseqüente das condicionais (ROXO, 2006, p. 81). No que tange a causalidade presente em condicionais, entende-se que essa ligação pode se dar em níveis distintos, dando forma a condicionais de conteúdo, epistêmicas ou pragmáticas, como será elucidado nos itens seguintes.

2.2.3.1 Condicionais de conteúdo ou preditivas

O estabelecimento de um domínio de conteúdo se configura a partir do momento em que a prótase causa a realização da apódose, sendo que são descritos estados de coisas no mundo (**p** causa **q** – efeito). Veja uma possibilidade:

(2) *Se esfriar, nós ligaremos o aquecedor.* (FERRARI, 2001, p. 145)

A relação expressa nesse excerto, entre “se esfriar” e “nós ligaremos o aquecedor”, mostra que a possibilidade de esfriar faz com que se viabilize a possibilidade de se ligar o aquecedor, ou ainda, se não esfriar, o aparelho não será ligado. Segundo Roxo, 2006, p. 82, “há um conjunto de fatores que possibilita a interpretação semântica de causa, considerando-se as circunstâncias em que um evento descrito na prótase é entendido como o que causa ou o que possibilita a realização do evento na apódose”.

2.2.3.2 Condicionais epistêmicas

Na dimensão epistêmica, encontram-se as condicionais que se caracterizam por criarem espaços em nível de raciocínio e, nesse caso, a causalidade entre p e q se configura a medida que a proposição expressa em p se firma como condição suficiente para que se conclua a legitimidade do que é expresso na apódose. Acompanhe o exemplo:

(3) *Se eles ligaram o aquecedor, é porque esfriou.* (FERRARI, 2001, p. 145)

Nesse exemplo, o conhecimento sobre o ligamento do aquecedor permite a conclusão da verdade proposta em “é porque esfriou”. Na natureza epistêmica há uma conexão entre o conhecimento do conteúdo da prótase e o desfecho expresso na apódose, sendo que saber p tem q como conclusão.

2.2.3.3 Condicionais pragmáticas

Em se tratando de condicionais pragmáticas ou condicionais de ato de fala, abre-se um espaço de contexto no discurso e um ato de fala se realiza na apódose a partir do que é expresso na prótase. Assim, vários atos de fala, como perguntas, pedidos ou afirmações podem ser determinados condicionalmente. Veja esses exemplos:

(4) *Se não for pedir muito, você poderia ligar o aquecedor?* (FERRARI, 2001, p. 145)

(5) *Se você me permite, essa idéia não faz o menor sentido.* (FERRARI, 2009, p. 03)

Nessas construções, o evento descrito na prótase possibilita a realização do ato de fala que se propõem na apódose. Segundo Ferrari,

É interessante notar que, no caso das condicionais pragmáticas, há uma ambivalência inerente: a condicional garante a remoção de uma barreira potencial à realização dos atos de fala por parte do falante, ao mesmo tempo em que atua como imposição de força sobre o interlocutor para a realização das ações relevantes (FERRARI, 2009, p. 04).

Roxo comenta os tipos de condicionais segundo as relações de causa expressas entre prótase e apódose, esclarecendo que

(...) as condicionais expressam mais do que valores de verdade, relações semânticas específicas entre os conteúdos de “se **p**” e “**q**”. Assim, na condicional epistêmica, a verdade da prótase constitui uma condição suficiente para uma conclusão satisfatória na apódose porque o conhecimento da prótase é tomado como causador ou o que possibilita a conclusão incorporada na apódose. No que se refere a condicional pragmática, a prótase expressa um conteúdo que influencia a realização do ato de fala que é desenvolvido na apódose. (...) A verdade da prótase constitui uma condição suficiente para a felicidade da apódose porque há um vínculo causal entre as duas (ROXO, 2006, p. 84 e 85).

Tendo deixado clara nossa intenção de mesclar as teorias de Espaços Mentais e de Construções, relevando as relações entre prótase e apódose, trataremos, em nossa próxima seção, da partícula *se*, seu valor como construtor/introductor de espaço nas Condicionais.

2.2.4 O construtor de espaço mental *SE*

Segundo Fauconnier (1997), a conjunção *se* pode ser considerada um operador de encaixe (*matching operator*), ou seja, é um operador responsável pela abertura de dois novos espaços, o primeiro chamado de *espaço-fundação* e o segundo *espaço-expansão*, sendo que o último é subordinado ao primeiro. Diante dessa configuração, conclui-se que a validação do discurso da apódose é mediada pela oração com *se*, a prótase.

Dancygier (1998, apud FERRARI 2001) considera o *se* como marcador de não-assertividade, em outros termos, assinala quando algo precisa ser suposto, porém não pode ser afirmado. Marca-se, assim, uma suposição não afirmável (*unassertable* – FERRARI, 2001, p. 146), o *se* trabalha como uma pista para o ouvinte tratar a afirmação sob seu escopo como não tendo sido afirmada da maneira usual. Segue um exemplo de Ferrari, (2001, p. 146):

(6) Se você ama o Rio, você também é carioca.

Nessa sentença, não se sabe se o visitante ama o Rio de Janeiro, entretanto, se isso se confirmar, sua inserção no termo *carioca* pode se efetivar.

Em suma, Ferrari propõe que a conjunção *se* atua em três níveis, quais sejam: (i) no nível cognitivo mais geral como operador de encaixe introdutor de dois espaços hipotéticos; (ii) no nível lexical, como marcador de não-assertividade e (iii) no nível de construções, introduzindo uma das orações da construção condicional.

Por fim, ressalta-se que, de acordo com nossas premissas, as escolhas por formas hipotéticas não são impostas por nenhuma avaliação do que é possível ou impossível na realidade. Como procuramos demonstrar através das relações de herança, alguns aspectos do espaço mental são herdados do espaço-base, portanto, retomando Ferrari (2001), não se tem a criação de um mundo possível totalmente diferente do mundo real e sim a alteração desse mundo real em apenas algumas características para fins discursivos e interacionais.

2.2.5 A Postura Epistêmica em Condicionais

Um importante parâmetro em qualquer análise da forma e significado de condicionais é o que Fillmore (1990) define como postura epistêmica. Segundo o autor, em condicionais, a postura

epistêmica se refere à associação ou desassociação mental do falante com o mundo descrito na prótase. As condicionais, através do operador de encaixe *se*, podem assumir posturas epistêmicas tanto neutras quanto negativas². Acompanhe os exemplos (SANDERS e REDEKER, 2005, p. 46):

(7) *Se ele decidir arquivar o processo, os advogados do hospital terão permissão para entrevistá-lo para esclarecimentos.*

(8) *Se ele decidisse arquivar o processo, os advogados do hospital teriam permissão para entrevistá-lo para esclarecimentos.*

O que vemos em (7) é o que chamamos de postura epistêmica neutra; não sabemos se *ele* vai ou não arquivar o processo. O uso do futuro do subjuntivo (*decidir*) implica desconhecimento em relação à real realização do evento. Em (8), deparamo-nos com uma postura epistêmica negativa. O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo sinaliza que o evento é contrário às expectativas. Na sentença, há outras suposições que contrariam o arquivamento do processo, como por exemplo, a suposição de que o falante de (8) deve estar totalmente convencido de que o conteúdo da prótase é falso. Formas verbais, assim como construções sintáticas e também conjunções estão fortemente envolvidas na marcação da postura epistêmica.

De acordo com Fillmore, a neutralidade epistêmica se revela em condicionais de natureza hipotética (não-contrafactuais) e, o distanciamento apontado pela postura negativa sinaliza uma condicional contrafactual. Ainda segundo ao autor, a postura epistêmica tanto na prótase quanto na apódose de uma condicional é a mesma, uniforme, como vimos em (7) e (8). Em ambos os casos, a mesma postura encontrada na prótase é herdada pela apódose. Assim sendo, em um exemplo de condicional hipotética, a escolha do futuro do subjuntivo na prótase (“*Se ele decidir arquivar o*

² Sanders e Redeker (2005) mostram que outros marcadores condicionais podem envolver postura epistêmica positiva, como *quando* (*when*) e *desde* (*since*).

processo”), normalmente³ reflete o uso do futuro do indicativo na apódose (“*os advogados do hospital terão permissão para entrevistá-lo para esclarecimentos*”). Da mesma maneira, em um exemplar contrafactual, se tivermos numa elocução o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (“*Se ele decidisse arquivar o processo*”), na apódose encontraremos o futuro do pretérito do indicativo (“*os advogados do hospital teriam permissão para entrevistá-lo para esclarecimentos*”), corroborando com o distanciamento epistêmico exposto pela prótase.

Entretanto, há um grupo de construções em que não há uniformidade epistêmica entre prótase e apódose. Essa ideia, discutida por Ferrari (2007), mostra que, em casos de condicional encaixada no discurso reportado (*Ele disse que se P, Q*), além da uniformidade epistêmica já mencionada, pode ocorrer, também, o que a autora chama de “flexibilização de encaixe”. A flexibilidade se dá ao ponto que a prótase não assimila a estrutura temporal de passado introduzida por “disse” na construção, enquanto a apódose demonstra conformidade com o verbo *dicendi*. No exemplo de FERRARI, (2007, p. 97):

(9) Ela *disse* que se *terminar* o trabalho cedo, *faria* compras.

Ferrari explica que esse fenômeno se dá pelo posicionamento do Ponto de Vista nos espaços mentais componentes da elocução. Nesse caso, o espaço P é criado tomando a Base como Ponto de Vista, enquanto que o espaço Q adota o Espaço de Fala Passado como Ponto de Vista; veja a diagramação abaixo:

³ Diz-se “normalmente” porque há outras possibilidades como o presente na apódose, no entanto, ainda assim, mantém-se a postura epistêmica neutra: (3) Ele pode gritar quanto quer, mas **se eu falar** um pouquinho mais alto, ele **enlouquece**.

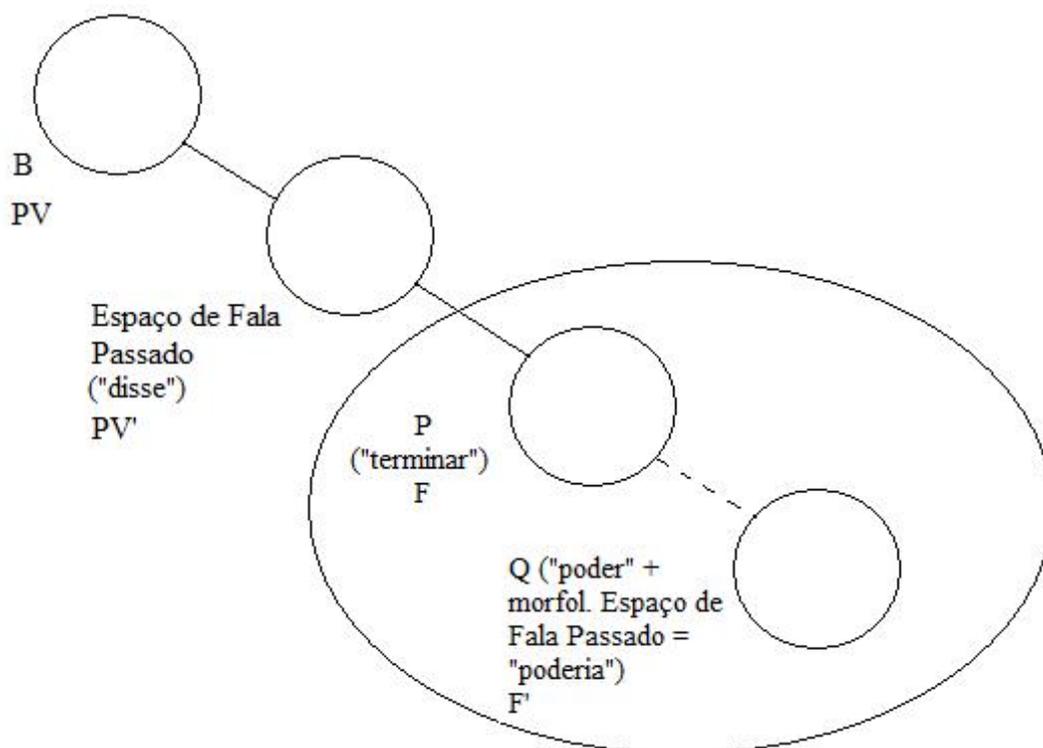


Diagrama 15: Representação de “Ela disse que se terminar o trabalho cedo, faria compras”.

Podemos entender, a partir dessa construção, que o redator concorda ou acredita que a personagem reportada (“Ela”) ainda possa “terminar o trabalho cedo”, ao mesmo tempo, não se compromete com o que é afirmado a seguir, que “Ela” “faria compras”. Tais noções serão muito importantes no decorrer de nosso trabalho, quando postularemos que em nossa construção pode haver, também, flexibilidade de postura epistêmica.

Após as reflexões anteriores sobre alguns dos conceitos sociocognitivos que permeiam esse estudo, passaremos, a seguir, a tratar da relevância da fala reportada na constituição do aparato teórico para nossa construção, lançando mão, para isso de uma visão também sociocognitiva de Discurso Reportado.

Se fossemos elencar quais os principais pontos que circundam nosso arcabouço teórico, diríamos que temos um tripé básico, formado por Teoria dos Espaços Mentais, a Gramática das Construções e o Discurso Reportado, sem deixar de mencionar nossos interesses nas relações entre

esses conceitos. Até o momento, estabelecemos que a construção é a unidade mínima de análise na LC e a TEM nos forneceu, através de um sistema de projeção entre domínios, uma importante saída para o estudo e a compreensão dos fenômenos da linguagem. Para finalmente alinharmos nossos princípios, entraremos no mundo da fala reportada, parte fundamental de nossa construção, que será estudado sobre o viés sociocognitivo a partir de dois trabalhos que amarram Discurso Reportado e TEM.

2.3 Espaços Mentais e Discurso Reportado

Nesse ponto do trabalho, procurou-se, dentro de um amplo e tradicional contexto de fala reportada, abordar o presente tema Discurso Reportado sob a perspectiva sociocognitivista.

Conforme veremos, sob o ponto de Vista da Teoria dos Espaços Mentais, construções com discurso reportado encaixado apresentam o verbo *dicendi* como um construtor de espaços, o que será visto tanto quando tratarmos de perspectiva em Sanders e Redeker (1996) como quando lidarmos com o encaixe de espaços na modalidade indireta de discurso a partir de verbos *dicendi* em Cutrer (1994). Essas obras possuem em comum o fato de ambas apresentarem uma abordagem do Discurso Reportado (DR) em termos de espaços mentais. É com o que passaremos a lidar a seguir.

2.3.1 O trabalho de Sanders e Redeker

A escolha pelo trabalho de José Sanders e Gisela Redeker (1996), se deve ao fato de os autores tocarem em questões como perspectiva e representação da fala e do pensamento sob o ponto de vista da Teoria dos Espaços Mentais, foco de nossa pesquisa em curso. Os autores delineiam que seu objetivo é investigar as variações de subjetividade dentro do discurso do narrador e os limites entre a subjetividade do narrador e do personagem.

A perspectiva discursiva é amplamente definida como um ponto de vista no discurso, sendo assim, nenhuma sentença em qualquer situação de fala está livre de um certo grau de perspectivização. Mais especificamente, Sanders e Redeker apresentam a seguinte definição para perspectiva:

Perspectiva é a introdução de um ponto de vista subjetivo que restringe a validade da informação apresentada por um sujeito em particular no discurso. Um segmento do discurso é perspectivizado se seu contexto relevante de interpretação é uma pessoa-limite, um espaço encaixado dentro da realidade do narrador. (SANDERS e REDEKER, 1996, p. 293)

A validade da informação perspectivizada, segundo asseguram os autores, está de alguma maneira restrita a certos sujeitos no discurso, entretanto, diferenças na distribuição de responsabilidade entre narrador e personagem para com a redação e o conteúdo do segmento perspectivizado podem ocorrer. Em sua obra, Sanders e Redeker apresentam um quadro exibindo os diferentes tipos de perspectiva, sua conformação de acordo com os espaços mentais e o resultado da força de perspectivização (representada pelos sinais + e -). Observe a seguir esse quadro, otimizado na obra de Rocha (2000, p. 39) e, em seguida, como se configuram os espaços mentais nas diferentes modalidades de discurso reportado:

Quadro 1:

DIRETO	<ul style="list-style-type: none"> - Responsabilidade pelo enunciado é do sujeito (falante reportado); - Responsabilidade pelo conteúdo é do sujeito; - Ponto de vista está no espaço encaixado; - Foco está no espaço encaixado; - Perspectiva do falante reportado tem força maior (++)
INDIRETO-LIVRE	<ul style="list-style-type: none"> - Sujeito se omite da responsabilidade pelo enunciado; - responsabilidade pelo enunciado; em princípio: sujeito - Responsabilidade pelo conteúdo é do sujeito; - Ponto de vista-automático: espaço encaixado; - Foco está no espaço encaixado; - Perspectiva tem alguma força (+).
INDIRETO	<ul style="list-style-type: none"> - Sujeito e narrador têm responsabilidade pelo enunciado; - Sujeito tem responsabilidade pelo conteúdo; - Ponto de vista está no espaço-base e o no espaço encaixado; - Foco está no espaço encaixado; - Perspectiva perde força (-).
PERSPECTIVA IMPLÍCITA	<ul style="list-style-type: none"> - Responsabilidades pelo enunciado e pelo conteúdo são do narrador e do sujeito; - Ponto de vista está no espaço-base e no espaço encaixado; - Foco está no espaço-base e no espaço encaixado; - Perspectiva tem pouquíssima força (--).

Quadro 1: os diferentes tipos de discurso reportado.

Em um texto narrativo, a realidade do narrador é o espaço mental básico e o espaço-base é o ponto de partida da representação discursiva. A cada momento em que o narrador deixa o personagem falar ou apresenta seus pensamentos, um espaço encaixado (M) é criado dentro do espaço base. As marcas linguísticas – os construtores de espaços – no caso do DR, “disse que”, por exemplo, criam esses vários tipos de espaços de perspectiva, permitindo um elo entre a informação e determinadas pessoas no discurso. Os modos de representação introduzidos no quadro anterior variam no grau de explicitação de seus encaixes de informação no espaço-base. A seguir, apresentaremos exemplos em cada uma das modalidades de discurso a fim de clarear as diferenças de conformação de seus espaços mentais.

2.3.1.1 O Discurso Direto

Na modalidade escrita, o modo direto é considerado *uma reprodução fiel de interações testemunhadas* (cf. CLARK e GERRIG, 1990, *apud* SANDERS e REDEKER, 1996, p. 296). A citação é um instrumento muito mais flexível, por exemplo, do que o estilo indireto-livre, sendo que, seguindo Sanders e Redeker, aquele que reporta pode, inclusive, rotular a citação como aproximação, (*he said something like “...”* - ele disse algo como “...”) ou evento hipotético ou contrafactual (*if you were to say “...”* - se você fosse dizer “...”). Tais possibilidades se fazem devido ao fato do discurso reportado na modalidade direta envolver “uma completa mudança do centro dêitico do discurso para tempo, espaço, e pessoa referentes à sentença ou ao pensamento citado” (SANDERS e REDEKER, 1996, p. 296). No caso da fala espontânea, citações não devem ser consideradas reproduções e sim reconstruções ou demonstrações. Abaixo, acompanhe alguns exemplos tirados de Sanders e Redeker, (1996), ressaltando que conectores entre entidades e predicados das entidades (Princípio da Identidade), são representados pelas linhas que unem os espaços:

(1) “O homem estava claramente correndo da polícia”, disse o porta-voz.

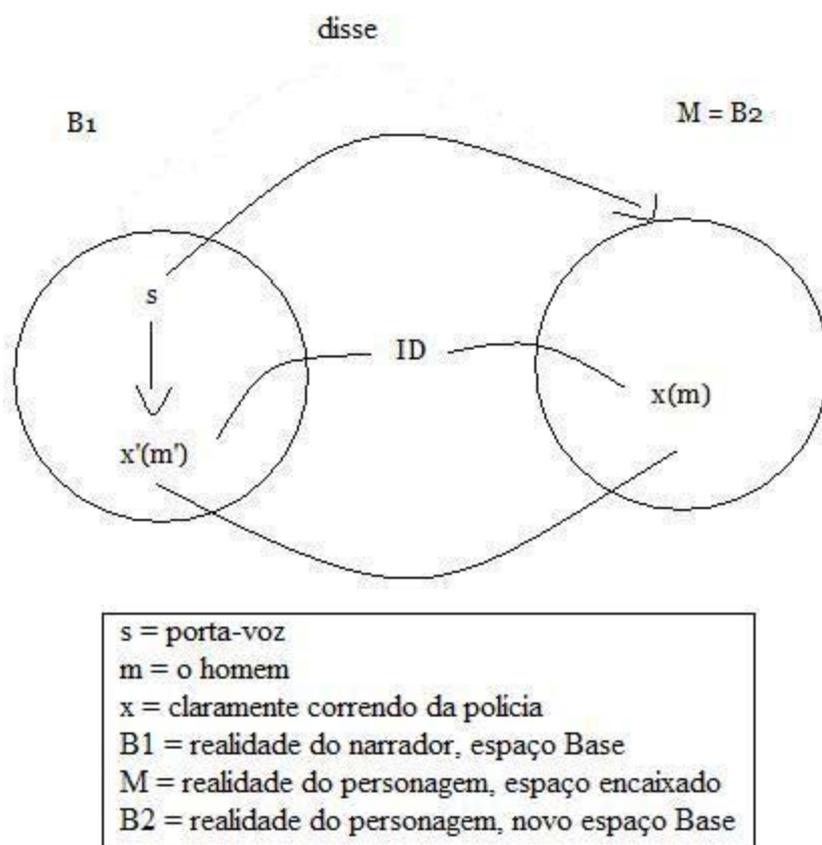


Diagrama 16: Representação em espaços mentais de (1).

Marcadores linguísticos como as aspas ou o construtor “disse o porta voz” abrem um subespaço (M) dentro da Base (B), onde o narrador, centro dêitico do discurso, se situa (veja a seta que sai de (s) e vai para (M)). Esse novo espaço encaixado é uma nova base (B2) e o que está entre aspas é válido somente em (M) = B2, não necessariamente em B.

Em casos de discurso direto, ponto de vista e foco estão em (M). No caso das aspas, o acesso a referentes, como “o homem” é estabelecido apenas pelo espaço do “porta-voz”, ou seja, (M). Dessa forma, o subespaço se faz relativamente inacessível ao narrador e a representação do que foi citado é rigorosamente limitado ao personagem reportado.

O exemplo a seguir diz respeito à configuração de espaços mentais para aspeamento direto parcial, como na sentença:

(2) De acordo com o porta voz, o homem estava “claramente fugindo da polícia”.

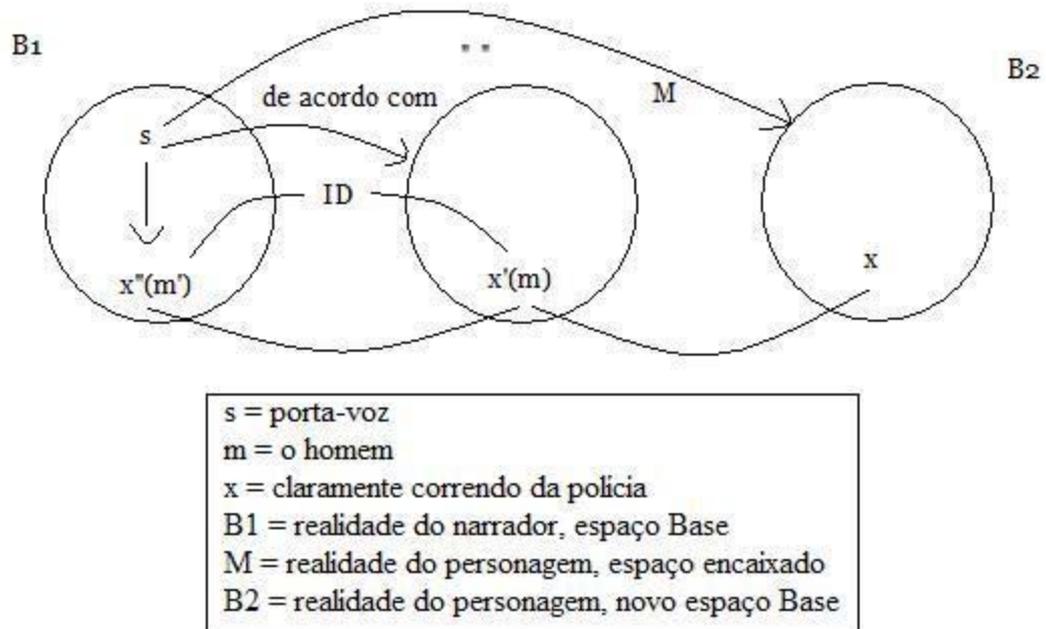


Diagrama 17: Representação em espaços mentais de (2).

Em comparação com o primeiro caso, temos um encaixamento duplo não presente em (1). Isso se deve ao fato de, em (2), o novo espaço-base B2 estar encaixado dentro de um subespaço também encaixado. Assim sendo, a distância entre a realidade do narrador (B1) e a realidade do personagem (B2) é maior em (2) do que em (1).

2.3.1.2 O Discurso Indireto

Na representação do discurso indireto, o espaço encaixado do discurso do falante é parafraseado pelo narrador e sintaticamente encaixado em seu discurso. Passemos a mais um exemplo:

(3) Eles também tinham ouvido tiros, mas não sabiam de nada, disseram.

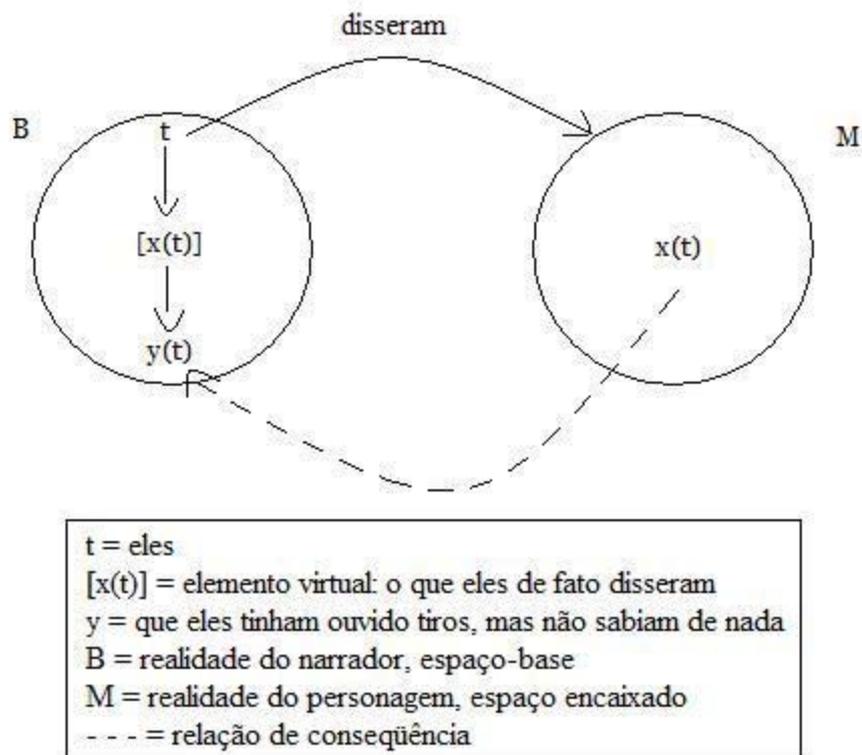


Diagrama 18: Representação em espaços mentais de (3).

É típico do discurso indireto a dificuldade, se não impossibilidade, de se distinguir as

palavras do narrador das palavras do personagem. Além disso, o segmento encaixado também pode conter palavras do narrador, o que, como ressalta Rocha, (2000, p. 43), “provoca discordância com o quadro proposto por Sanders e Redeker, no qual o sujeito tem responsabilidade pelo conteúdo no discurso indireto” (vide quadro 1).

Para Sanders e Redeker, se pensarmos nesse exemplo e obtivermos respostas a perguntas, encontraremos algo como *Yes, we did hear some shooting* (*Sim, nós ouvimos alguns tiros*) e *No, we didn't see anybody* (*Não, nós não vimos ninguém*). Não há como reconstruir exatamente a cena. Tudo que sabemos é que o narrador, seja lá o que tenha sido dito, (x), reporta (y). Isso significa, completam os autores, que a relação entre o que foi realmente dito e o que foi reportado é uma relação de **consequência** e não de equivalência. O narrador não proporciona uma representação idêntica da interação, como no discurso direto, mas conclui da enunciação o que pensa ser certo, (x), e inclui elementos como *as well* e *but* e reporta a informação em B. O discurso indireto é menos subjetivo no sentido de que a enunciação é menos exclusivamente de responsabilidade do personagem encaixado.

2.3.1.3 O Discurso Indireto Livre

Essa modalidade de discurso se configura como a mais dificilmente identificável. Como dissemos, ela reúne valores tanto do discurso direto, como a permanência do centro referencial com o narrador, quanto do indireto, já que o discurso encaixado do falante é rigorosamente representado.

Acompanhe o exemplo abaixo:

(4) Ele ouviu alguma coisa e olhou em volta. Lá estavam os três ingleses de novo. Agora, poderiam ser eles realmente turistas? Não, de jeito algum! Eles pareciam tão esfarrapados.

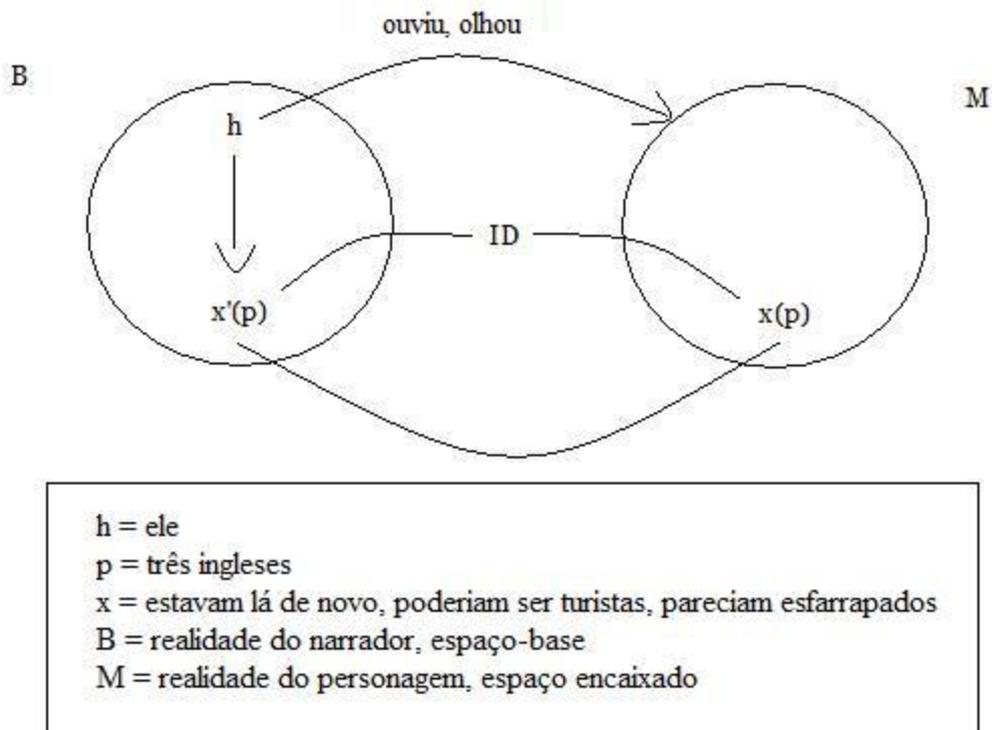


Diagrama 19: Representação em espaços mentais de (4).

O que se configurou acima foi um subespaço M, incorporado por “ouviu”, que suscita uma interpretação mais subjetiva da sentença, já que podem ser entendidas como percepções e pensamentos do personagem “ele”, a quem se conecta.

No discurso indireto livre, o ponto de vista pode se encontrar tanto em M quanto em B, como no modo indireto. Enquanto M está em foco, o acesso aos referentes de “três ingleses” no subespaço M é proporcionado tanto pelo próprio M, conectado a “ele”, quanto por B. No entanto, uma interpretação *by default* de que o ponto de vista está em M é mais forte para o discurso indireto livre do que para o indireto. Assim, o discurso indireto livre facilita fortemente o acesso direto em M para referentes no subespaço encaixado, este limitado ao personagem que fala ou pensa. Os autores salientam também que é possível “forçar” o ponto de vista em B, através da interpretação

dos referentes como as palavras do narrador e, dessa maneira, prover acesso a partir de B. Porém, esse tipo de coerção tem como consequência uma interpretação marcada, em que o narrador implicado faz uso dos termos referenciais do personagem como seus próprios rótulos. Além disso, a interpretação mais natural é a de que o personagem “ele” no exemplo já conheça “os três ingleses”, sendo, portanto, capaz de se referir a eles através dessa forma definida de referência.

Sob certo ponto de análise, o discurso indireto livre se aproxima mais do discurso direto do que do indireto. Isso se dá quando percebemos que não apenas o conteúdo, mas também o vocabulário que está em M, limitado a “ele”, é apresentado de forma mais direta do que no discurso indireto. O ponto de referência das expressões dêiticas “agora” é o personagem, não o narrador. O leitor tem evidências fortes de que o discurso representado era imaginado pelo personagem – a relação entre x em M e B é de equivalência. Já a principal diferença com relação ao discurso direto é que o ponto de referência para tempo e pessoa não é transferido para a citação da fala do personagem, mas continua com o narrador.

O discurso indireto livre permite ao narrador interpretar e verbalizar até certo ponto um processo mental do personagem. Em conclusão, diz-se que as vozes de narrador e personagem estão entrelaçadas. A seção que segue tratará do discurso em que o narrador teoricamente não aparece, trata-se de uma narrativa mais neutra, objetiva, a Perspectiva Implícita.

2.3.1.4 A Perspectiva Implícita:

Nesse ponto, Sanders e Redeker mostram que, mesmo em discurso sem representação direta, indireta ou indireta livre de fala e pensamento, deve haver elementos que simbolizam expressões ou percepções de um personagem de uma maneira mais remota. Veja os exemplos dispostos em (a), (b) e (c), os quais representam uma sequência narrativa:

- (5) a. A polícia perdeu o rastro do carro com a garota sequestrada.
- b. Na mata próxima a Apeeldorn, um policial viu um homem que estava com uma garota.
- c. O sequestrador a libertou numa rua próxima.

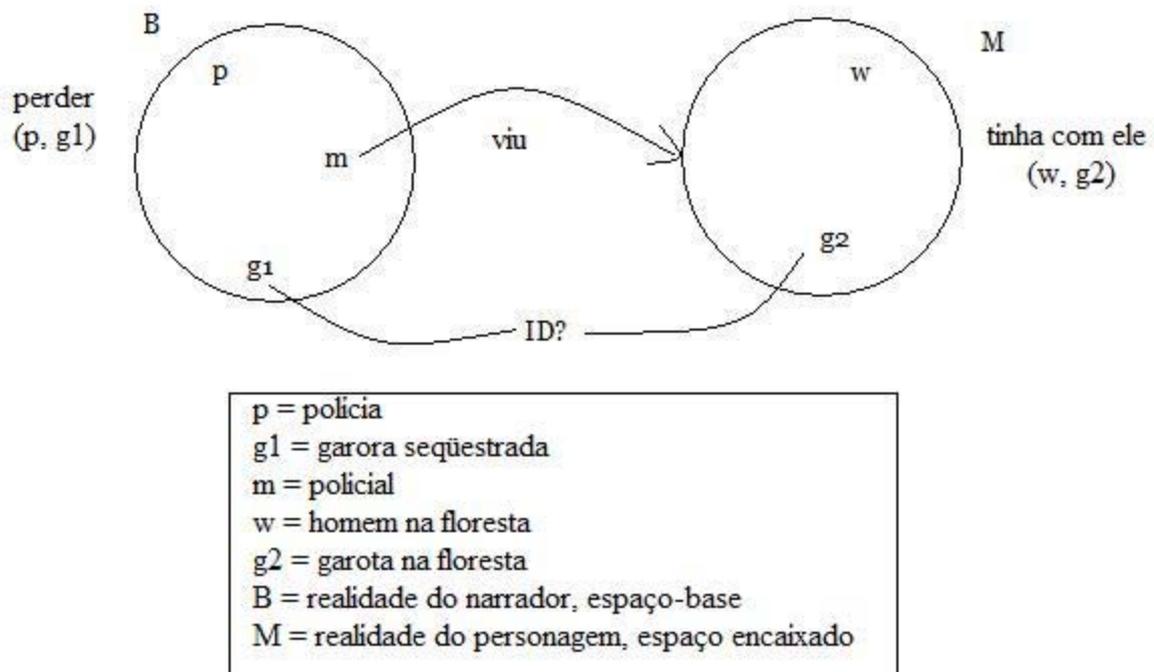


Diagrama 20: Representação em espaços mentais de (5) (a), (b) e (c).

Em 5b, o verbo “viu” cria um espaço encaixado M, que está conectado à expressão “um policial” – *m*. Anteriormente, em 5a, o narrador já introduzira “a garota sequestrada” – *g1*. No entanto, o policial na mata desconhece *g1*. Para ele há apenas “uma garota” – *g2*, em M, espaço da crença do policial, ou seja, o ponto de vista está em M.

O “sequestrador” está presente implicitamente em 5a, via “garota sequestrada”, e esse predicado ativa o *frame* de sequestro. Qualquer leitor, na representação de 5b, poderia pensar em uma relação de identidade entre “a garota sequestrada” – *g1* e “uma garota” – *g2*, o que não se pode confirmar. Assim, “uma garota” pode ser um novo referente em M.

Em 5c, a pressão gramatical e pragmática causa uma conversão de espaços, confirmando a relação de identidade: “a” de “a libertou” em 5c se refere fortemente ao mais recente referente feminino, ou seja, “uma garota” em 5b, já que no nível do discurso “o sequestrador” se refere ao sequestrador implicitamente presente em 5a e o predicado “libertada” se insere no *frame* de sequestro mencionado anteriormente.

Em conclusão, uma vez que a relação de identidade entre “o sequestrador” é estabelecida em 5a e 5b, também se configura a relação entre *g1* e *g2*. No exemplo 5b, o Ponto de Vista muda de B para M, o referente “uma garota”, é a contraparte para o referente “a garota sequestrada”, inicialmente localizada no espaço base B. Já em 5b, o Ponto de Vista está em M, o que significa que o acesso ao referente “uma garota” não é fornecido pela contraparte do personagem no espaço base B, mas diretamente por M.

Em suma, a Perspectiva Implícita é a perspectiva do policial (m), endossada pelo narrador, de que a garota é a mesma nos três exemplos. O narrador reporta a perspectiva do policial como se fosse a verdade.

A análise de Sanders e Redeker (1996) mostra que a Teoria dos Espaços Mentais oferece uma útil representação de perspectivas encaixadas e explica as diferenças no grau da força de encaixe de vários tipos de perspectiva. Foi salientado que diferentes tipos de representação de fala e pensamento diferem no âmbito da separação do espaço mental encaixado, ou seja, a blindagem do espaço encaixado a partir da base. Viu-se também que, em comparação com o discurso direto, o discurso indireto e a perspectiva implícita estão menos marcados explicitamente como encaixes, em outros termos, eles são mais “influenciáveis” pelo narrador. Meirelles e Rocha (1999, *apud* ROCHA 2000), fazem alguns apontamentos a respeito do trabalho de Sanders e Redeker:

- a análise do discurso reportado fica restrita quando não se leva em consideração a perspectiva do narrador;
- a escolha do tipo de perspectiva sugere uma noção escalar que está diretamente relacionada com o desejo de proteção de face do narrador;

- o tipo de modalização do discurso reportado permite perceber o grau de comprometimento do narrador em relação à fala que reporta. Existem índices lingüísticos e contextuais que garantem isso. (ROCHA 2000, p. 48, 49)

2.3.2 A Tese de Cutrer:

No capítulo 6 de sua tese, intitulado *Tense in Embedded Clauses of Speech Verbs*, Michelle Cutrer analisa o comportamento do tempo verbal em cláusulas encaixadas de discurso indireto.

Mais especificamente, esse capítulo investiga as propriedades especiais de acesso dos espaços colocados para a interpretação do discurso indireto. Segundo a autora, o discurso encaixado introduz um forte papel de Ponto de Vista relacionado com o falante reportado e que o Ponto de Vista é um ponto de ancoragem potencial para o tempo verbal. Cutrer ressalta que espaços no domínio do discurso são designados a um status Fato/Predição em relação ao forte Ponto de Vista do falante reportado. Um espaço de discurso, nas palavras da linguista, pode também ser acessado a partir da Base, entretanto, “somente onde o status Fato/Predição atribuído ao espaço em relação à Base é o mesmo status Fato/Predição atribuído ao espaço em relação ao Ponto de Vista do falante reportado” (CUTRER, 1994, p. 324). Em última instância, é afirmado que o domínio do discurso estabelece uma barreira ao acesso de espaços de fora do domínio do discurso, com exceção da Base.

Cutrer (1994), diz que verbos *dicendi*, como dizer, anunciar, contar, etc, quando ocorrem com orações encaixadas, suscitam a criação de um espaço de fala, o qual possui as respectivas propriedades:

- (i) O espaço inicial de discurso tem um papel de ponto de vista forte e inerente associado, a um experienciador (SELLS, 1987). Esse papel de Ponto de Vista, nomeado com o sinal @, é preenchido pelo falante ou experienciador do evento do discurso reportado.
- (ii) O Ponto de Vista@ (papel do Ponto de Vista do espaço de discurso inicial) é determinado pelo valor do tempo do evento do discurso reportado (apesar de que esse valor não pode ser

precisamente definido). Em consequência disso, o espaço de discurso inicial representa um período que inclui minimamente o tempo do evento do discurso reportado, mas pode ser mais amplo.

A partir de um exemplo, Cutrer ilustra tais propriedades. Tomemos a sentença:

(6). John disse que estava doente.

Eis sua representação em Espaços Mentais:

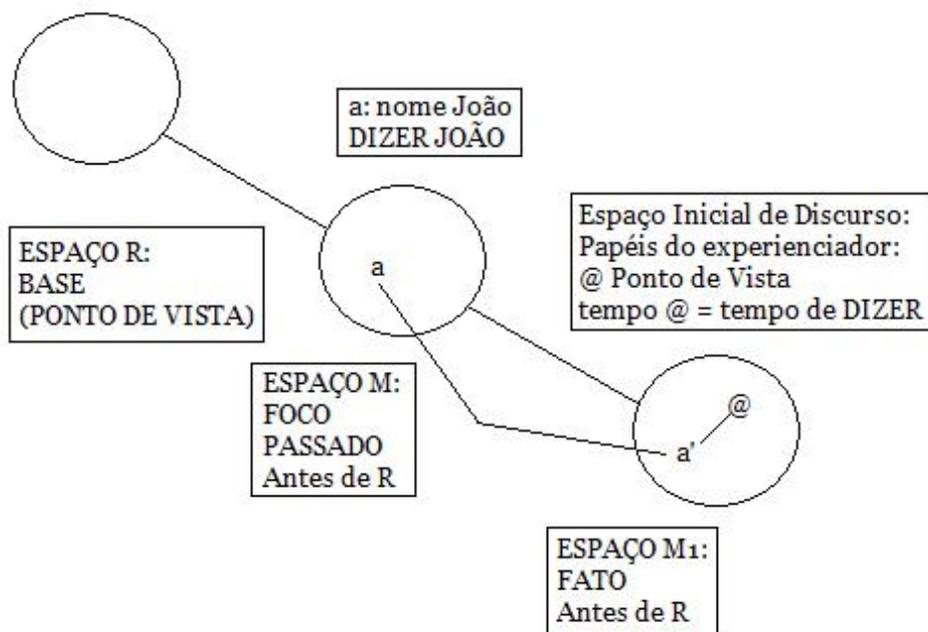


Diagrama 21: representação em Espaços Mentais de (6).

Diante de um contexto qualquer, a autora elucida que, a partícula “John disse que” suscita a criação de três espaços: o Foco Passado (M), a Base e o espaço M1. (M), o primeiro, é determinado por *dizer* no passado; o segundo, (R), estabelecido *by default* e, o último, (M1), espaço-filho de (M), estruturado a partir do construtor de espaços “disse que” e possuidor de um papel de Ponto de Vista, que chamamos de @. O falante do discurso “John” preenche @ que é estabelecido pelo valor

tempo do evento de discurso reportado “dizer” em (M). Assim, se dissermos que o evento de reportação de fala se passou em determinada hora, 20h de segunda passada, por exemplo, conclui-se que o Ponto de Vista @ também se encontra exatamente às 20h de segunda passada. Diz-se, dessa maneira, que M1 deve figurar, ao menos, em um período de tempo que abranja minimamente a duração temporal do evento de fala “dizer”, mas que pode ser maior.

Rocha (2000) considera que “em um contexto de DR, há, então, dois Pontos de Vista, um que se relaciona à Base e outro ao falante, cuja fala é reportada”.

Espaços no domínio de fala possuem um número de propriedades especiais. Tais propriedades de espaços no domínio de fala serão expressas resumidamente a seguir:

- (i) a um espaço qualquer encaixado no domínio de discurso é atribuído o status Fato/Predição na relação com o Ponto de Vista @, embora o espaço possa não ser acessado através do papel do ponto de vista (@);
- (ii) no que diz respeito ao Ponto de Vista @, o espaço inicial é um espaço Fato;
- (iii) há três maneiras de se acessar espaços no domínio de discurso:
 - Ponto de Vista/Base > espaço alvo;
 - Ponto de Vista @ > espaço alvo;
 - Ponto de Vista/Base via Ponto de Vista @ > espaço alvo.
- (iv) espaços no domínio de discurso podem ser acessados a partir de espaços criados para a interpretação do tempo verbal na cláusula matriz, a não ser pela Base;
- (v) o acesso via Ponto de Vista/Base a espaços no domínio de discurso está sujeito ao Princípio Fato/Predição, que estabelece restrições ao acesso direto pela Base quando dois Pontos de Vista fortes estão comprometidos.

Como dito em (iii), há três caminhos de acesso aos domínios do discurso. A partir de exemplos tirados da obra de Cutrer reproduziremos esses acessos.

Em primeiro lugar, apresentamos a sentença (7) “John anunciará à meia noite que ele queimou os documentos duas horas atrás”, que representa o acesso a partir do Espaço de Fala (Ponto de Vista @). Verbos *dicendi* instalam espaços de fala e introduzem um forte papel de PV (PV@), que se apresenta como importante ponto de apoio para o tempo verbal. Por isso, o PV@ pode ser um ponto de acesso ao domínio de fala, vejamos porque:

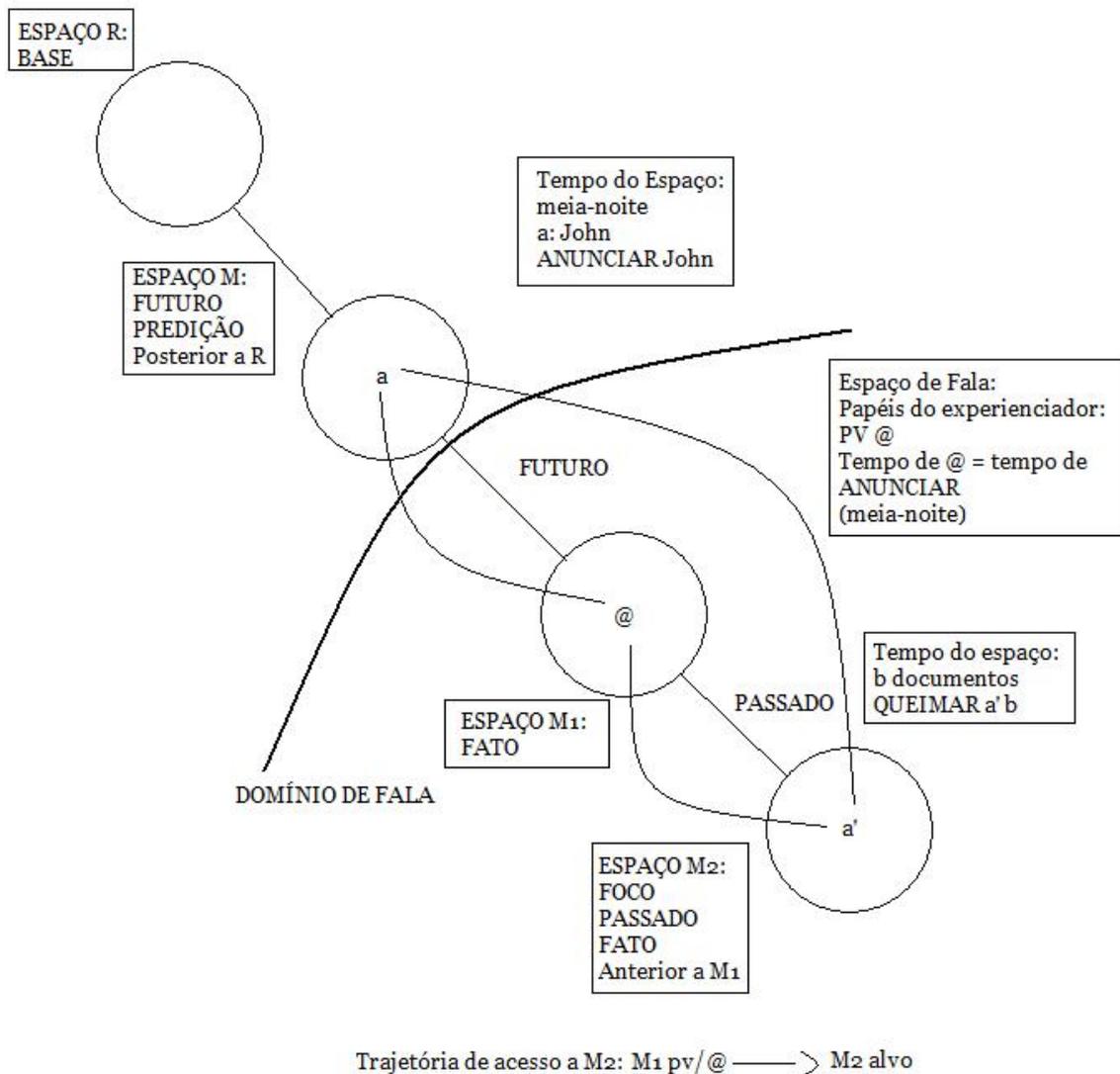
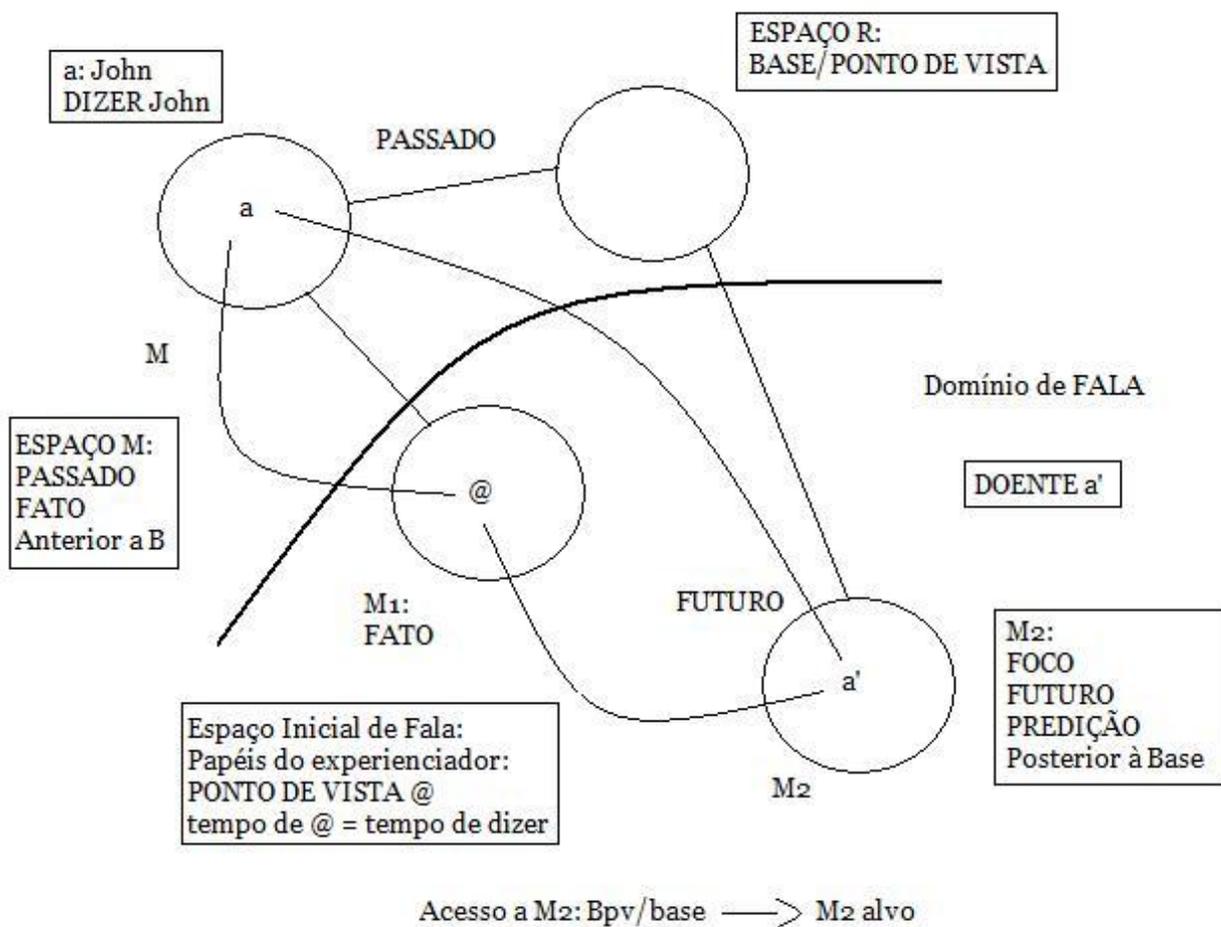


Diagrama 22: Representação em espaços mentais de (7).

O acesso é indicado pelo encaixe do pretérito perfeito em “queimou”- que é o espaço M2. O espaço M2 é acessado diretamente pelo Ponto de vista@, em M1.

Em segundo lugar, o acesso partindo diretamente do PV/Base. Observe, no exemplo a seguir, que o espaço estruturado pelo futuro, através da expressão “ele estará doente”, é acessado diretamente a partir da Base/Ponto de Vista. Esse acesso é refletido na escolha temporal.



(8) John disse que estará doente.

Diagrama 23: Representação em espaços mentais de (8).

Por fim, o acesso do PV/Base > PV@, como veremos no exemplo (9) “John anunciou ontem que tinha se demitido no dia anterior”.

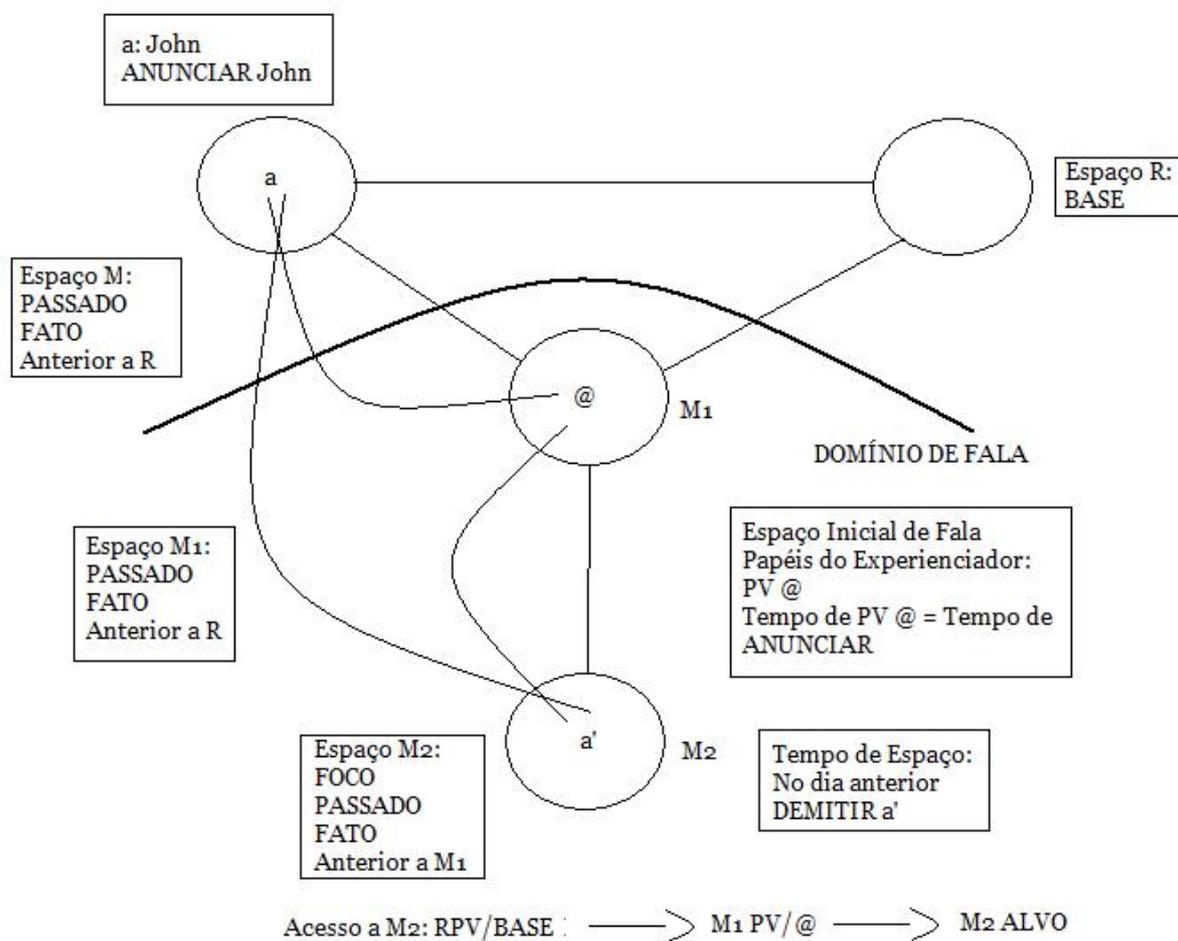


Diagrama 24: Representação em espaços mentais de (9).

O acesso até o espaço alvo M2, estruturado pelo evento “demitir-se”, é a partir do PV/Base para o espaço M1 (PV@) e então para o espaço M2. O mais-que-perfeito em “ele tinha se demitido”, reflete o acesso escolhido nesse espaço, já que esse tempo verbal reflete o passado do passado, desde que o advérbio temporal “no dia anterior” indica um período de tempo específico para o pedido de demissão (“o dia antes de ontem”) e, por isso, coloca o Foco em M2.

Esse capítulo do trabalho de Cutrer fornece uma importante contribuição no que diz respeito ao encaixe de espaços concebidos a partir de verbos *dicendi* e Meireles (1999 apud ROCHA 2000)

diz que:

(...) em relação às propostas de Sanders e Redeker (1996), o modelo proposto por Cutrer é mais complexo, pois representa dois espaços encaixados: um é M, relativo ao verbo *dicendi*; o outro é o espaço M1, relativo à fala. O espaço M tem o tempo do verbo *dicendi* e o espaço M1 inclui o tempo de M. Após estes espaços surge(m) o(s) espaço(s) com a citação. MEIRELES, 1999, apud ROCHA 2000, p. 55)

Após perpassamos o aporte teórico que sustenta nosso trabalho, faremos agora um relato do processo que envolveu a escolha de um *corpus* e busca por ocorrências de **Se X *dicendi* Y, Z**, para, enfim, aplicarmos os pressupostos apresentados anteriormente na construção em estudo.

3 Metodologia

Os processos metodológicos que permeiam o presente trabalho visam a uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, sendo que as abordagens devem ser encaradas como “complementares e mutuamente ajudantes” (MUNHAL, 1993, *apud.* Health Technology Assessment, 1998). Seguindo esse viés, a LC busca parceria com a Linguística Cognitiva baseada em *Corpus*, área que estuda a língua por meio da observação de grandes quantidades de dados linguísticos reais, isto é, textos falados ou escritos provenientes da comunicação no mundo real (língua em uso), com o auxílio de ferramentas computacionais. Nossa escolha por essa vertente metodológica se justifica pelo atual compromisso da Linguística Cognitiva em desvelar os processos de significação, sendo os sentidos dependentes da cena comunicativa e do uso real.

Com o advento da Linguística baseada em *Corpus*, o processo da investigação linguística pôde ser acelerado, provocando mudanças tanto na pesquisa linguística quanto na concepção de *corpus*. Deixa-se, principalmente, de conceber *corpus* a partir da exclusiva intuição do pesquisador, como fazem os defensores da vertente mentalista, cujo objetivo é o de construir exemplares que satisfaçam e comprovem suas hipóteses.

Dessa forma, um *corpus* passa a ser caracterizado como:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que sejam processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para análise e descrição. (SARDINHA, 2004, p. 18)

É importante ressaltar que, em termos quantitativos, esse trabalho se apoia na facilidade de acesso à grande quantidade de *corpora* de toda sorte, o que permite uma real observação do uso de

nossa construção em diferenciados âmbitos, como por exemplo em termos de sub-padrões encontrados, variedades de instanciação ou emergência de dados, que escapam à intuição do pesquisador. Isso possibilitaria um importante acesso à imprevisibilidade de ocorrências.

Por outro lado, ainda no que diz respeito aos processos de verificação de dados utilizados por nós, salientamos que, feito um levantamento quantitativo das instâncias encontradas, o desenlace analítico aqui proposto não se furta a uma avaliação manual de cada exemplar encontrado. A ferramenta eletrônica utilizada tem seus limites e, como desenvolveremos abaixo, há muitos casos em que os resultados encontrados não são, na verdade, instâncias de nossa construção; tem de se fazer uma verificação minuciosa das ocorrências, promover uma “limpeza” no *corpus*, para que o instrumento eletrônico seja mais eficaz à pesquisa.

3.1 As ferramentas de trabalho e o *Corpus*

O arranjo metodológico a que nos referimos, se estabelece através do site VISL (*Visual Interactive Syntax Learning*)⁴, um projeto de pesquisa em desenvolvimento no Instituto de Linguagem e Comunicação (ISK), *University of Southern Denmark* (SDU) - Odense Campus. No início do projeto, em funcionamento desde setembro de 1996, quatro línguas foram envolvidas: inglês, francês, alemão e português, em seguida, dinamarquês, espanhol e esperanto. A partir daí, muitas outras línguas se juntaram ao projeto, como islandês, italiano, norueguês, romeno, sueco, dentre outras.

O VISL está envolvido em muitos aspectos da Linguística baseada em *Corpus*, como:

1. Compilação de *Corpus*;
2. Anotação automática de *corpus*;

⁴ Endereço eletrônico: <http://corp.hum.sdu.dk/cqp.pt.html>, acessado em 28, 29 e 30 de março de 2011.

3. Revisão linguística manual de *corpus*;
4. Investigação linguística baseada em *corpora* de línguas específicas;
5. Fornecer acesso à Internet para pesquisa de *corpora* (através da plataforma *CorpusEye*).

O site, por meio de sua interface de pesquisa em *corpora*, favorece a procura por instâncias de construções semi-abertas, nas quais se encaixa nosso exemplar, fazendo uso de um sistema de filtragem que permite o preenchimento em categorias. A seguir, a figura (1) retrata a página eletrônica inicial do projeto *CorpusEye*:

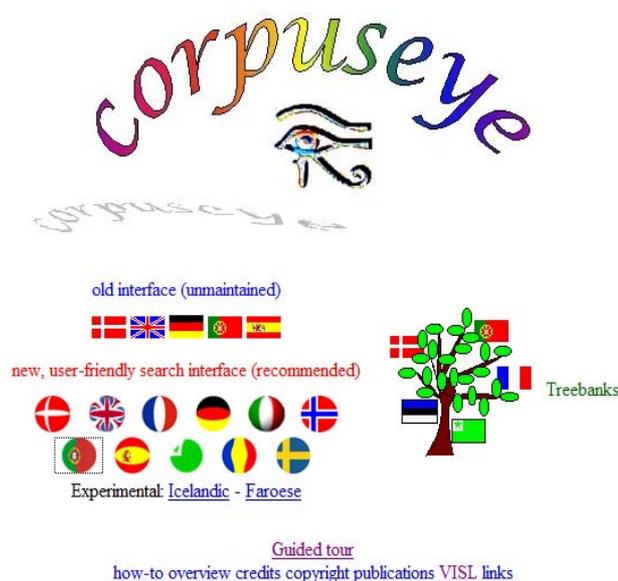


Figura 1: página inicial *corpuseye*.

Em língua portuguesa, uma busca minuciosa de dados é garantida em diversificados *corpora*, de diferentes configurações, em PB e PE e, diferentes tipos de textos, tanto da modalidade

oral, quanto da escrita: no *corpus* Floresta Público, no *corpus* Floresta Folha, no *corpus* C-ORAL, no *corpus* Europarl, no *corpus* Folha de São Paulo, no *corpus* Wikipedia, no *corpus* Público 91, no *corpus* Público 92, no *corpus* Público 93, no *corpus* Público 94, no *corpus* Público 95, no *corpus* Público 96, no *corpus* Público 97 e no *corpus* Público 98.

Entretanto, nossa pesquisa se direciona especificamente para dados do PB em sua modalidade escrita. As razões para isso podem ser assim sumarizadas:

(i) Opção por um recorte metodológico que não contempla contrastes de variedades nacionais do português. As investigações em textos escritos têm também como fim elencar as ocorrências de verbos *dicendi* em um *corpus* de PB, para efeito de comparação com o número de instâncias de **Se X *dicendi* Y, Z;**

(ii) Disponibilidade, em maior quantidade, de *corpora* de dados escritos em comparação aos dados de fala. Além disso, o fato de haver maior número de dados de escrita, teoricamente, gera expectativa de aumentar as chances de encontrar exemplares da construção em questão;

(iii) Possibilidade de se avaliar o emparelhamento forma/significado dessa construção, ou seja, visualizar o comportamento dessa construção na modalidade escrita;

Por isso, elegemos como *corpus* de busca, o *corpus* da Folha de São Paulo, com mais de 24,2 milhões de palavras. O *corpus* CETEM-Folha inclui os textos da Folha de São Paulo do ano de 1994 (as 365 edições), incluindo cadernos não-diários. Na sequência, a figura (2) ilustra a forma de acesso ao *corpus* no projeto *CorpusEye*:



Figura 2: a forma de acesso ao *corpus* da Folha de São Paulo no projeto *corpuseye*.

A partir de agora, passaremos a lidar com nossa metodologia de pesquisa em duas frentes: quantitativa e qualitativa. Essa subdivisão se faz necessária à medida que, em nosso trabalho, a intenção é realizar uma análise em termos cognitivos sem que se deixe de contemplar a possibilidade do surgimento de efeitos pragmáticos. Tal interesse se justifica por uma tendência metodológica que prima por estudar a linguagem a partir de suas manifestações reais no discurso, levando em consideração as dimensões social e cultural dos processos de significação.

3.2 Os processos de busca

Concluída essa etapa, damos encaminhamento ao processo de rastreamento da construção em estudo e, a seguir, apontaremos os caminhos percorridos em termos quantitativos e qualitativos.

3.2.1 A busca sob ponto de vista quantitativo

Ao tomar contato com a página de busca disponibilizada pela interface *CorpusEye*, deparamo-nos com colunas de rastreamento, as quais serão preenchidas, segundo nosso interesse de pesquisa, a fim de contemplar as intenções de triagem. Tendo em vista a construção **SE X dicendi Y, Z**, a filtragem de ocorrências se configura de acordo com as seguintes etapas:

1. Em primeiro lugar, na coluna inicial, como se vê na figura (3), alguns espaços aparecem, respectivamente com as categorias *WORD*, *BASE* e *EXTRA*. A partícula *SE*, marcadora prototípica de condicionalidade, é colocada no primeiro espaço de busca. É pertinente expormos certas dificuldades no processo de rastreamento e filtragem das ocorrências, devido à quantidade de resultados coletados em que a partícula *SE* não se apresenta como marca de condicionalidade, por exemplo: “Pode-se **mesmo dizer** que, antes da entrevista, o papo foi uma autêntica(...)”.

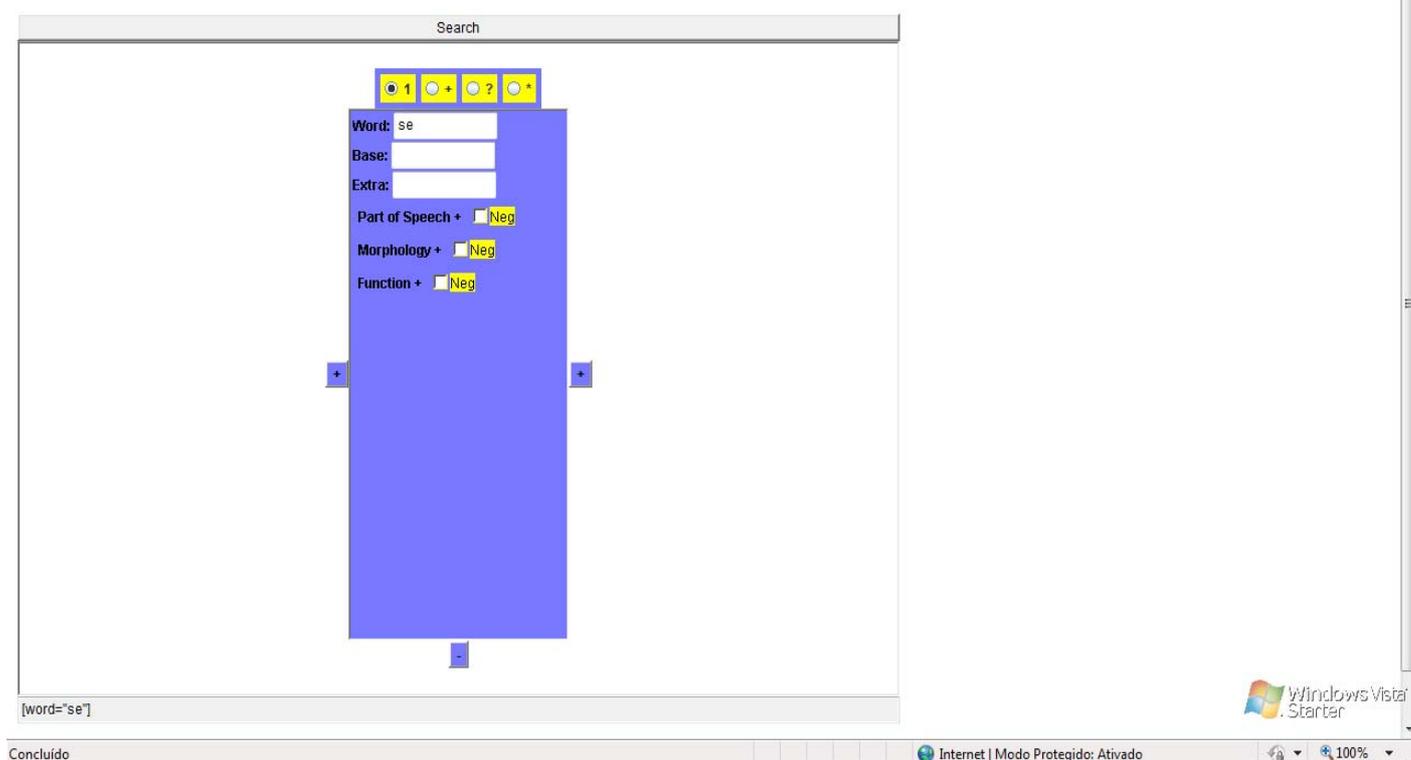


Figura 3: a primeira coluna de busca – preenchimento com “se” no espaço *WORD*.

2. Num segundo momento, adiciona-se uma segunda coluna, a qual será responsável pelo elemento **X** de nossa construção. Na figura (4), exibiremos o item *part of speech*, que se desdobra em várias categorias, quais sejam: a) *noun*; b) *proper noun*; c) *adjective*; d) *pronoun*; e) *verb*; f) *adverb* e g) *others*; sendo que todas foram relevadas. Nessa etapa, deve-se salientar que, quando clicamos em *VERB* em “*part of speech*”, a maioria dos casos encontrados não se configuram como exemplos de instanciações de nossa construção. Trata-se de casos de perífrases ou ainda ocorrências nas quais o SE não é partícula condicional, como em: “Se Niemeyer não interessava, o mesmo não **se pode dizer** de Burle Marx”.

No caso de *ADJECTIVES* em “*part of speech*”, o resultado encontrado não apontou instâncias de **Se X dicendi Y, Z**. Os exemplares mostrados como resultado não se encaixam como

unidades da construção, por exemplo: “Torna- **se difícil dizer** o que ela representa para o Brasil”. Aqui, mais uma vez, o SE não se configura como marcador de condicionalidade. Abaixo, na figura 4, o esquema até esse momento:

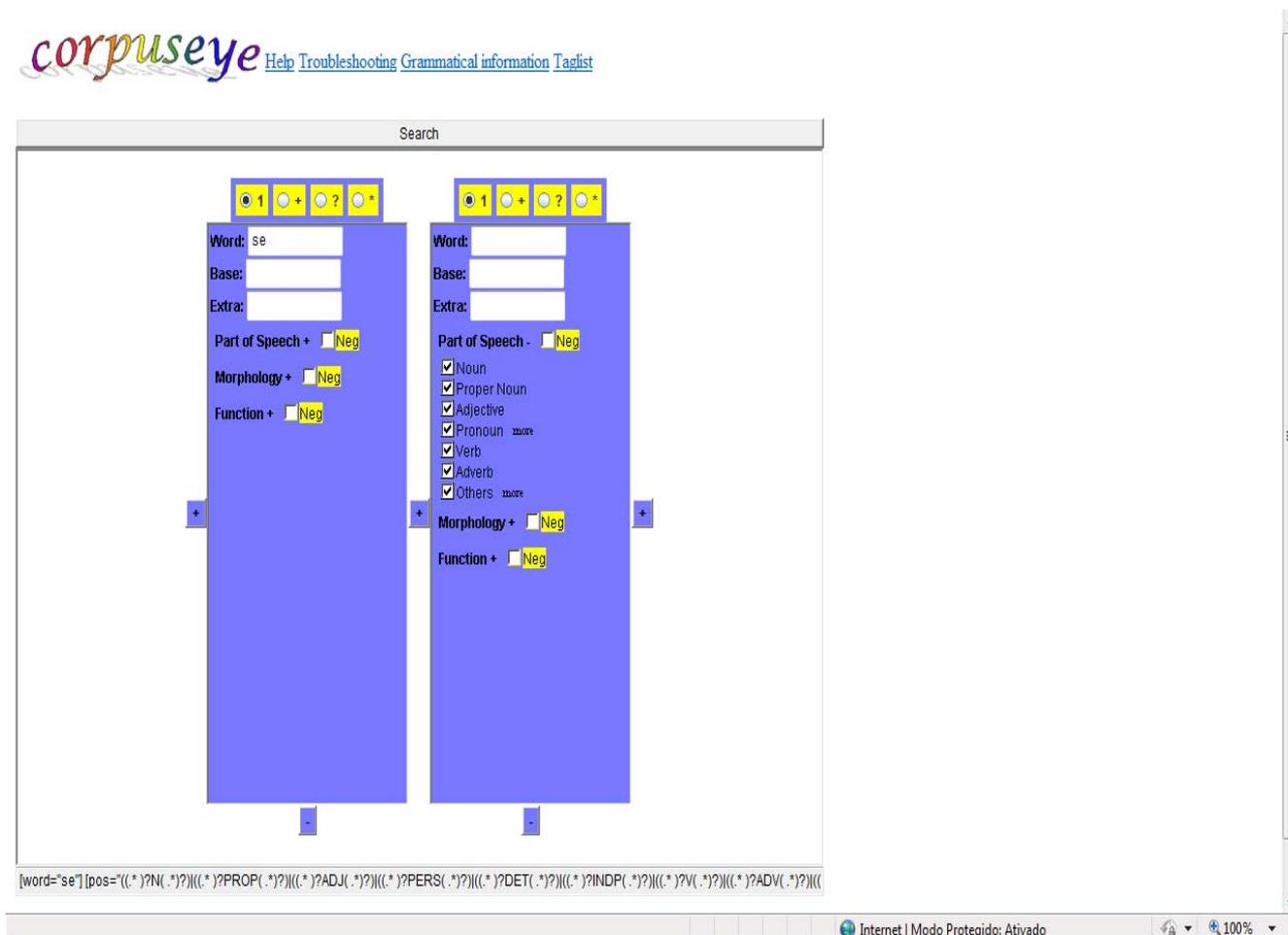


Figura 4: adição da segunda coluna de busca – contemplação de todas as categorias de *part of speech*.

3. E, finalmente, a última coluna surge e os verbos *dicendi*, tomados tradicional e intuitivamente como prototípicos segundo uma lista composta de catorze verbos de dizer, ou seja, aqueles que potencialmente abrem um espaço mental para encaixe da voz do outro, ocupam o campo *BASE* da coluna, configurando-se como palavras-chave desta pesquisa. Eis os verbos em questão: a) dizer; b) falar; c) afirmar; d) responder; e) perguntar; f) declarar; g) indagar; h) explicar; i) contar; j) depor;

k) pronunciar; l) discursar; m) retrucar e n) exclamar. A seguir, na figura 5, um exemplo de busca com o verbo *dizer*:

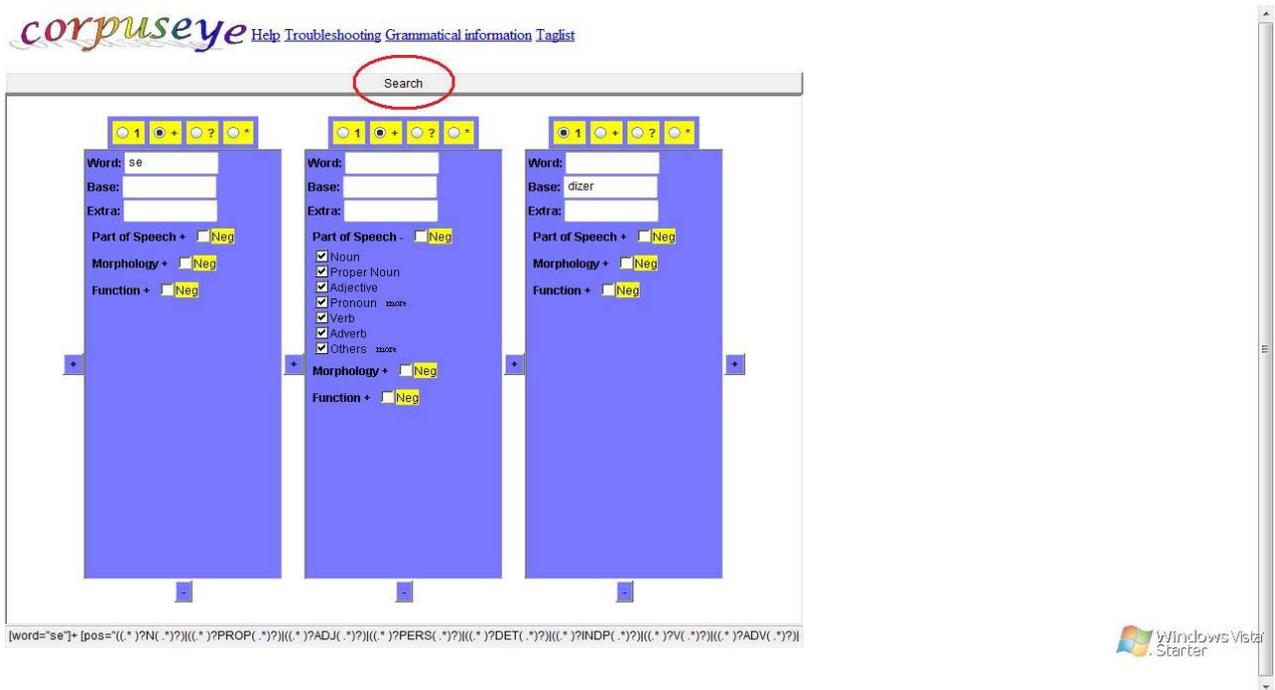


Figura 5: conclusão do processo de busca – na terceira coluna, preenchimento com o verbo *dicendi*, “dizer”, nesse exemplo em *BASE*.

A procura se conclui assim que clicamos em *search*, destacado em vermelho no alto da figura 5. Deparamo-nos, então, com os resultados iniciais. Após minuciosa filtragem, que inclui a leitura de todos os resultados e a seleção daqueles que se apresentam como exemplares de nossa construção, bem como a exclusão dos casos que não representam instâncias de **Se X *dicendi* Y, Z**, é que contabilizamos o número total de ocorrências dentro desse *corpus*.

3.2.2 A busca sob ponto de vista qualitativo

Nesse momento de pesquisa, nossa tarefa se direciona a separar casos emblemáticos da

construção para que se contemplem seus aspectos cognitivos, os quais serão discutidos a frente, quando tratarmos dos objetivos.

3.3 Objetivos

Tendo por base nossa forma de busca anteriormente exposta, os objetivos de pesquisa aqui utilizados se dividem entre quantitativos e qualitativos. Em primeiro lugar, daremos espaço aos objetivos quantitativos, firmados de acordo com a parceria com a Linguística Cognitiva baseada em *Corpus*. Posteriormente, serão expostos os objetivos qualitativos no estudo de **Se X *dicendi* Y, Z**.

3.3.1 Objetivos quantitativos

1. Fazer a contagem do número de ocorrências de nossa construção a partir do banco de dados tratado escolhido, a fim de atestar sua frequência de uso, sem a pretensão de generalizar as conclusões em termos de língua como um todo;
2. Efetuada a contagem das instâncias de **SE X *dicendi* Y, Z**, realizar um contraste entre o número total de ocorrências de verbos *dicendi* de uma maneira geral, no mesmo ambiente de busca utilizado em nossa construção e o número de verbos *dicendi* associados à construção semi-aberta em análise.
3. Realizar uma verificação dos temas jornalísticos a que se aplicam às instanciações;

3.3.2 Objetivos Qualitativos

1. Delimitar os dados em categorias, como (a) discurso direto e (b) discurso indireto, sob

critério formal de presença ou não de complementizador – partícula *que*. Dentro do item (a), realizar uma subclassificação em termos do elemento **Y** da construção, sendo esse um objeto encaixado no discurso (a.1) ou um índice resumitivo ou Sprep (a.2). Ainda em (a) e também dentro do item (b), realizar a distinção do modo verbal dos *dicendi* em (a.i) e (b.1) indicativo ou (a.s) e (b.2) subjuntivo.

2. Mostrar como se configura a armação dos espaços mentais no fluxo discursivo no qual essa construção se encontra inserida;

3.4 Perguntas:

Após a apresentação geral do sistema de busca por nós utilizado e depois dos resultados encontrados que serão expostos adiante, podemos pensar em perguntas que suscitam hipóteses tanto de natureza quantitativa como qualitativa. A seguir discutiremos esses pontos.

3.4.1 Perguntas de ordem quantitativa

Em termos de frequência, como será detalhado em nosso capítulo analítico, o número de ocorrências de nossa construção pode ser considerado pequeno, principalmente em comparação ao enorme lastro de ocorrências de construções de discurso reportado, com os mesmos verbos *dicendi* já mencionados, no mesmo *corpus*. A partir dessa constatação, emergem algumas de nossas perguntas, quais sejam:

I – Quantas ocorrências de nossa construção semi-aberta são devolvidas pelo rastreamento eletrônico e manual mediante a totalidade de *tokens* oferecidos pelo *CORPUSEYE*?

II – O que isso representa em termos de frequência de ocorrência?

III – Em termos percentuais, quais os verbos aparecem mais no domínio da construção?

IV – Como se apresentam as instanciações de acordo com as temáticas do gênero textual jornalístico que as compõe?

V – Qual a relação entre o número de ocorrências de **SE X *dicendi* Y, Z** o número de aparições de verbos *dicendi* no mesmo ambiente de busca?

VI – A construção aparece mais em discurso direto ou indireto?

VII – Como a construção se apresenta em termos de correferencialidade temporal entre prótase e apódose?

3.4.2 Perguntas de ordem qualitativa

I – Qual é a armação cognitiva subjacente à construção **Se X *dicendi* Y, Z** no fluxo discursivo?

II – Qual a relação de uma construção gramatical com os espaços mentais?

III – Que efeitos argumentativos **Se X *dicendi* Y, Z** pode proporcionar a partir da integração da construção no domínio discursivo?

4. Análise

Ao desvendarmos os processos analíticos do presente trabalho, seguiremos a mesma linha de organização do aparato metodológico, ou seja, delineando as considerações realizadas segundo seus aspectos quantitativos ou qualitativos, a fim de elucidar o caráter complementar de cada abordagem com a intenção de alcançar um nível de compreensão de nosso objeto de estudo que abarque diferentes esferas de pensamento.

Inicialmente, lidaremos com a parte quantitativa dos estudos (4.1), respondendo a seus respectivos objetivos com o propósito de conhecer o rendimento de nossa construção e sua frequência de uso em um *corpus* de PB, a partir de textos de natureza escrita. Em seguida, desenvolveremos a análise assumindo uma postura qualitativa (4.2), o que garantirá a visualização e o exame do comportamento da construção no fluxo discursivo.

4.1 Análise quantitativa dos dados

Nosso banco de dados, segundo informações do site VISL, consta de 24 milhões de palavras. Dentro desse universo, foram encontradas 83 instâncias da construção semi-aberta **Se X *dicendi* Y, Z**, as quais se encontram em anexo 1, ao final do trabalho. O reduzido número de instâncias nos faz refletir sobre alguns aspectos de nossa construção: em primeiro lugar, devemos ressaltar que **Se X *dicendi* Y, Z** classifica-se como construção semi-aberta, com número de preenchimentos limitado, o que pode ajudar a explicar a baixa frequência aqui atestada. Embora o molde construcional selecionado suscite a possibilidade de vários preenchimentos, a ordem sintática entre eles é relevante no modo como interagem com o todo específico, cuja forma apresenta um arranjo voltado para o encaixe do discurso reportado no domínio da prótase condicional.

Em segundo lugar, trata-se de um uso muito específico e complexo, por se tratar de uma construção argumentativa, com uso reduzido em meio a textos jornalísticos como os do *corpus* CETEM – Folha.

As instâncias do padrão em estudo podem ser subdivididas de acordo com os verbos que preenchem a variável *dicendi* na prótase da condicional. Assim, chegamos ao quadro 2, que, em sua primeira coluna, apresenta os verbos *dicendi* que foram levados ao sistema de procura. Já na segunda, temos o relato do número de ocorrências da construção de acordo com o verbo *dicendi* que a compõe. E, por fim, a última coluna, a qual mostra o respectivo percentual de aparecimento dos verbos pesquisados de acordo com o total de resultados.

Quadro 2:

Dicendi:	Número de ocorrências:	Percentual (%)
Dizer	32	37,8
Falar	24	29,2
Afirmar	1	1,2
Responder	2	2,5
Perguntar	8	9,8
Declarar	5	6,1
Indagar	1	1,2
Explicar	3	3,7
Contar	6	7,3
Depor	1	1,2
Pronunciar	0	0
Discursar	0	0
Retrucar	0	0
Exclamar	0	0
Total	83	100

Quadro 2: relação de verbos *dicendi* presentes nas prótases das instâncias de **Se X *dicendi* Y, Z** e seus respectivos percentuais de ocorrência.

Diante desse desempenho, vale ressaltar que as ocorrências do verbo *dizer* são maioria, representando mais de 37% das instâncias encontradas – isso reforça a intuição de que o verbo “dizer” é prototípico em termos da enunciação da voz do outro no domínio do *corpus* tratado. Assume-se, então, um entendimento de prototipicidade restrito a um conjunto específico de dados. Podemos pensar esse número apenas como um índice de prototipicidade, mas não tratando isso como uma afirmação categórica, considerando que, em geral, os dicionários e a própria consulta intuitiva dos falantes apontam que “dizer” é o *dicendi* prototípico quando refere-se a fala reportada. Em contrapartida, outros verbos como *pronunciar*, *discursar*, *retrucar* e *exclamar* não apresentaram nenhuma ocorrência no referido *corpus*, embora façam parte de uma lista plausível de verbos de enunciação.

Antes de prosseguirmos com a análise dos dados, é importante lembrar que, no processo de filtragem, muitos exemplares foram descartados, por não serem amostras da construção. Salientamos que o número final de 83 ocorrências foi encontrado perante um número total de 742 resultados de busca, sendo 264 de *dizer*, 148 de *falar*, 32 de *afirmar*, 13 de *responder*, 61 de *perguntar*, 15 de *declarar*, 5 de *indagar*, 15 de *explicar*, 142 de *contar*, 46 de *depor*, 1 de *discursar* e 0 de *pronunciar*, *retrucar* e *exclamar*.

Um importante detalhe que nos é oferecido pelo sistema de rastreamento do qual estamos lançando mão nessa pesquisa é a vantagem de sabermos de onde os excertos que nos servem como instâncias são extraídos. Em outras palavras, o programa *CorpusEye* nos fornece a exata seção do jornal Folha de São Paulo a que pertencem os trechos. Com isso, é possível, inclusive, discutir que (sub)tipo de subgênero jornalístico contempla mais a construção estudada e/ou o gênero textual que mais se repete. A tabela seguinte, (3), contém a classificação dos textos na primeira coluna e sua frequência de aparecimento, em termos numéricos e percentuais nas colunas dois e três, respectivamente. Os critérios são determinados pela própria Folha de São Paulo, de acordo com o

tema dos textos ou os cadernos de onde provém.

Quadro 3:

Classificações dos textos	Nº de ocorrências de Se X <i>dicendi Y, Z</i>	Percentual
Política	15	18,1%
Cadernos de Esportes	13	16%
Economia	10	12%
Folha Ilustrada	15	18,1%
Caderno Mais!	12	14,5%
Caderno Cotidiano	5	5%
Revista Folha	3	3,6%
Caderno Opinião	3	3,6%
Caderno Turismo	1	1,5%
Caderno Folhinha	1	1,5%
Cultura	2	2,5%
Folhateen	3	3,6%
Total	83	100%

Quadro 3: Classificação dos textos das instâncias de **Se X *dicendi Y, Z*** e seus percentuais de aparecimento.

A observação desses números revela aspectos de integração construcional do padrão que submetemos à busca. Um deles é a variedade de aparições nas mais diversificadas esferas de escrita. Foram encontrados 12 subconjuntos textuais, sendo que apenas os 5 primeiros cadernos somam 78,7% de todas as ocorrências. Geralmente, textos de natureza política, econômica, esportiva ou de variedades e entretenimento apresentam entrevistas e depoimentos de pessoas envolvidas nos temas, o que lhes garante credibilidade, via reportagem de argumentos de autoridades. Em outras palavras, a veracidade do conteúdo descrito em um jornal pode ser atestada através da reportagem da fala de outrem, e as partes do jornal que mais se baseiam nessa máxima são exatamente as que mais se destacam como fonte de aparecimento do objeto de estudo desse trabalho. Isso pode significar que é nesse meio que se encontra, em maior número, nesse *corpus*, a reportagem de fala encaixada em

ambiente condicional.

Em contrapartida, cadernos como Cotidiano, Turismo, Folhinha e Cultura não oferecem muitas unidades de **Se X *dicendi* Y, Z**. Ao lançarmos olhos sobre essas seções, percebemos que todo o cenário de reportagem de fala que descrevemos anteriormente, com mais entrevistas e argumentos de autoridades, não se repete nesses casos, característicos por concentrarem textos descritivos, meramente informativos e não argumentais.

Cabe aqui uma observação a respeito de algo que nos chamou atenção. Preliminarmente pensávamos que o caderno Opinião, como o próprio nome diz, se caracterizaria por fornecer, em seu conteúdo, grande quantidade de fala reportada ou de argumentos de autoridades e, como consequência, um maior número de ocorrências da construção em estudo. Entretanto, diferentemente dessas expectativas, há ali, apenas 3 exemplares de **Se X *dicendi* Y, Z**. Um exame da seção do periódico paulista, revelou que, apesar de opinativo, o texto, em si, não se constrói de maneira a contemplar a intenção de busca que descrevemos acima. Na verdade, o que se verifica no caderno Opinião é um texto autoral, feito por um jornalista em particular que faz de sua escrita um monólogo opinativo, que se configura como um comentário a respeito de algo específico.

Após esse quadro sobre o jornal Folha de São Paulo, percebe-se que o padrão semi aberto em pesquisa é mais vulnerável ao aparecimento em cadernos como Esportes, Economia e Política ou a Folha Ilustrada, que oferecem à vista como característica comum, mais entrevistas, mais opinião do outro, mais argumentos via fala reportada. No outro lado da balança estão as seções com mais instruções, mais relatos simples e menos entrevistas ou argumentos de autoridades, como no caso dos cadernos de Cotidiano, Turismo, Folhinha e Cultura. Com isso, acreditamos que **Se X *dicendi* Y, Z** se encaixa mais em determinado ambiente discursivo, ou seja, específicos sub(tipos) textuais de jornais são mais compatíveis com a construção.

Como dissemos, é pequeno o número de exemplares revelados nos resultados. Com isso, pensou-se em uma discussão mais ampla que abarcasse outros fatores para tentarmos revelar o

status da construção. Assim, estabelecemos perguntas como: qual a proporção de ocorrências de **Se X *dicendi* Y, Z** em relação ao total volume de aparições de verbos *dicendi* no corpus CETEM-Folha? Para isso, avançaremos as ponderações, apresentando o próximo quadro (4), que exibe o número de ocorrências *dicendi* no *corpus* da Folha de São Paulo disponibilizado no site VISL, independentemente de pertencer à construção semi-aberta **Se X *dicendi* Y, Z**. Essa pesquisa se justifica devido à tentativa de se tentar explicar a grande diferença entre as duas buscas, ou seja, busca exclusiva pelos verbos *dicendi* selecionados e busca pela construção acima retratada. A composição do quadro abrange uma coluna com os verbos *dicendi* pesquisados, uma segunda com o número de aparições desses verbos no *corpus* e, a terceira, com as suas respectivas percentagens em relação ao total encontrado.

Quadro 4:

Dicendi:	Número de ocorrências:	Percentual (%)
Dizer	1432	43,2
Falar	114	3,43
Afirmar	209	6,3
Responder	347	10,47
Perguntar	919	27,73
Declarar	65	1,96
Indagar	23	0,69
Explicar	132	3,98
Contar	32	0,96
Depor	3	0,1
Pronunciar	3	0,1
Discursar	4	0,13
Retrucar	18	0,55
Exclamar	13	0,4
Total	3314	100

Quadro 4: relação de ocorrências de verbos *dicendi* encontrados no corpus

Esse quadro, em comparação a (2), ilustra o que dissemos anteriormente, ou seja, a construção **SE X *dicendi* Y, Z** se mostra pouco frequente em nosso *corpus* em relação ao elevado número de ocorrências de discurso reportado encontradas no mesmo ambiente. Podemos postular que a natureza argumentativa das ocorrências, faz com que o número de aparições com discurso reportado diminua drasticamente. Essa diminuição se deve ao fato de o *corpus* em questão ser de um jornal escrito, a Folha de São Paulo, em que estão presentes, em sua maioria textos não-argumentativos, mas predominantemente informativos. Em outros termos, a presença de verbos de enunciação da voz do outro nos fez presumir que nossa construção se encontraria em abundância em um *corpus* jornalístico, que reporta factivamente a fala dos outros; entretanto, baseados nesses resultados, determinamos uma de nossas hipóteses: o caráter hipotético imposto pela condicionalidade e a natureza argumentativa da construção colocam em xeque o discurso reportado, provocando a escassez de exemplares.

Um dos questionamentos expostos no capítulo metodológico diz respeito a qual modalidade de discurso reportado aparece mais nas prótases das construções: discurso direto ou indireto. Assim sendo, o quadro 5 exibirá um levantamento que considera esses aspectos. Nas primeira e segunda colunas estão os verbos *dicendi* e seus respectivos números de ocorrências. A terceira e quinta colunas mostram, a partir do total ocorrências de cada verbo, quantas dessas ocorrências são de discurso direto ou de discurso indireto. Já as colunas 4 e 6 nos confirma, dentro do total de cada verbo, se a porcentagem é maior de verbos *dicendi* na modalidade direta ou indireta.

Quadro 5:

Dicendi:	Número de ocorrências:	Ocorrências com Discurso Direto:	Percentual de Discurso Direto:	Ocorrências com Discurso Indireto:	Percentual de Discurso Indireto:
Dizer	32	12	39%	20	61%
Falar	24	23	96%	1	4%
Afirmar	1	0	0%	1	100%
Responder	2	2	100%	0	0%
Perguntar	8	8	100%	0	0%
Declarar	5	3	60%	2	40%
Indagar	1	1	100%	0	0%
Explicar	3	3	100%	0	0%
Contar	6	3	50%	3	50%
Depor	1	1	100%	0	0%
Pronunciar	0	0	-	0	-
Discursar	0	0	-	0	-
Retrucar	0	0	-	0	-
Exclamar	0	0	-	0	-
Total	83	56	68%	27	32%

Quadro 5: percentual de ocorrências com discurso direto e indireto.

A partir do que vemos acima, constata-se que a maior parte das ocorrências de **Se X dicendi Y, Z** que as buscas no *corpus* CETEM – Folha nos oferece são compostas de prótases com discurso direto encaixado, totalizando 56 exemplares ou 68% do total de 83 instanciações. Já o discurso indireto apareceu em 32% das ocorrências, ou seja, os 27 exemplares restantes.

Outro ponto que deve ser relevado é o fato de que apesar do discurso direto estar em maior número nas ocorrências, o mesmo não acontece com o verbo “dizer”, que assumimos anteriormente como sendo prototípico em termos da enunciação da voz do outro. No seu caso em particular, a maioria das ocorrências é de discurso indireto (61% do total); o mesmo também ocorre com “afirmar”, que apresenta sua única ocorrência na voz indireta. Destacam-se também as instâncias de

“perguntar”, todas no discurso direto e o verbo “contar” com metade dos casos em discurso direto e a outra metade na modalidade indireta.

O último ponto que salientaremos refere-se ao último questionamento relativo a pontos quantitativos de análise, ou seja, diz respeito ao comportamento verbal em **Se X *dicendi* Y, Z**. O que se verifica na grande maioria dos casos analisados é uma correferencialidade dêitico temporal entre os verbos na estrutura de fala reportada, encaixada na prótase da condicional e o verbo da apódose, como nesses exemplos:

(1) Eu entrego a idade por um truque: **se você disser** que tem 44, ninguém **vai elogiar**, vai achar supernatural. (Folha de São Paulo, Folha Ilustrada);

(2) Tivemos tanta briga com a Fazenda que, **se eu dissesse** que há defasagens, **estaria traindo** as conversas...” (Folha de São Paulo, Caderno de Economia).

Em (1) e (2) há uniformidade de postura epistêmica, ou seja, a mesma postura encontrada na prótase é herdada pela apódose. Assim sendo, quando estamos diante de um exemplo de condicional hipotética, a escolha do futuro do subjuntivo na prótase (“**se você disser** que tem 44”), normalmente⁵ reflete o uso do futuro do indicativo, (mesmo que perifrástico), na apódose (“ninguém **vai elogiar**”). Da mesma maneira, se tivermos numa elocução o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (“**se eu dissesse**”), na apódose encontraremos o futuro do pretérito do indicativo (“**estaria traindo** as conversas...”), corroborando com o distanciamento epistêmico exposto pela prótase.

Em termos de números, do total de 83 ocorrências de nossa construção, cerca de 97% delas se encaixam na descrição acima, ou seja, em 81 casos de **Se X *dicendi* Y, Z** encontrados no corpus da Folha de São Paulo, há uma conformidade modo-temporal no que diz respeito ao comportamento

⁵ Diz-se “normalmente” porque há outras possibilidades como o presente na apódose, no entanto, ainda assim, mantém-se a postura epistêmica neutra: (3) Ele pode gritar quanto quer, mas **se eu falar** um pouquinho mais alto, ele **enlouquece**.

verbal na prótase e apódose. Os outros 3%, os dois exemplares restantes, se encaixam num grupo em que não há uniformidade epistêmica entre prótase e apódose.

Podemos estar diante de um caso de flexibilidade de encaixe, ao passo que a harmonia temporal anteriormente descrita não se faz presente, como em (3):

(3) Não revela como obteve essa informação, que, **se não explica** muito sobre o poema, ao menos **serviria** como desmoralização. (Folha de São Paulo, Caderno Mais!).

A desarmonização é notada se dermos atenção ao encadeamento verbal: na prótase, a postura epistêmica neutra de “explica” acarretaria no uso de futuro do indicativo na apódose (“servirá” ou “vai servir”). Entretanto, a presença do futuro do subjuntivo na apódose, em “serviria”, quebra com a expectativa e nos coloca diante de uma postura negativa, evidenciando um distanciamento e sugerindo novos questionamentos: por que isso ocorre? E ainda, quais as consequências discursivas dessa escolha?

Parece que a resposta está na conformação de espaços mentais de **Se X *dicendi* Y, Z**, mais especificamente no posicionamento de alguns princípios teóricos. Dessa forma, em nossa próxima seção (4.2), a partir da introdução ao esquema espacial da construção em estudo, responderemos aos questionamentos anteriormente suscitados.

4.2 Análise qualitativa dos dados

Após uma avaliação quantitativa e resolvidos os esclarecimentos dessa natureza, partimos agora para a análise qualitativa do padrão construcional **Se X *dicendi* Y, Z**. Essa modalidade será contemplada a partir da coleta de casos específicos e emblemáticos da construção, em termos de frequência, mas também serão examinados casos menos frequentes, de acordo com subpadrões que

emergiram de nossos dados.

Tomados pela intenção de desvendar os processos cognitivos que fundamentam a análise do esquema semi-aberto sobre o qual nos engajamos, lançamos foco sobre a Teoria dos Espaços Mentais e como esse aporte teórico age sobre o presente objeto de estudo.

Inicialmente, é importante lembrar que espaços mentais são domínios que organizam nossa forma de pensar e falar e se proliferam enquanto lançamos mão da linguagem. Por isso, é dever deste estudo apresentar a conformação espacial do modelo construcional de condicionalidade e reportação discursiva com o qual trabalhamos. Dessa forma, propomos uma divisão em subpadrões nos quais se encaixam nossas ocorrências. Em virtude das construções apresentarem certa similaridade em termos de configuração de espaços mentais, destaca-se, mais uma vez, sua variação quanto à postura epistêmica, visto que, em nosso banco de dados há casos que confirmam a harmonia modo-temporal discutida anteriormente e elocuições que se caracterizam pela flexibilidade de postura. Assim, as ocorrências foram divididas em dois macrogrupos, (4.2.1) casos com uniformidade de postura epistêmica, que se desdobrarão em outro dois subpadrões, a saber, (4.2.1.1) subpadrão com postura epistêmica neutra e (4.2.1.2) subpadrão com postura epistêmica negativa e, o segundo macrogrupo, (4.2.2) exemplares com não-uniformidade de postura epistêmica. Em (4.2.3), proporemos uma discussão a respeito do emparelhamento de construções. Partimos do pressuposto de Goldberg (2005), nesse trabalho, de que construção é um par forma/significado e que os significados são relativos às cenas, dentro da perspectiva fillmoriana. Entretanto, o trabalho de Goldberg realiza tais operações utilizando-se de uma semântica básica que restringe-se a um nivelamento sintático/semântico através de papéis argumentais. Nosso estudo tem procedência nos princípios de Goldberg, mas tenta enriquecer a dimensão do significado no emparelhamento com a forma, através da Teoria dos Espaços Mentais e das visões de Dancygier, Sweetser e Ferrari, que aproximam essa visão mais limitada a um paradigma que leva em consideração, também, outros aspectos como semântico-cognitivos, discursivos e argumentativos.

4.2.1 Se X *dicendi* Y, Z – uniformidade de postura epistêmica

Para esse grupo de construções, há, em nosso *corpus*, 81 exemplares. As instâncias que gozam dessa particularidade se caracterizam por uma conformidade verbal marcada diagramaticamente pelo posicionamento do Ponto de Vista, que tanto para prótase quanto para apódose, se ancora na Base. No entanto, apesar dessa configuração, há duas maneiras de se apresentar tal coerência: com neutralidade ou negatividade epistêmica.

4.2.1.1 Subpadrão com postura epistêmica neutra

O primeiro subpadrão que abordaremos é aquele que, em sua composição, contém dois verbos em consonância epistêmica, sendo que seu uso retrata um certo grau de comprometimento do falante com o que será dito na prótase e o mesmo comportamento na apódose. Das 81 ocorrências com uniformidade epistêmica, 54 se encaixam nessa categoria. Eis alguns exemplos:

(4) “**se eu disser** que estou vivendo uma das épocas mais felizes da minha vida, ninguém **vai acreditar** em mim” (Folha de São Paulo, Caderno Mais!);

(5) "Sou amigo de muitos políticos brasileiros, mas **se você me perguntar** se existe um grande estadista no Brasil, **direi** que não” (Folha de São Paulo, Caderno Mais!);

(6) “...táticos e a disciplina em campo, se me **disserem** que qualquer seleção do mundo não terá receio de perder, não **acredito**” (Folha de São Paulo, Cadernos de Esportes).

Em (4), a uniformidade epistêmica pode ser vista na sequência verbal em destaque: “disser” - “vai acreditar”. Esse tipo de emprego verbal põe à vista a aproximação do falante com o conteúdo

da prótase. A escolha do falante por “se eu disser” cria expectativa de que se diga “que estou vivendo uma das épocas mais felizes da minha vida”. O uso verbal que confirma nesse tipo de uso faz com que se suponha que o que é encaixado na prótase se realiza. Em (5), cabe o mesmo entendimento, ou seja, espera-se que a pergunta exposta pela prótase seja feita. Essas manifestações discursivas fazem com que a diagramação espacial desse tipo de elocução se apresente assim:

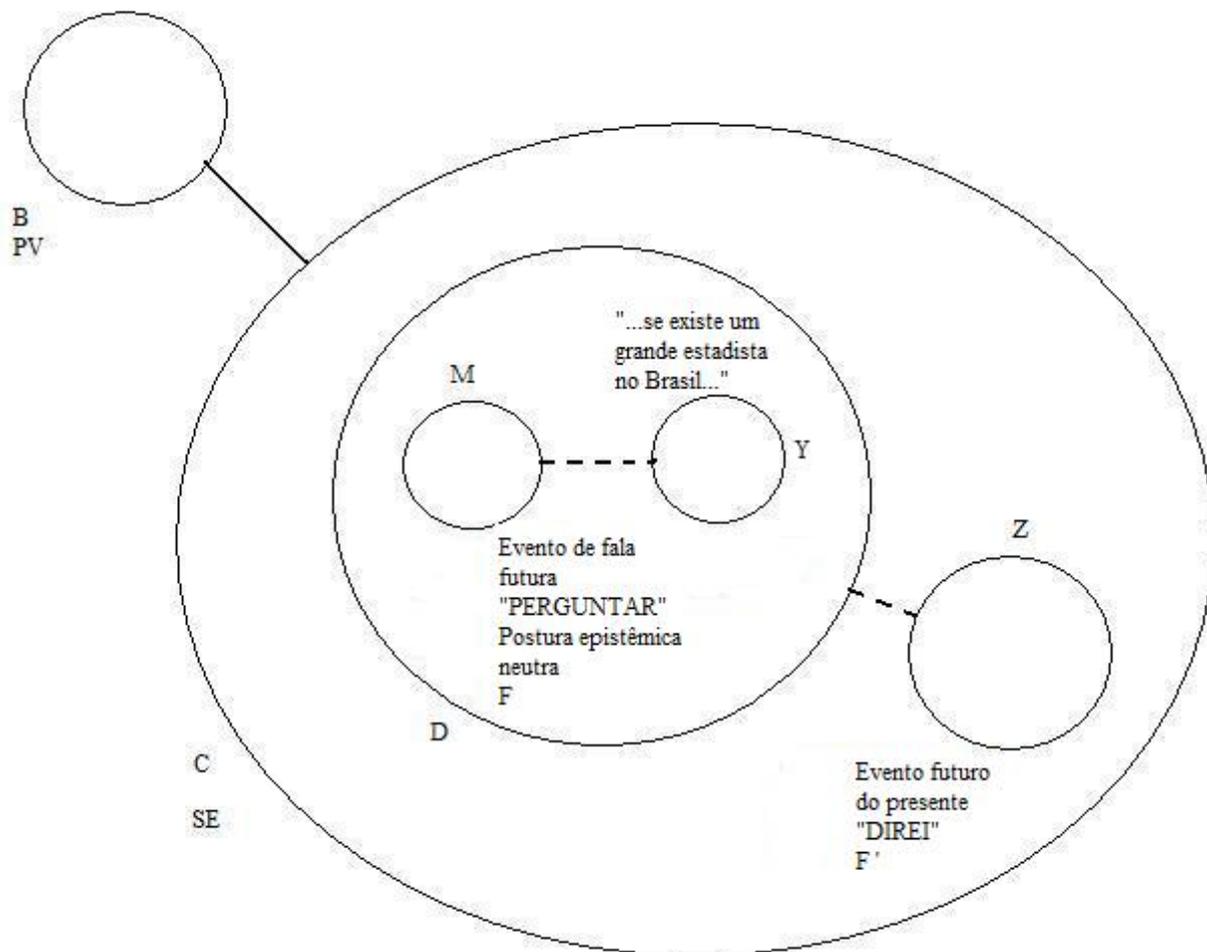


Diagrama 25: representação em espaços mentais de (5) "Sou amigo de muitos políticos brasileiros, mas **se você me perguntar** se existe um grande estadista no Brasil, **direi** que não" (Folha de São Paulo, Caderno Mais!)

O diagrama acima evidencia a conjugação espacial de (5). Em primeiro lugar, toma-se o

espaço Base (B), centro dêitico do discurso; a partir dele, emerge um grande espaço de condicionalidade (C), introduzido pelo construtor SE. Note que o espaço de condicionalidade abrange todos os outros, deixando claro que à construção é imposto uma perspectivização conceptual de carácter hipotético. Em segundo lugar, o espaço (D) representa a reportação de fala encaixada na prótase da condicional e é construído a partir de uma postura epistêmica neutra. Dentro de (D), (M) é o espaço que tem como construtor o verbo *dicendi*, “perguntar”. Além disso, é também o espaço ao qual inicialmente se adiciona estrutura (Foco). O espaço Y comporta o discurso reportado indireto “se existe um grande estadista no Brasil”. Por fim, a apódose dessa construção, “darei que não”, está caracterizada no último espaço, (Z), que surge no interior do domínio condicional, mantendo-se o PV na Base e adicionando-se nova estrutura a esse espaço (Foco ').

Antes de prosseguirmos e caminharmos em direção ao próximo subpadrão, vale ressaltar a estrutura diferenciada de (6). A sutil mudança no tempo verbal da apódose (“não acredito”), presente do indicativo ao invés da escolha intuitiva pelo futuro do presente, não provoca mudança em relação à postura epistêmica, que continua a ser neutra. Isso porque a variação é comum e aceitável, sendo que a mesma associação mental do falante em “se me **disserem** que qualquer seleção do mundo não terá receio de perder” é vista na apódose. A respeito de sua conformação em espaços mentais, há uma sutil alteração, veja:

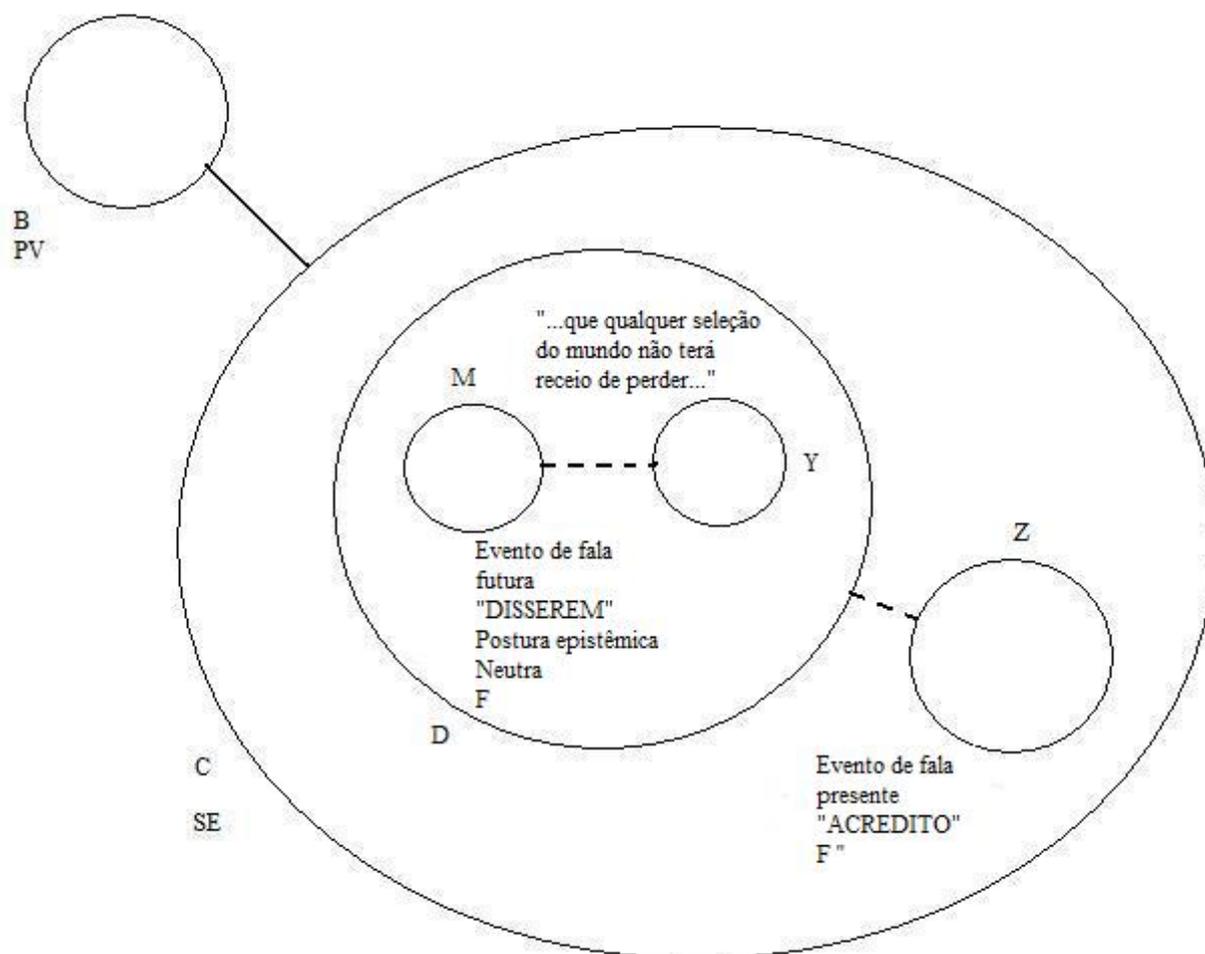


Diagrama 26: representação em espaços mentais de (6): “...táticos e a disciplina em campo, se me **disserem** que qualquer seleção do mundo não terá receio de perder, não **acredito**” (Folha de São Paulo, Cadernos de esportes).

A única mudança diz respeito ao surgimento do espaço de fala da apódose, agora um espaço de fala presente; contudo, essa alteração não muda as sinalizações de intenções discursivas do falante e, por conseguinte, a postura epistêmica continua neutra, visto que há uma real possibilidade de que o falante diga “que qualquer seleção do mundo não terá receio de perder” e, em resposta, cabe ao falante, de acordo com a opinião expressa na interação, não acreditar.

4.2.1.2 Subpadrão com postura epistêmica negativa

Em relação ao que vimos na seção anterior, reafirmamos a existência de manutenção da uniformidade epistêmica nesta subseção, porém, com uma mudança conceptual em relação à primeira. Agora, tomamos contato com a postura negativa, marcada pelo não ou menor comprometimento do falante com o conteúdo que se subsegue à prótase. Em termos numéricos, são 27 ocorrências dentre as 81 com uniformidade epistêmica. Passemos aos exemplos:

(7) “Aliás, **se ele dissesse** adeus **agradaria** aos paulistas e a Deus!” (Folha de São Paulo, Folha Ilustrada);

(8) “Mesmo antes de o filme ser rodado, **se você perguntasse** a um taxista, por exemplo, quem deveria ser Margot, ele **responderia** Isabelle.” (Folha de São Paulo, Folha Ilustrada).

Analogamente ao apresentado em 4.2.1.1, o diagrama de (7), que aduziremos na sequência, configura-se da mesma forma em termos de estruturação dos espaços (D), (M), (Y) e (Z) e, também, no que tange à ancoragem dos primitivos teóricos, ou seja, o PV mantém-se associado à Base e o Foco continua em (M) e, Foco ', pelas mesmas razões, está alocado em Z. Acompanhe:

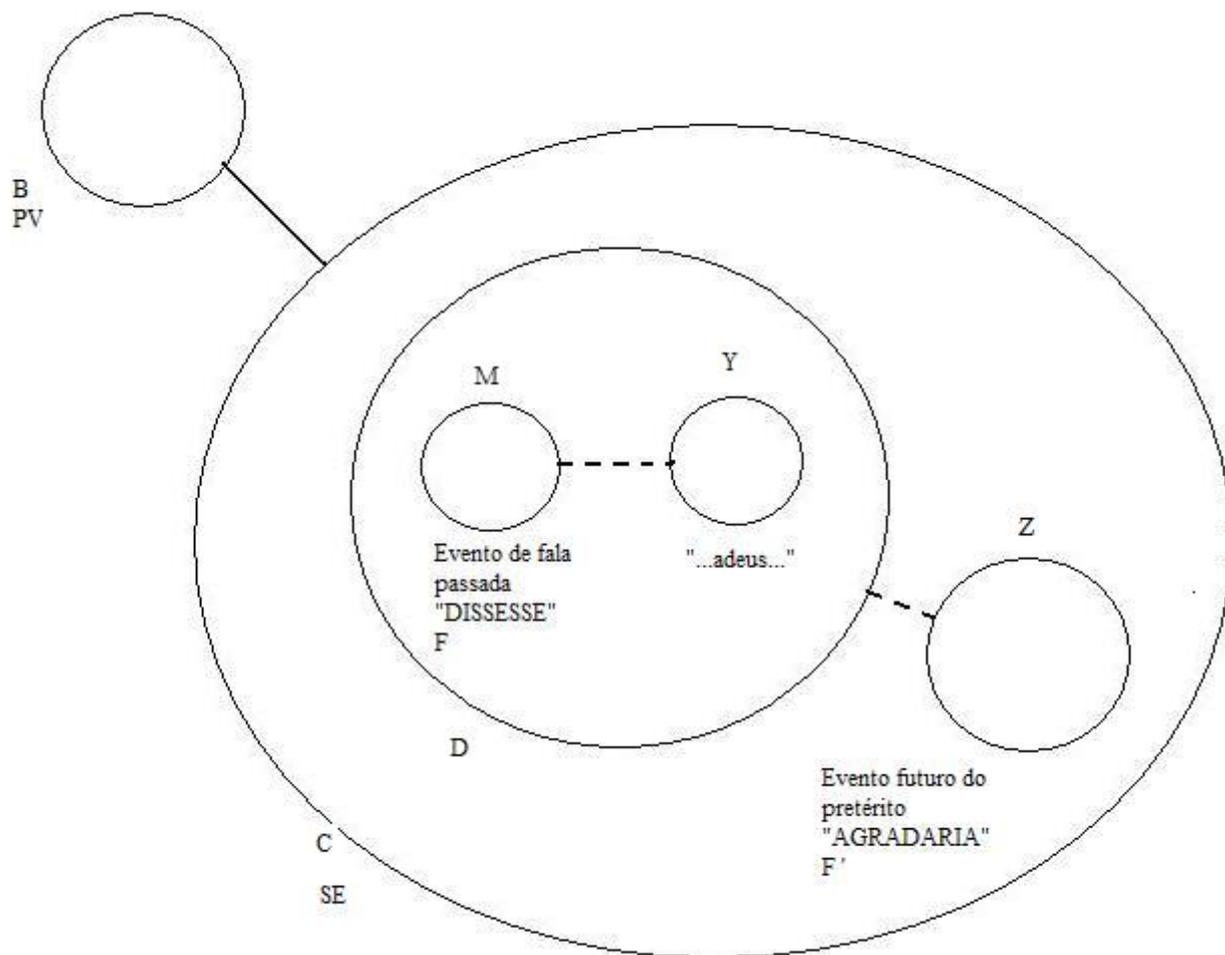


Diagrama 27: representação em espaços mentais de (7) “Aliás, **se ele dissesse** adeus **agradaria** aos paulistas e a Deus!” (Folha de São Paulo, Folha Ilustrada).

A diferença a se salientar diz respeito à postura epistêmica: o distanciamento apontado pelos usos de “dissessee” e “agradaria” expõe o caráter epistêmico negativo na criação dos espaços (M) e (Z). A escolha do falante se justifica à medida que sua intenção é conservar um afastamento com relação ao conteúdo da prótase e o uso verbal reflete essa postura; em (8), o uso do *dicendi* no pretérito imperfeito do subjuntivo aponta quase que para o não “perguntar”; isto é, a contrafactualidade em “se você perguntasse”, praticamente significa que o falante não perguntou “quem deveria ser Margot”, se levarmos também em consideração a apódose com futuro do pretérito - “responderia”.

A construção em trabalho que reúne condicionalidade e fala reportada pode mostrar alguns efeitos argumentativos interessantes. Como já dissemos, o “se”, como construtor de espaços mentais abre um espaço hipotético que, em seguida, adiciona uma fala (prótase) que tem por intenção fazer uma verdadeira preparação de terreno para o que será afirmado categorica ou taxativamente, mesmo que de maneira modalizada, na apódose. Em (7), “ele dissesse adeus” recupera uma possível fala que poderia ter existido e, através dessa reportação, o falante sustenta sua hipótese de a fala ter sido feita e arremata essa possibilidade defendendo seu ponto de vista na apódose, com “agradaria aos paulistas e a Deus”. Outra hipótese levantada por nós sobre esse tipo de padrão é que o falante, no espaço hipotético, através de determinada fala, faz emergir um argumento para defender sua crença, que está na apódose, com a finalidade de persuadir o interlocutor.

Retomemos o exemplo (6): “(...) se me **disserem** que qualquer seleção do mundo não terá receio de perder, não **acredito.**” O falante não acredita que alguma seleção do mundo não terá receio de perder e, para defender seu ponto de vista ele lança mão de um discurso com fala reportada introduzido pelo condicional “se”, que cria a possibilidade de que essa fala seja introduzida por alguém e a rebate, deixando clara sua opinião. O ambiente de fala reportada criado pela partícula hipotética serve como um meio propício para a persuasão.

Em suma, vimos o ato de se basear na fala do outro como meio de se arrebanhar argumentos a fim de sustentar a hipótese do falante e, acompanhando a uniformidade epistêmica, em 4.2.1.1, tentamos expressar que a postura neutra introduzida pelo verbo no futuro do subjuntivo encaminha, subjetivamente, o falante para um maior comprometimento com o que será dito; em contrapartida, 4.2.1.2 indica que a postura negativa, introduzida pelo pretérito imperfeito do subjuntivo, provoca um distanciamento do falante com os dizeres seguintes.

4.2.2 Se X *dicendi* Y, Z - subpadrão com não-uniformidade de postura epistêmica.

Este objeto nos faz voltar à discussão concernente à flexibilização de postura epistêmica. Nos exemplares que serão expostos a partir de agora, percebemos um desequilíbrio em termos de comportamento verbal: a postura assumida na prótase não se repete na conseqüente apódose, criando um desarranjo de expectativas que favorece a criação de ambientes contra argumentativos e até mesmo irônicos. Do total de 83 exemplares de instanciações de **Se X *dicendi* Y, Z**, 2 ocorrências se encaixam nessa modalidade. O fato de haver apenas dois exemplares em nosso *corpus* não significa que esse tipo de variedade não exista. Pode, sim, significar que ocorrências com flexibilidade de postura não são tão frutíferas como aquelas com uniformidade epistêmica, porém, nem por isso esse grupo minoritário deixará de ser contemplado. Eis os dois exemplos:

(9) “Não revela como obteve essa informação, que, **se não explica** muito sobre o poema, ao menos **serviria** como desmoralização” (Folha de São Paulo, Caderno Mais!);

(10) “A redução dos prazos de desincompatibilização, **se eu disser** que estou alheio, **seria** hipocrisia” (Folha de São Paulo, caderno de Política).

A clara diferença nas escolhas do falante que percebemos em exemplares como (9) e (10) reverbera, até mesmo, na forma como ouvimos ou quando lemos essas elocuições. A conformação temporal da prótase cria uma expectativa de uniformidade para encaixe da apódose, o que não se verifica em (9) e (10). O uso de “não explica” na prótase de (9) cria uma expectativa de que “muito sobre o poema” realmente “não” será explicado. Entretanto, a apódose vai de encontro com essa ideia, já que “serviria” indica que “a informação” talvez sirva, mas “como desmoralização”. Se pensarmos no valor argumentativo dessa fala, podemos dizer que a expectativa contrariada endossa

o poder de fogo da argumentação. Observemos o caráter irônico da fala. O fato de contrariar a expectativa ou não confirmar a uniformidade faz com que o ponto de vista fique mais marcado, a opinião fica mais explícita. Em (9), “serviria” corrobora essa ideia, que desvaloriza ainda mais a “informação” que “não explica muito sobre o poema”. É claro que o tom irônico se dá também a partir do uso de “desmoralização”. A troca desse termo por outro como “ilustração”, por exemplo, manteria a não-uniformidade, porém não reforçaria tanto a incapacidade da informação em explicar o poema.

Diagramaticamente, a emergência dos espaços mentais se processa ainda da mesma forma, isto é, a partir da Base (B), abre-se um espaço de condicionalidade (C) e, desse, tem-se a prótase, com discurso reportado encaixado e apódose. Retomando a noção de não-uniformidade, em (10), pondera-se que, apesar da presença do futuro do subjuntivo em “disser”, o que se vê na apódose é um espaço (Z) passado (“seria”). Acompanhe a configuração espacial de (10):

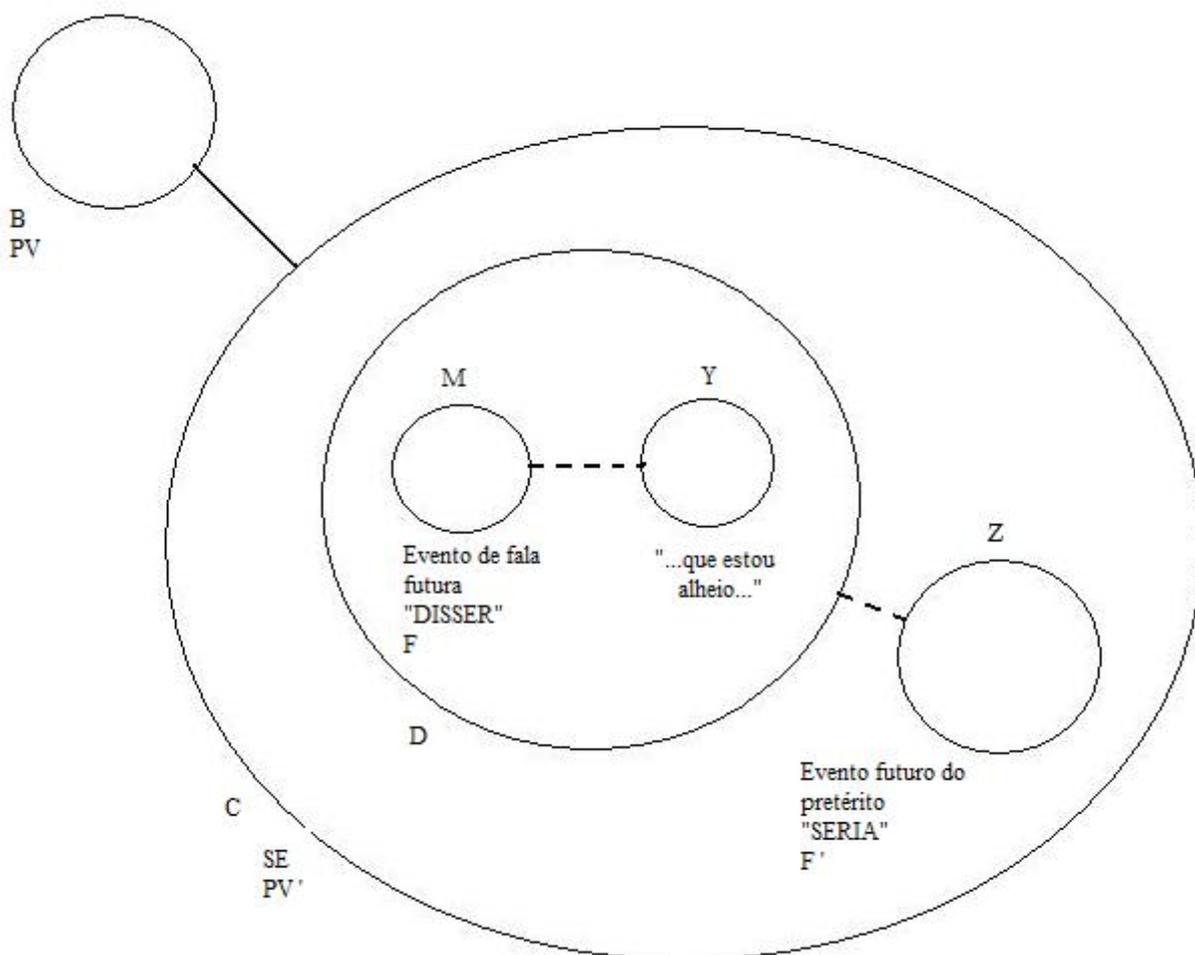


Diagrama 28: representação em espaços mentais de (9): “A redução dos prazos de desincompatibilização, **se eu disser** que estou alheio, **seria** hipocrisia” (Folha de São Paulo, caderno de Política).

Nesse momento, é viável voltarmos a alguns de nossos questionamentos: o que provoca a não-uniformidade epistêmica? E quais as consequências argumentativas disso?

Ao que parece, no caso de flexibilização de encaixe (9) e (10), enquanto o Ponto de Vista da prótase é mantido na Base, o PV da apódose muda e se aloca no espaço de condicionalidade (C). Isso faz com que percebamos uma mescla de posturas epistêmicas, confrontando a uniformidade de postura alegada por Fillmore (1990) e corroborando o pensamento de Ferrari (2007), de não-uniformidade, como vimos em 2.2.4. Na prótase de (10), emprega-se uma situação hipotética (“se

eu disser que estou alheio”) e, na apódose, a contrafactualidade se faz presente (“seria hipocrisia”).

Em termos discursivos, é importante, nessa altura, reafirmar o conceito de perspectiva introduzido por Sanders e Redeker (1996, discutido na seção 2.3.1), já que vemos no subgrupo 4.2.2 um caso de introdução de ponto de vista do falante que faz escolha por uma construção que quebra a expectativa em termos de postura epistêmica. Uma análise da postura do falante revela que na prótase, a postura epistêmica neutra, estabelecida pelo verbo no futuro do subjuntivo, direciona o falante para um maior comprometimento com seu conteúdo; em contrapartida, a postura negativa do futuro do pretérito na apódose provoca maior desassociação mental do falante com o texto, reafirmando, talvez, a intenção contra argumental ou, ainda, irônica. Nesses casos, cabe o raciocínio argumental que propõe o uso desse tipo construcional como um meio de persuasão do ouvinte. Em (10), por exemplo, o falante prepara o terreno, na prótase, aventando uma possibilidade que pode ser plausível (“se eu disser que estou alheio”) e, através disso, persuade o ouvinte, expondo seu ponto de vista na apódose (“seria hipocrisia”), a perspectiva ganha força.

O que vimos até o momento nessa seção qualitativa de análise é o comportamento da construção, quanto a sua conformação espacial ou em termos de sua desenvoltura em meio ao domínio discursivo. Diagramaticamente, vimos que a partir do espaço Base, em **Se X *dicendi* Y, Z**, um grande espaço de condicionalidade é aberto e impõe caráter hipotético a toda a construção. Dentro desse espaço condicional, encaixa-se o discurso reportado, com um abertura de um espaço para a prótase, que abarca o DR, direto ou indireto, com o verbo *dicendi* como construtor e um último espaço, para a apódose. Assim, ressaltamos que as instanciações da construção em estudo que surgiram como resultado de busca no *corpus* CETEM-Folha não mostraram muitas variações, são construções similares e seu uso é específico, sendo que nos chamou atenção o fato de haver entre elas diferentes comportamentos quanto à postura epistêmica das condicionais, com uniformidade entre as posturas de prótase e apódose, com variação entre posturas neutras ou negativas, ou não uniformidade de postura epistêmica. Em termos argumentativos, lançamos a

hipótese desse padrão semi aberto operar como uma ferramenta de persuasão. O uso de **Se X dicendi Y, Z** permite jogar com hipóteses a fim de se estabelecerem certos domínios hipotéticos, para que isso sejam conjunturas inventadas com a finalidade de convencer.

A próxima seção deste estudo se desenvolverá pautado na análise de **Se X dicendi Y, Z** em termos de se justificar o englobamento de uma discussão com bases discursivas e argumentativas ao estudo sintático-semântico introduzido por Goldberg. A autora trata uma construção em nível de estrutura de argumentos, através de papéis argumentais. Os parâmetros que incluímos (Dancygier e Sweetser, e Ferrari) ampliam essa discussão para examinar uma construção não só em si, mas dentro de um contexto, amarrando-a no universo discursivo.

4.2.3 Se X dicendi Y, Z – enriquecimento discursivo do conceito de construção com o advento da teoria dos espaços mentais

A noção de construção baseada no emparelhamento forma/significado nos faz entender a construção que estudamos como proprietária de uma forma (semi-aberta, como dissemos, composta de uma partícula condicional, seguida de discurso reportado encaixado na prótase e em seguida a apódose) e o significado, que deve ser extraído sob o ponto de vista da cena que o compõe.

O que propomos nesse ponto da pesquisa é que os componentes interpretativos de uma construção são muito mais do que pareamentos sintático-semânticos como os encontrados nas análises de Goldberg, um deles retratado aqui, na seção 2.2.1. Incorporamos a esses princípios a Teoria dos Espaços Mentais que agrega e amplifica a dimensão do significado em seu pareamento com a forma. A TEM enriquece, em termos cognitivos, a contraparte do significado da construção com dados inclusive argumentativos e discursivos.

A semântica básica vista nas análises de construções de estrutura argumental, como a de movimento causado, que reproduzimos no capítulo teórico, leva em consideração categorias

gramaticais e papéis argumentais, como sujeito, objeto e oblíquo e causa, meta e tema, por exemplo, respectivamente. Há de se chamar atenção para o fato de Goldberg tratar apenas de períodos simples. Isso faz com que suas construções se tornem verdadeiros itens construcionais isolados, ou seja, seu modelo é fundamentado na estrutura argumental de sentenças. É possível aproveitá-lo no que diz respeito ao entendimento de uma construção; no entanto, não se sabe como aplicá-lo adequadamente a uma construção de período composto, mais complexa, como as estudadas por Ferrari, e Dancygier e Sweetser e, até mesmo, neste trabalho.

A intenção desenvolvida aqui não se baseia apenas nesse tipo de visão de estrutura argumental. Quando lançamos mão de princípios como os da TEM, incorporamos ao trato semântico uma abordagem que inclui estudo de postura epistêmica e ponto de vista do falante, averiguação do comportamento verbal da construção, configuração dos espaços mentais, tentamos verificar como se dá a dinâmica da construção no fluxo discursivo, etc. Enfim, em termos gerais, a leitura cognitiva de Ferrari, e Dancygier e Sweetser parte da relação entre aspectos gramaticais e funções cognitivas e/ou interacionais. Busca-se uma ampliação da semântica cognitiva, pleiteia-se um pareamento forma/significado em que não se fala apenas de uma semântica voltada para papéis semânticos e a contraparte formal restrita a sujeito e objeto.

5 Conclusão

Por meio de uma visão agregadora de construção, que busca reunir os mais variados fatores para realizar uma análise cognitiva, toda a discussão que expusemos nesse trabalho tem por intenção revelar os processos cognitivos subjacentes ao uso de uma construção do PB até então não revelados, o padrão **Se X *dicendi* Y, Z**.

A construção com discurso reportado encaixado na prótase de condicionais é um tipo de constructo semi aberto que, no *corpus* pesquisado – CETEM-Folha, se mostrou pouco recorrente, visto que diante de um universo de cerca de 24 milhões de palavras, apenas 83 instâncias emergiram como resultado para busca feita. A pouca frequência pode ser explicada pelas limitadas possibilidades de preenchimento de suas categorias. Embora pensemos em diversas possibilidades de variação a primeira vista, a ordenação sintática entre os componentes é primordial para a interação das partes com o todo construcional. Além disso, trata-se de um caso de construção argumentativa muito específico e complexo, quanto a seu uso.

Dentro do cenário jornalístico do *corpus* utilizado nesta pesquisa, o padrão que estudamos apareceu mais frequentemente em textos ou seções do periódico que se caracterizam por reportar a fala do outro como meio para se adquirir credibilidade, lançando mão de entrevistas e argumentos de autoridade. Assim, dentro dos 12 subgrupos textuais fornecidos pelo site de busca, os cadernos de Política, Esportes, Economia, Ilustrado e Mais são responsáveis por 78,7% das ocorrências. Em exame ao conteúdo do jornal, vimos que estas seções são as que mais apresentam em suas composições entrevistas ou argumentos de autoridades envolvidas nas reportagens em questão. Em contrapartida, cadernos mais descritivos ou meramente informativos, como Cotidiano, Turismo, Folhinha e Cultura não se mostraram ricos em termos de resultados para a procura. Cabe a ressalva a respeito da surpresa causada pela baixa presença de unidades da construção **Se X *dicendi* Y, Z** no caderno Opinião, já que, com esse nome, esperava-se uma boa quantidade de exemplares com

caráter argumentativo e, por conseguinte, com presença de fala reportada das mais variadas fontes. No entanto, a presença de somente 3 ocorrências no banco de dados revelou, em primeiro lugar, que, na verdade, apesar de apresentar opiniões em seus textos, o caderno em questão é composto de opiniões de uma mesma pessoa, o autor da seção, tornando o excerto um tipo de monólogo, um texto autoral, um comentário sobre determinado assunto. Em segundo lugar, essa escassez no caderno Opinião corrobora uma de nossas hipóteses em relação a pouca presença de instâncias de **Se X *dicendi* Y** em todo o *corpus* pesquisado, ou seja, que a marca de condicionalidade impõe um perfil hipotético e isso, em comunhão com o caráter argumentativo da construção, perfila a hipótese de modo a colocar em xeque o discurso reportado, resultando em uma aridez de exemplares.

Estruturalmente, a construção em trabalho apresenta um verbo *dicendi* em sua composição e, a partir daí, fizemos a pesquisa em *corpus*, listando 14 verbos *dicendi* usados em PB. Como resposta, notamos que o verbo “dizer” é o mais usado para reportar fala nesse *corpus*, estando em 37,8% dos resultados, confirmando a tendência de se afirmar que *dizer* é o verbo prototípico, em português, de enunciação da fala de outrem. Também foi nossa intenção comparar o número de ocorrências do padrão que estudamos com o número de ocorrências de construções com verbos *dicendi* no *corpus* CETEM-Folha. Como resposta encontramos uma diferença discrepante, ao contrário das apenas 83 ocorrências de **Se X *dicendi* Y, Z**, há, no site que utilizamos, 3311 ocorrências de verbos de reportação de fala. A presença de verbos de enunciação da voz do outro fez com que supuséssemos que nossa construção se encontraria em abundância em um *corpus* jornalístico, porém, aqui, mais uma vez se aplica o postulado defendido pela hipótese anteriormente retratada.

Especialmente, as instanciações em análise apresentaram certa similaridade em termos de sua configuração. A partir dessa constatação, ressaltamos, mais uma vez, sua variação quanto à postura epistêmica. Essa análise nos mostrou que o posicionamento do ponto de vista na disposição diagramática nos dá três possibilidades de postura epistêmica: neutra e negativa, revelando a

uniformidade defendida por Fillmore (1990) e a postura flexível (Ferrari 2007), em que o falante pode assumir, na prótase, tanto uma postura de maior ou menor associação mental com seu conteúdo e, tal posicionamento, não se repete na apódose.

Argumentativamente, a construção em pesquisa se mostrou, interessantemente, um eficaz artifício de convencimento do interlocutor, deflagrando outra hipótese de trabalho – a condicionalidade e a fala reportada se tornam argumentos, uma preparação de terreno para a persuasão por parte do falante, que, categoricamente, defende seu ponto de vista na apódose. Quando se recupera uma fala e ela é hipotética, está na prótase, reitera-se hipoteticamente uma afirmação e, o fato de reiterar (reiterar para poder defender) algo é uma forma de consolidar tal objeto diante do outro.

Por fim, discutimos o caráter construcional dado ao estudo que realizamos. Salientamos que o modelo construcional de Goldberg, apesar de importantíssimo e considerado chave para o desenvolvimento dos estudos construcionais, também pode não ser suficiente para alcançarmos o nível de análise que pretendíamos. A autora trata de construções de estrutura argumental, períodos simples e baseia suas conclusões em emparelhamentos semânticos básicos que levam em consideração a forma e os papéis participantes. Para isso, tomamos como norte as impressões de Fillmore, Ferrari e Dancygier e Sweetser, que, com mais dinâmica, lançam mão da Teoria dos Espaços Mentais e agregam, ao levantamento semântico, aspectos gramaticais, como conjunções, tempos e modos verbais e funções interacionais cognitivas, como a relevância da postura epistêmica e do ponto de vista do falante, além de considerações argumentativas e discursivas.

6. Referências

CROFT, W. & CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge University Press, New York, 2004.

CUTRER, M. *Time and tense in narratives and everyday language*. San Diego: Ph.D. diss. University of California, 1994.

DANCYGIER, B. & SWEETSER, E. *Mental Spaces in Grammar*. Cambridge University Press, New York, 2005.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, L. V. . *Postura Epistêmica, Ponto de Vista e Mesclagem em Construções Condicionais na Interação Conversacional*. Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 3, n. 4, p. 115-128, 1999.

_____ . *Construções Gramaticais e a Gramática das Construções Condicionais*. Scripta (PUCMG), PUC Minas, v. 5, n. 9, p. 143-150, 2001.

_____ . *A Sociocognitive Approach to Modality and Conditional Constructions in Brazilian Portuguese*. *Journal of Language and Linguistics*, v. 1, p. 218-238, 2002.

_____ . *Modalidade e Condicionalidade no Português do Brasil*. *Recorte (Três Corações)*, v. 3, p. 9, 2005.

_____ . *Condicionais Reportadas e Flexibilidade de Ponto de Vista*. Gragoatá (UFF), v. 23, p. 95-109, 2007.

_____ . *Reportar Condicionais: uma questão de Ponto de Vista*. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, p. x, 2008.

_____ . *Espaços Mentais e Construções Gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. (org). Imprinta Express, Rio de Janeiro, 2009.

GOLDBERG, A. A construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Constructions at work. The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MIRANDA, N. S. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. Veredas; revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, 3,1, p. 81-95, 1999.

MIRANDA, N. S. Construções Superlativas do Português do Brasil. Projeto de Pesquisa, UFJF, 2007.

MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. Construções do Português do Brasil – da gramática ao discurso. Editora UFMG, 2009.

MUNHAL, P. Ethical considerations in qualitative research. In: The relationship between qualitative and quantitative methods. In: Health Technology Assessment, vol 02, num.16, 1998.

ROCHA, L. F. M. Processos cognitivos de mesclagem no discurso reportado: o caso do discurso direto em textos jornalísticos escritos. 2000. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Lingüística) - Instituto de Ciências Humanas e de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2000.

ROCHA, L. F. M. A construção da mímesis no reality show: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

ROXO, M. R. Aspectos cognitivos das construções condicionais em audiências públicas. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

SANDERS, J. & REDEKER, G. Perspective and the representation of speech and thought in narrative discourse. In: FAUCONNIER, G. & E. SWEETSER (eds.). Spaces, worlds and grammar. Chicago and London : The University of Chicago Press, 1996, 10, p. 290-317.

SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus. Barueri: Manote, 2004

ANEXOS

ANEXO A: ocorrências de **Se X *dicendi* Y, Z** no *corpus* CETEM-Folha.

Anexo A

DIZER: 32 ocorrências

10. Jamais diga um " sim " com os lábios **se seu coração diz " não"** .(ILUSTRADA ND)
11. Os comissários de a prova informaram que , **se a própria Benetton diz** que seus carros não estão seguros , então ela não poderá(ESPORTE DES)
4. " Ninguém vai acreditar em mim **se eu disser** que estou vivendo uma de as épocas mais felizes de (MAIS -ND)
5. virtude se conhecem mal , e ficariam boquiabertas **se lhes disséssemos** que são a " rara avis " , uirapuru . (ILUSTRADA ND)
6. Eu entrego a idade por um truque : **se você disser** que tem 44 , ninguém vai elogiar , vai achar supernatural (ILUSTRADA ND)
7. Mas em o primeiro , **se não dissessem** que era Brasil e Holanda , ninguém perceberia . (ESPORTE DES)
8. " Aqui em o Brasil , **se você diz** que é ator todo_mundo fica de boca aberta . (TV FOLHA CLT SOC)
9. Você ia ficar contente **se eu dissesse** (isso) duas vezes por dia ? (FOLHATEEN SOC)
10. Para que , **se o Sacchi sempre diz** as mesmas coisas ? "(ESPORTE DES)
11. Só serei candidato **se o Fleury disser** ' vá em_frente " ' , afirmou . (BRASIL POL)
12. a redução de os prazos de desincompatibilização , **se eu disser** que estou alheio seria hipocrisia . (BRASIL POL)
13. Mas **se o José_Carlos disse** que foi assim que surgiu a idéia , deve ter sido (COTIDIANO SOC)
14. Aliás , **se ele dissesse** adeus agradaria a os paulistas e a Deus ! (ILUSTRADA ND)
15. Seria anormal **se eu dissesse** para vocês que eu estou dormindo maravilhosamente(ESPORTE DES)
16. Mas **se você me diz** que existem bons clubes aí em São_Paulo , adoraria conhecer (ILUSTRADA ND)
17. Talvez , **se eu disser** que não gostei de alguma , tirem de o disco (FOLHATEEN SOC)
18. Não seria nada demais **se o senhor dissesse** que não sabe (SITUAÇÃO)
19. " Além_de isso , **se meus alunos dissessem** estar de ` saco cheio ' de as minhas aulas , eu ficaria (COTIDIANO SOC)
20. táticos e a disciplina em campo , não acredito **se me disserem** que qualquer seleção de o mundo não terá receio de (ESPORTE DES)
21. Não fique excitado **se sua namorada disser** que quer entrar em sua cueca .(REVISTA FOLHA ND)
22. " Tivemos tanta briga com a Fazenda que , **se eu dissesse** que há defasagens , estaria traindo as conversas que(DINHEIRO ECO)
23. Mas cuidado , **se você disser** que é de o Brasil , ele pode perguntar como vai o governo (DINHEIRO ECO)
24. " Imagine **se o sindicato dissesse** que em as próximas três semanas não tem jogo , ninguém (ESPORTE DES)
25. não , preciso fazer uma reflexão para verificar **se eu disse** isso mesmo " , respondeu o peemedebista rindo , quand" (ESPORTE DES)

26. α Itamar acha que só se Lula chegasse a os 40 % **se poderia dizer** que a eleição de outubro são favas_contadas . (BRASIL POL)
27. α Trata-se , se se pode dizer assim , de uma confusão coerente , de um fenômeno tumultuário(ILUSTRADA ND)
28. α A o ser perguntado **se teria dito** que Lula poderia estar planejando algo " a la Collor (ILUSTRADA ND)
29. essas 2.500 páginas em uma frase só , talvez **se pudesse dizer** o seguinte : nem só de sons vive a música . (MAIS ND)
30. α Amorim - Não sei **se poderia dizer** isso .(BRASIL POL)
31. α Thomas_Mann , **se podemos dizer** assim , não tem o brilho de Huxley , é mais pesado (ILUSTRADA ND)
32. α Keitel - Não sei **se posso dizer** isso . (ILUSTRADA ND)
33. α Aliás , nem sei **se devo dizer** comandava . (ILUSTRADA ND)

FALAR: 24 ocorrências

- Disse que , **se eu falasse** qualquer coisa , mataria minha mãe e minhas irmãs . (FOLHATEEN SOC)
- Ele pode gritar quanto quer , mas **se eu falar** um pouquinho mais alto , ele enlouquece : ' Eu grito (MAIS ND)
- não gosto de falar muito de isso porque penso que **se a gente fala** , começa a espalhar uma coisa assim . (REVISTA FOLHA ND)
- Meia argentino diz que ' **se antes falavam** de Colômbia , Alemanha e Brasil , agora vão ter que nos respeitar (ESPORTE DES)
- E ficaria grata **se vocês falassem** também sobre curiosidades de o mundo inteiro . (FOLHINHA SOC)
- não " caberia acrescentar duas coisas : 1) **se os elétrons falassem** , nós jamais os entenderíamos (Wittgenstein) ; mas (DINHEIRO ECO)
- Mas **se ele falou** isso , eu não concordo . " (BRASIL POL)
- É a história de o Goebels , **se você fala** uma mentira mil vezes , vira verdade .(BRASIL POL)
- Mesmo porque , **se ela falasse** em dignidade , ele não saberia o_que dizer .(COTIDIANO SOC)
- " O Amazonino falou : Onofre , é isso , mas **se você falar** que eu estive com o PC , que eu fiz uma reunião secreta (BRASIL POL)
- α Zinho - Não sei **se ele realmente falou** isso . (ESPORTE DES)
- α Não se sabe **se ele falava** a_sério ou não . (ESPORTE DES)
- Quem está falando aqui é o Francisco_Menezes , não sei **se a Léia falou** (BRASIL POL)
- " Antes de isso , **se propusesse falar** de o anônimo em a TV , ninguém ia topar " , diz a atriz (TV FOLHA CLT SOC)
- α Nem sei **se posso falar** que rezo , né ? (BRASIL POL)
- α A situação piora muito **se quisermos falar** especificamente de a

reputação de a locação residencial (IMOVEIS ECO)
α Ponha açúcar em a boca , **se quiser falar** de mim ´ . "(MAIS ND)
Kapuscinski - Não sei **se podemos falar** em esses termos , porque " vanguarda " foi uma fenômeno (ILUSTRADA ND)
α Gabriela " ; " Bote açúcar em a boca **se quiser falar** de mim " , o rondó de " Tereza_Batista_Cansada_de_Guerra (MAIS ND)
Segundo : só **se poderia falar** honestamente de equilíbrio fiscal se ele existisse (OPINIAO OPI)

α Não sabemos se **se deve falar** , aqui , de conservadorismo ou de conservacionismo. (MAIS ND)
α Agora , **se quisermos falar** de outros atributos , como ousadia , conhecimento teórico (ESPORTE DES)
E estes , **se pudessem falar** , diriam que traficar e explorar escravos não era um (MAIS ND)
α O delito maior , porém , é **se estiver falando** seriamente . (OPINIAO OPI)

AFIRMAR: 1 ocorrência

1. o que o leitor dessa folha pensaria se eu contasse que tenho mantido de CR\$ 4 a CR\$ 6 milhões em uma conta corrente? E **se por fim afirmasse** que este dinheiro público, desvalorizado dia-a-dia, está em um conta pessoal, com meu CPF? (DINHEIRO ECO)

RESPONDER: 2 ocorrências

- (iii) Primeira questão - **se você respondeu** menos de 3 % , para a primeira inflação de o real , tem expectativa otimista (BRASIL POL)
- (iv) α Ele entende que só teria errado **se tivesse respondido** a o convite de Nilo_Batista por a imprensa . (BRASIL POL)

PERGUNTAR: 8 ocorrências

- Agora **se você me perguntar** quando, com quem , eu não vou dizer nunca . (BRASIL POL)
- Mas , **se Telê perguntar** , vou dizer que estou pronto para jogar " , disse Sierra (ESPORTE DES)
- Wipfli garante que , em a Suíça , " **se você perguntar** na rua , qualquer pessoa pode cantarolar ´ Garota (MUNDO POL)
- " Sou amigo de muitos políticos brasileiros , mas **se você me**

perguntar se existe um grande estadista no Brasil , direi que não." (MAIS ND)

- Eu sei que , **se eu perguntasse** , eles se revoltariam , mas a Funai sempre quis que (MAIS ND)

- Mas , **se me perguntar** se o uso que foi feito de este progresso material foi correto, digo não. (BRASIL POL)

- Mesmo antes de o filme ser rodado , **se você perguntasse** a um taxista , por exemplo , quem deveria ser Margot, ele responderia Isabelle. (ILUSTRADA ND)

- Mas , **se você perguntar** aos outros jogadores , há uma forte recusa de enfrentar os computadores (ESPORTE DES)

DECLARAR: 5 ocorrências

Afinal **se o próprio governo declara** que para cada CR\$ 1,00 arrecadado , CR\$ 1,20 é sonegado, ele também reconhece que nossa carga tributária não é de 24% do PIB. (DINHEIRO ECO)

Rever o edital de compra de os equipamentos de telefonia_celular fixa **se os fabricantes declararem** formalmente que não têm condição de atender os requisitos. (DINHEIRO ECO)

α Mas , **se o casal declara** em_separado , elas devem ir para a declaração do beneficiado(DINHEIRO ECO)

Levar a declaração de o exercício de 1993 , ou **se estiver declarando** pela_primeira_vez . (DINHEIRO ECO)

com a Constituição , se um cargo é extinto ou **se é declarada** a sua desnecessidade , o servidor estável fica em_disponibilidade (COTIDIANO SOC)

INDAGAR: 1 ocorrência:

1. Esta afirmação , porém , pode ser abstrata , **se não indagarmos** qual é o Estado a ser reformado e qual reforma necessária (MAIS ND)

EXPLICAR: 3 ocorrências:

1. não revela como obteve essa informação , que , **se não explica** muito sobre o poema , ao_menos serviria como desmoralização (MAIS ND)
2. Tommaso existem uma série de circunstâncias que , **se não o explicam** , em todo caso servem para perceber o quanto_a idéia

(ILUSTRADA ND)

3. A palavra " evolução " , suprimida de o título , **se não explica** por_que Kliass selecionou poucos parques urbanos, ao menos justifica o espaço maior (TURISMO SOC)

CONTAR: 6 ocorrências

1. Só digo o_que você deve fazer **se você me contar** quem são os dois diretores . (REVISTA FOLHA ND)
2. Antes da mudança , **se um médico contasse** a uma mulher que seu marido é portador de o HIV , ele (MAIS ND)
3. O que o leitor de esta Folha pensaria **se eu contasse** que tenho mantido de CR\$ 4 milhões a CR\$ 6 milhões (DINHEIRO ECO)
4. Mas , como ela não lê meus artigos , **se vocês não contarem** não há como ela saber . (BRASIL POL)
5. a cabeça há oito meses e até já registrei , mas , **se eu contar** , amanhã estréia uma coisa parecida por aí " , disse (ILUSTRADA ND)
6. É uma história tão carregada de inusitados que , **se fosse contada** por a pena de um Gabriel_García_Márquez ou qualquer (OPINIAO OPI)

DEPOR: 1 ocorrências:

1. ▫ Menino que acusa Jackson não sabe se vai depor (ILUSTRADA ND)

PRONUNCIAR: 0

DISCURSAR: 0

RETRUCAR: 0

EXCLAMAR: 0

